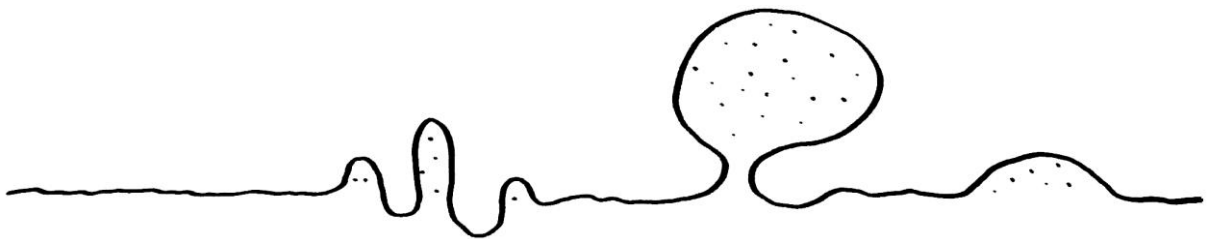


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA – PROPAR



Formas do acolhimento na Vila Tronco

Entre rastros, restos e curvâncias do espaço



Dissertação de Mestrado
Ana Luiza Grehs Leite

Orientador: Prof. Dr. Fernando Fuão

Porto Alegre, 2016

Ana Luiza Grehs Leite

Formas do acolhimento na Vila Tronco:
entre rastros, restos e curvâncias do espaço

Dissertação de mestrado apresentada para
obtenção do grau de Mestre em Arquitetura
pelo Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura – PROPAR – da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof. Dr. Fernando Fuão

Porto Alegre, 2016

CIP - Catalogação na Publicação

L533f	<p>Leite, Ana Luiza Grehs</p> <p>Formas do acolhimento na Vila Tronco: entre rastros, restos e curvâncias do espaço / Ana Luiza Grehs Leite ; Orientadora Fernando Fuão. – Porto Alegre, 2016.133 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura.</p> <p>1. Arquitetura 2. Acolhimento 3. Vilas 4. Avenida Tronco I. Título. II. Fuão, Fernando</p> <p>CDD 72</p>
-------	---

Ana Luiza Grehs Leite

**Formas do acolhimento na Vila Tronco:
entre rastros, restos e curvâncias do espaço**

Dissertação de mestrado apresentada para
obtenção do grau de Mestre em Arquitetura -
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
(PROPAR) da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (UFRGS).

Aprovado em _____ de _____ de _____.

Prof. Dr. Fernando Fuão - Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Dirce Solis
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Simone Paulon
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. João Rovati
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Pellegrini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 2016

A meus pais, Sergio e Luiza.

Agradecimentos

À Dona Clenir, liderança comunitária da Vila Tronco e amiga, e sua família, ao Darlei, educador do Instituto de Integração Social, e aos jovens do Instituto, que me receberam na Vila Tronco.

A toda comunidade da Vila Tronco, pela abertura e confiança.

À UFRGS, que me acolheu, e a todos os professores, funcionários e estagiários do PROPAR.

À CAPES, que financiou minha pesquisa.

A Fernando Fuão, meu orientador, pelas lições de generosidade, paciência, alegria e amizade.

Aos alunos das turmas da graduação do Fuão, pela abertura e pela aprendizagem em sala de aula e nas estadas na Vila.

À Regina, do DEMHAB, pela ajuda e pelo alegre reencontro.

A Ernani, da SECOPA, pela disponibilidade e interesse em ajudar na pesquisa.

À Rafa, pela ajuda decisiva nesse trabalho e pela nossa amizade.

A Flávio Van der Laan, pelo apoio e delicado empurrão no meu reingresso no mundo acadêmico.

Ao Paulo, pela vida comum, pelo acolhimento em todas as situações, pelo aprendizado da espera e, também, do encontro.

À Johanna, minha filha, por todas as pausas durante a jornada desse trabalho, pelo olhar a mim mesma de todos os dias.

A meus irmãos, Leandro e Rodrigo, pelo apoio e carinho, e a Pedro, pela visão gráfica, imprescindível na elaboração das imagens desse trabalho.

À minha mãe, Luiza, pela paciência e confiança, pelo exemplo de persistência e disciplina, pelas longas horas a mim concedidas de silêncio e, à Johanna, de cuidadosa alegria.

Ao meu pai, Sergio, meu primeiro incentivador na Arquitetura, e, também, meu primeiro exemplo nessa área, além de avô cuidador.

A Junior, pela presença no iniciar dessa longa caminhada, pelo incentivo mesmo quando dos obstáculos mais difíceis, pela visão além, pela herança de amor.

A todos, que de alguma maneira me ajudaram na realização desse trabalho, muito obrigada!

RESUMO

O olhar ao espaço e à arquitetura, a partir do pensamento da Hospitalidade, é um olhar que busca pela dimensão de abertura, de fluidez do lugar; uma perspectiva que vai além da própria materialidade, geometria, adentrando na sutil dimensão humana, vivida do espaço. Num relato da experiência de ser recebida na Vila Tronco, comunidade de Porto Alegre, busco, no presente trabalho, revelar formas do acolhimento manifestadas nesse território informal, espontâneo, lugar à margem do resto da cidade. A partir do pensamento de Levinas, Derrida, Deleuze, inicio o trabalho com uma visão afastada, cartográfica da Vila para, mais além, adentrar no território; busco, então, identificar, através da perspectiva adotada por Fernando Fuão, as formas do acolhimento, os afetivos lugares de encontro da comunidade. Numa poderosa capacidade de reconstituição, a Vila cria e recria formas de acolher, grandes aberturas, clareiras, em meio ao espaço tantas vezes fechado, hostil. Posicionada junto a uma grande avenida em processo de duplicação, a Avenida Tronco, a comunidade, que tem absorvida boa parte de seu território, manifesta uma lúcida atitude receptiva, abrindo-se ao outro e constituindo uma nova fronteira, uma nova superfície de relação.

Palavras-chave: Acolhimento. Arquitetura. Vilas. Vila Tronco. Avenida Tronco.

ABSTRACT

The look to space and architecture, built on the thought of Hospitality, is a look that seeks the dimension of openness and fluidity of the place; it is a perspective that goes beyond the materiality and geometry themselves and enters the subtle human and lived dimension of space. In this work, through the narration of the experience of being received in *Vila Tronco*, community of Porto Alegre, I seek to reveal the welcome forms expressed in this informal and spontaneous territory, a outlying place from the rest of the city. From the thought of Levinas, Derrida and Deleuze, I start with a distant and cartographic view of the slum, to further enter the territory – I search to identify, through Fernando Fuão's perspective of welcome forms, the affective gathering places of the community. With a powerful ability of reconstitution, the slum creates and recreates forms of welcome, large openings, clearings amid the often enclosed and hostile space. The duplication process of the large Tronco Avenue has absorbed much of the territory of the slum, which is positioned nearby. Even so, the community expresses a lucid receptive attitude, opening up to the other and building a new frontier, a new relationship surface.

Keywords: Welcome. Architecture. Slums. *Vila Tronco*. Tronco Avenue.

Sumário

Introdução	9
1 Um primeiro acolhimento	15
1.1 Silêncio	17
1.1.1 A Hospitalidade e a Deconstrução	18
1.2 Bordas da Vila Tronco: limites no espaço e no tempo	21
1.2.1 O tempo presente: 2016	22
1.2.2 O tecido precedente: final do século XIX até anos 1940	30
1.2.3 Caminhos e descaminhos da Vila: anos 1950 até 1970	35
1.2.4 Acomodações do lugar: anos 1980 até dias atuais	44
1.2.5 Sínteses gráficas do movimento	46
1.3 Apenas rastros	49
2 Formas do acolhimento	51
2.1 Dar lugar ao lugar	53
2.1.1 Nem dentro, nem fora: o duplo sentido das superfícies	55
2.1.2 Interioridade como desdobramento do lado de fora	57
2.1.3 Formas favoráveis ao acolhimento	59
2.2 Espaços do acolhimento na Vila Tronco	63
2.2.1 O desenho das curvâncias	66
2.2.2 Adentrando em dobras, e redobras, do tecido	67
3 Entre Vila e avenida	95
3.1 Ao longo da margem neutra	97
3.2 O jogo e suas marcas	99
3.2.1 Vila x Avenida	100
3.2.2 Casas pelo caminho: continuidade e desvios do percurso	102
3.2.3 O projeto da avenida	105
3.2.4 Demolições, ruínas, recuperação	109
3.3 Nova superfície, novos sentidos	114
Considerações finais	119
Lista de figuras	127
Referências bibliográficas	130

Introdução

Os espaços do acolhimento são lugares da alteridade, da diferença; lugares em que me encontro com o outro, com o outro presente em mim; lugares em que acesso minha própria condição aberta, hospitaleira, plural. O olhar à luz da Arquitetura a partir do pensamento da Hospitalidade, de Levinas e de Derrida, é um olhar que busca *des-cobrir* a sutil dimensão humana, a dimensão de abertura e de fluidez do espaço. Um olhar positivo e pacificador, que enxerga a hospitalidade como algo essencial, primordial em todos os seres, e que entrevê, também, em todos os espaços, a possibilidade da relação de abertura.

O tema da pesquisa aborda as formas do acolhimento da Vila Tronco, comunidade de Porto Alegre. Conhecidas como *favelas* em outras regiões do país, as vilas são espaços marginais da cidade formados a partir de mecanismos espaciais outros, lógicas outras, mesmo que profundamente entrelaçadas com os espaços e processos da cidade formal. O presente trabalho partiu de uma vivência na Vila iniciada em 2013, junto às turmas da graduação em Arquitetura da UFRGS, do Professor Fernando Fuão. Num contato com a realidade em amplo processo de transformação, em função do início das intervenções espaciais ocasionadas pelo alargamento da avenida que bordeia a comunidade, a Avenida Tronco, vivenciei o espaço numa marcante fase de início da demolição de parte do território, que se desdobrou numa nova superfície de fronteira formada, mais de três anos depois. O olhar que introduz essa pesquisa parte de um afastamento da realidade já experienciada, através de um ponto de vista cartográfico da realidade, *de fora*; numa segunda parte do trabalho, desloco minha perspectiva, adentrando no território, buscando pelas formas do acolhimento manifestadas na Vila.

A pesquisa das formas do acolhimento busca atingir a escala das *curvâncias*. Curvâncias do acolhimento são uma maneira de representação da experiência de ser acolhido. Para além das dimensões geométricas do espaço, essa forma de representação que Fernando Fuão traz discorre sobre uma dimensão emocional, sutil do espaço, em que limites são feitos indefinidos e transponíveis. Nessa aproximação que a própria escala proporciona – em que adentro em espaços não vistos, cantos, lugares que restam de cortes, incisões e simplificações espaciais – reproduzo as imagens da Vila também ampliadas. Um olhar a menos registros, menos fotos, mas que busca captar mais sentidos, mais diferentes pontos de vista do espaço.

O trabalho, nesse sentido, objetiva a realização de análises espaciais da Vila Tronco sob a ótica do acolhimento. Numa revisão bibliográfica do tema da Hospitalidade, e de outros que se alinham à mesma corrente de pensamento, aliada à própria experiência no território, busca-se trazer uma visão panorâmica da formação da Vila, numa desconstrução do atual tecido, visando à multiplicação dos sentidos do espaço atual. Objetiva-se, também, analisar as formas

do acolhimento da Vila a partir da escala das curvâncias, num olhar próximo e afetivo do espaço. No contexto de amplas intervenções espaciais no território, o trabalho também tem como objetivo olhar o processo de profunda transformação espacial sob a ótica da Hospitalidade, num aproveitamento da própria condição da área pesquisada: uma linha de fronteira entre a Vila e cidade formal, lugar nem dentro, nem fora.

Numa metodologia criada ao longo do processo de pesquisa, sistematizada durante o conhecimento da realidade estudada – a Vila Tronco – e durante a revisão bibliográfica do tema da Hospitalidade, os procedimentos do trabalho foram os seguintes: uma primeira vivência no espaço da Vila, num contato com a comunidade mais livre, afetivo, para além do foco nas formas do acolhimento; uma posterior pesquisa da formação do espaço a partir de dados cadastrais e estatísticos, num acesso às configurações passadas, atuais e em implantação, em especial ao atual processo de alargamento da Avenida Tronco; e uma volta ao território, numa atenção às formas do acolhimento manifestadas na Vila, no interior do território e nas bordas tocadas pela atual intervenção espacial.

O trabalho estrutura-se em três partes, correspondentes aos três capítulos em questão, que não seguem a ordem dos procedimentos metodológicos descritos anteriormente. O primeiro capítulo trata de uma primeira aproximação à ideia do acolhimento, assim como do próprio acolhimento da Vila já efetivamente acolhida, vivenciada. Esse *re-acolher* passa pelos temas da Hospitalidade e da Deconstrução, do olhar cartográfico ao território e às marcas do passado, além de procurar remontar as atuais estruturas espaciais.

O segundo capítulo objetiva adentrar na realidade da vila, nas atuais configurações do território, na busca pelas manifestações espaciais do acolhimento. Partindo de uma revisão bibliográfica a respeito do tema, retomando a ideia da Hospitalidade em Derrida, passando pelas superfícies e dobras do pensamento de Deleuze, reconhecendo frestas, baías, clareiras, ilhas, fendas – formas propícias ao acolhimento –, atinge-se a representação das curvâncias do acolhimento, numa proposta de Fernando Fuão.

O terceiro capítulo é um olhar à Vila a partir da questão da Avenida Tronco, considerando o atual momento de amplas mudanças e de projeção do espaço futuro. Em mais um aprofundamento da visão da realidade trazida pelo pensamento da Hospitalidade, essa última parte do trabalho se assenta sobre a própria linha de fronteira da Vila, num reconhecimento de forças e conflitos presentes no processo de reassentamento e implantação do eixo viário e, também, de desdobramentos e frestas manifestados que poderão trazer novas formas do acolhimento à nova superfície de contato da Vila com a cidade formal.

A revisão bibliográfica permeia as três partes da pesquisa, sem receber um destaque

dentro do corpo do trabalho como uma etapa prévia e separada do todo, ocorrendo em três diferentes e complementares momentos, em embasamentos teóricos estruturados capítulo a capítulo.

Um primeiro acolhimento

1º capítulo

Vós nascestes juntos, e juntos permanecereis para todo o sempre.[...]
Mas que haja espaços na vossa junção.
E que os ventos do céu dançam entre vós.
Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão:
Que haja, antes, um mar ondulante entre as praias de vossa alma.
Enchei a taça um do outro, mas não bebais na mesma taça.
Dai do vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço.
Cantai e dançai juntos, e sede alegres; mas deixai cada um de vós estar sozinho,
Assim como as cordas da lira são separadas e, no entanto, vibram na mesma harmonia." (GIBRAN, 1978, p. 13 - 14)

1.1 Silêncio

Um parar, uma interrupção do ato de responder, um tempo para não saber. Um suspender-me, um recortar-me, um liberar-me de todo contexto. O falar a partir do silêncio é um falar outro, é um falar acompanhado de um salto. O silêncio permite-me ir além. Libera-me da linguagem voltada sobre mim mesma e possibilita que me repositone. Para que o encontro se dê, é necessária a manifestação de um hiato. É necessário sair de casa para conseguir *re-pousar*, para permitir que a mente se assente num lugar outro, para reposicioná-la, dando um novo fundamento ao pensamento: uma mudança de perspectiva; uma escuta; uma reconsideração; um ser hóspede, novamente; um *de-morar-me*, dizendo “sim” ao outro.

Todo ato de *re-pensar* é precedido de um entretempo, uma interrupção, uma *não-resposta*. Derrida (2008, p.136), nas suas meditações sobre o pensamento de Emmanuel Levinas, trata da ideia do silêncio:

Ele [o silêncio] marca uma heterogeneidade, uma descontinuidade entre duas ordens, [...]. Entre-tempo de uma indecisão a partir da qual apenas uma responsabilidade ou uma decisão devem ser *tomadas* e devem determinar-se. É mesmo a partir dessa não-resposta que uma palavra pode ser *tomada*, e sobretudo *dada*, que alguém pode pretender "tomar a palavra", [...]. (DERRIDA, 2008, p. 136)

Para falar sobre a experiência de imersão na Vila Tronco e a profunda hospitalidade recebida, para falar das mais diversas formas do acolhimento que se manifestaram em mais de três anos de contato com a comunidade, deveria me ausentar. Deveria, então, parar para tentar voltar a um espaço neutro, à superfície, antes de prosseguir; deveria cessar a contínua busca, a prolongada errância, para tentar achar um foco. Como fala Fernando Fuão (2003, p.28), ao tratar dos situacionistas¹ e sua infundável deriva: “Não é no fato necessariamente de vagar pelo labirinto, numa espécie de novo nomadismo, que nos encontraremos, mas sim, talvez, o permanecer estático ante sua imensidão e complexidade.”

Minha experiência na Vila Tronco iniciou-se *in loco*², numa direta vivência na realidade. Sem significativos estudos preliminares, sem visões prévias afora o contato inicial com as lideranças comunitárias, minha entrada naquele universo junto à turma da graduação do Professor Fernando Fuão foi espontânea. Mesmo com algumas vivências anteriores em outras

¹ Nos anos 50, os situacionistas buscavam a construção de situações na cidade, principalmente com o ato de percorrer o espaço urbano partir da desorientação, do vagar incessante. Na criação de novas experimentações, espécies de ocupações urbanas, questionavam uma condição das pessoas da modernidade de espectadores de seu próprio território, propondo a produção de outras cartografias, relacionadas com a experiência afetiva no espaço. “Talvez a maior contribuição da Internacional Situacionista, se tivéssemos que resumi-la, seria a tentativa de derrubar todas as barreiras entre a arte e a vida” (FUÃO, 2003, p.23).

² Faço, aqui, já nesse início de trabalho, uma *referência-homenagem* ao grupo de extensão da faculdade de Arquitetura em que estudei, UniRitter, a partir do qual fui introduzida no universo das vilas: chamava-se *In Loco*. Formado por estudantes, tendo alguns professores apoiadores, o grupo, numa proposta muito próxima do que hoje se chama Escritório Modelo (EMAU), ampliava os limites da academia, fazendo um trabalho de profunda escuta numa comunidade coincidentemente muito próxima à Vila Tronco, a Vila Tronco Nossa Senhora do Brasil.

vilas próximas, inseria-me sem grandes construções acabadas sobre aquela realidade, com certa abertura, em silêncio. A partir da vivência no território, a comunidade passou a adquirir um sentido mais preciso para mim. E meu posicionamento inicial, mais próximo de um meio entre vila e cidade formal, tendeu a modificar-se.

Numa fase em que a realidade da Vila passava por amplo processo de transformação, com o início das intervenções espaciais em função do alargamento da Avenida Tronco, numa grande faixa do território em processo de demolição, vi-me tomando partido da situação, fixando-me em certo lado da questão, sobrepondo meu olhar a muitos outros olhares que antes haviam me acolhido.

Esse trabalho inicia-se a partir do silêncio, de um intervalo criado entre a experiência direta no território e a especificidade da reflexão – o estudo sobre os espaços do acolhimento na Vila Tronco. Numa perspectiva distante, num olhar de fora à realidade já vivenciada e introduzida, numa perspectiva desviada, desorbitada, que visa a refamiliarização, a nova abertura, a abertura maior, busca-se não por uma visão definitiva e total, mas por uma visão outra da realidade. O pensamento da Hospitalidade estará presente nesse intervalo, espaçamento criado para o próprio acolhimento da idéia de acolhimento. Acolher mais e mais. Reacolher a Vila. Reacolher o próprio acolhimento. E, desde já, dar início à busca por um entendimento outro da Arquitetura, à busca por acessar a dimensão de fluidez e de abertura do espaço, dimensão que deverá levar, mais além, às formas do acolhimento buscadas.

1.1.1 A Hospitalidade e a Deconstrução

O outro está em mim, me habita, ao mesmo tempo que é infinitamente distante de mim. A Hospitalidade, pensamento manifestado por Emmanuel Levinas (2002), e amplamente desenvolvido por Jacques Derrida, trata da condição primordial de todos os seres de serem hóspedes e hospedeiros uns dos outros, ao passo que, separados, possuidores de uma interioridade própria, inacessível.

A paz e a amistosidade não são valores a serem instituídos, buscados, mas fazem parte da essência de todas as coisas. Para Levinas e Derrida, a hospitalidade é algo originário, uma abertura primeira, princípio presente em toda cultura, e parte de todo vínculo social, funcionando como uma base comum, que inscreve em todos os seres a marca do acolhimento. A essência da própria linguagem é a hospitalidade, acolhimento da expressão do outro. O ser é hospedeiro desde sempre, heterogêneo e plural (DERRIDA, [1997]). A alteridade é a própria essência do ser. (LEVINAS, 2002). E o fechamento não é mais do que uma reação a essa

abertura originária: “[...] o fechar a porta, a inospitalidade, a guerra, a alergia já implicam, como sua possibilidade, a hospitalidade oferecida ou recebida: uma declaração de paz original, mais precisamente pré-originária.” (DERRIDA, 2008, p.66).

Em “Totalidade e infinito”, Levinas (2002) fala que a profunda relação com o outro não desfaz a separação. A primordial receptividade não anula o distanciamento infinito entre os seres, não anula os pontos de vistas diversos da realidade, não pressupõe a existência de verdades universais. A relação com o outro é sempre acompanhada de uma desigualdade. *O outro é o outro*, irreduzível, e a hospitalidade é a própria acolhida do outro em toda sua alteridade. Estar aberto é estar verdadeiramente aberto, sem se opor, sem negar as diferenças. Por isso, a relação, o encontro, a hospitalidade não se excluem de tensão. Quando acolho, acabo sendo também acolhida pelo outro, de modo que sou, ao mesmo tempo, uma hóspede e uma refém.

As duas figuras a partir das quais a Hospitalidade é entendida, a do hospedeiro, ser que oferece o abrigo e acolhe, e a do hóspede, ser abrigado, recebido, são figuras não binárias, não opostas, mas duplas, de limites indefinidos. Representam, em simultaneidade, o dentro e o fora, o dar e o receber, a dobra e a reta, a imobilidade e o movimento, a casa e a rua. A partir da obra de Roland Barthes, “Fragmentos de um discurso amoroso”, Fernando Fuão faz uma analogia dessas duas figuras centrais da Hospitalidade ao *ser da espera* e ao *ser da errância*: “Espera e errância, um em direção ao outro, figuras próprias de uma aporia topológica, nem dentro nem fora, dentro e fora simultaneamente, interioridade que se realiza na exterioridade da outra, exterioridade na interioridade outra.” (FUÃO, 2014, s.p.).

A espera é o ser que aguarda, que guarda o *dentro*. O próprio *dentro*. Previsível e familiar, ela é uma interioridade aguardando pela ocupação. Pode ser entendida como uma figura inicial, um princípio do acolhimento, um espaço a esperar pelo outro, aberto. O errante, o que vem de fora, sempre de passagem e propenso a chegar, é o próprio *fora*. Incontrolável, imprevisível, não-familiar, sinistro, ele é o outro.

O errante chega, a espera se abre; ele desorganiza e toma lugar; e ambos, um no outro, no dentro do fora, e no fora do dentro, fazem surgir um inesperado sentido. O encontro se dá no interior de cada uma das figuras: “Nunca se sabe bem quem realiza quem, quem oferece espaço ao outro, se a espera ou o inesperado. São os dois em simultaneidade que criam o espaço da existência” (FUÃO, 2014, s.p.). Não há o um sem o outro, um contém o outro, e vice-versa. Fuão chama essa indefinição de *esperrância*: “Esperar na errância, errar na espera. Bordas, limites de uma situação em intermitente deslocamento.” (FUÃO, 2014, s.p.).

Na questão do acolhimento do outro, da alteridade, o olhar à diversidade aponta para a

precariedade dos sentidos das coisas, para a própria espectralidade do real. Tudo é heterogêneo, construído, não rígido, e as repartições, as fissuras, embora dissimuladas, podem ser apreendidas. É nesse sentido que Derrida traz a ideia da Deconstrução, uma proposta de desmontagem do pensamento, na busca das estruturas não vistas e algum princípio de formação que permita reinterpretar, outros modos de ver o real, numa remontagem das heterogêneas camadas que compõem as coisas. “Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível.” (DERRIDA, 1991, p.7). É, portanto, uma descoberta de outros discursos dentro dos discursos hegemônicos, uma busca pela não-exclusão e pelo acolhimento da diferença. Derrida propõe um olhar às origens dos conceitos, mas desconstruindo a própria noção de origem, princípio não pleno, não simplista, origem que se forja na própria alteridade. A Deconstrução não caracteriza um método, mas um “modo de estar” no pensamento, de permanecer nele, de acompanhar o processo que está se dando. Um olhar para o próprio movimento, para além do objeto construído em si, num situar-se na própria insegurança, nunca atingindo uma unidade de sentido. No atravessamento dos próprios limites da filosofia, o pensamento de Derrida compõe uma obra de transições, de umbraes (CRAGNOLINI, 2004).

1.2 Bordas da Vila Tronco: limites no espaço e no tempo

Afasto-me, olhando por sobre a Vila. Afasto-me, também, olhando para trás, para as origens das atuais configurações, para memórias encobertas, partes não reveladas do território, rastros que indiquem princípios e mecanismos de formação do espaço, tópicos, que ajudem na desconstrução da minha limitada visão e reconstrução da realidade que, por hora, despenca solidamente. Busco *re-conhecer* o já visto, agora, dentro das alturas: a partir de registros cartográficos do território, mapas, projetos de urbanização, levantamentos aerofotogramétricos, fotos de satélite, enfim, de uma base cadastral de recortes históricos situarei meu olhar, nesse momento, na dimensão dos processos de transformação urbana.

Saio de um *dentro*, e me reponho em outro *dentro*. Um *dentro* do *fora* da Vila.

Antecipo em que meu olhar aéreo se imiscuirá: no tecido urbano que antecedeu a ocupação da Vila, do final do século XIX até a década de 1940; nos primeiros caminhos trilhados pela comunidade, entre a década de 1950 e 1970, e nas configurações da fase de consolidação do território, dos anos 1980 até os dias atuais. Olharei para fotografias da realidade vista de cima. Retratos, que não aspirarão realismo: *operações de amputação da realidade*, afastamento, separação, fragmentação, paralisia do mundo. (FUÃO, 2011). Reproduções infiéis, construídas. Na verdade, a Vila é algo irrepresentável – espaço fluente, irregular e denso, incaptável ao olhar acostumado às perspectivas da cidade formal, claras, arejadas e à solidez das suas imagens acabadas. Não há equipamento ou ferramenta que consiga por si só construir um levantamento satisfatório de um espaço com tais propriedades. A Vila é inacessível ao olhar acomodado, superficial, que não se permite ultrapassar a exterioridade de seus espaços. Mas, aproveito, aqui, a condição de distanciamento e relativa neutralidade que a fotografia traz, para me introduzir nessa perspectiva separada. E aproveito, também, a sua própria irrealidade para girá-la³ e recortá-la ortogonalmente, acolhendo, dentro de seu fragmento, os elementos que parecem mais significativos a cada etapa da análise, abstraindo, algumas vezes, formas específicas para a construção gráfica. Recorro aos levantamentos seguindo uma disposição cronológica, mas, também, experimento inversões. Começarei pelo momento atual, olhando para o presente, para a situação da Vila Tronco dentro do extenso complexo de ocupações informais na qual está inserida, e do contexto urbano que a bordeia. Mais além, retornarei a essa mesma fotografia, mas sob outras perspectivas.

³ Em relação ao direcionamento convencionado ao norte, todos os levantamentos foram girados 54 graus no sentido horário.

1.2.1 O tempo presente: 2016

Assento-me num território de limites não determinados. Limites instáveis, imprecisos, que se alteram entre o olhar público e o comunitário, que se reconfiguram de acordo com cada projeto governamental colocado em vigência. A Vila Tronco é uma das comunidades que compõe o complexo de vilas denominado *Grande Cruzeiro*, também chamado *Vila Cruzeiro*.

A ótica oficial considera a região da Grande Cruzeiro pelo viés do Orçamento Participativo⁴, que recorta o território em dois bairros, Santa Tereza e Medianeira, denominando-o *Região da Cruzeiro*. Grande Cruzeiro também pode se referir ao ponto de vista da *União de Vilas da Grande Cruzeiro*, antiga organização de associações de moradores da região, perspectiva mais abrangente, que reúne as comunidades pela proximidade geográfica e política, um olhar possivelmente mais próximo ao do senso comum que reconhece o grande conjunto de vilas como *Vila Cruzeiro* (ÁVILA ; ARAÚJO, 2006). Há diferenças também na definição dos limites da Vila especificamente estudada, a Vila Tronco. Ora o seu território ocupa os dois lados da Avenida Tronco, sendo transpassado por ela, ora se restringe a um dos lados, à face oposta ao *Postão* – Centro de Saúde Vila dos Comerciários –, junto à área do Exército Brasileiro. Num sentido oposto, a vila pode tanto ser inscrita entre o Beco 16 e a sede do Conselho Tutelar, quanto entre o mesmo beco, estendendo-se até a Rua Mariano de Matos.

Quanto aos nomes da comunidade em específico estudada, tem-se oficialmente a adoção de duas denominações diferentes, *Vila Tronco* e *Vila Tronco Postão* – mais três vilas levam o mesmo nome *Tronco*: *Vila Tronco Nossa Senhora do Brasil*, *Vila Tronco Neves* e *Vila Tronco Pantanal*. A denominação mais sucinta, *Vila Tronco*, atribuída ao território desde antes dos anos 1980, e que identifiquei corrente na própria comunidade, carrega também variantes nas documentações oficiais, ora se referindo ao território da específica Vila, ora dizendo respeito ao conjunto das Vilas Tronco.

Nesse trabalho, irei me basear no conceito de Ávila e Araújo (2006) para o território da Grande Cruzeiro, perspectiva que engloba a percepção não oficial da União de Vilas da Grande Cruzeiro uma série de outras comunidades localizadas em território próximo, unindo a esse olhar outras vilas pertencentes a Região do Cristal, do Orçamento Participativo, localizadas no território abrangido pelas obras da Avenida Tronco, utilizando como referência a perspectiva oficial de Moraes e Anton (2000). Parece-me conveniente a adoção de tais limites mais acolhedores, transbordantes, pela atual circunstância de implantação do extenso projeto de reurbanização da região pelo alargamento e extensão da Avenida Tronco. Nessa

⁴ O Orçamento Participativo, criado em 1989, é uma proposta de discussão em coletivo sobre a destinação de parte das verbas do município, em consultas contínuas às populações a respeito dos projetos propostos, visando a descentralização das decisões políticas.



Figura 1.1 Localização do complexo de vilas (em amarelo). No detalhe, localização dentro do município de Porto Alegre. Fonte: Adaptado de Google Earth (Acesso em: 20 jan. 2016)

perspectiva adotada, o complexo de vilas da qual a Vila Tronco faz parte atravessa cinco bairros, Santa Tereza, Medianeira, Cristal, Teresópolis e Nonoai, num grande território informal de mais de 60 comunidades.

Com relação à definição dos limites da Vila ora pesquisada, utilizarei o viés do DEMHAB, Departamento Municipal de Habitação, adotado no EVU (Estudo de Viabilidade Urbanística) para a área, no qual o território limita-se ao lado da Avenida Tronco oposto ao *Postão*, e também ao Beco 16 – na fronteira com a Vila Nossa Senhora do Brasil –, à sede do Conselho Tutelar, à Estação de Tratamento de Esgoto do DMAE, ao loteamento residencial junto à Rua Mariano de Matos e à área do Exército. Empregarei a denominação corrente *Vila Tronco* para tal comunidade.

A passagem pelo panorama de indefinições de métodos e bordas adiante parece falar sobre a inviabilidade do fechamento dos conceitos, sobre a permeabilidade dos limites, sobre a incerteza da territorialização. Utilizarei os dados relativos às metodologias escolhidas, mas sem o compromisso de me cristalizar nesses específicos retratos da realidade.

Segundo os dados do Censo de 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E



Figura 1.2 Localização da Vila Tronco dentro do complexo de vilas (em amarelo). Fonte: Adaptado de Google Earth (Acesso em: 20 jan. 2016)

ESTATÍSTICA, [201-]), dos 1.409.351 habitantes do município de Porto Alegre, 192.843 vivem em vilas, chamadas de aglomerados subnormais⁵, 13,68% da população total, correspondendo a 56.024 domicílios. Das 108 vilas levantadas no município, o complexo no qual a Vila Tronco se insere, com mais de 60 comunidades, compõe uma parcela expressiva desse total. Quase todo o território é classificado pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental do município (PDDUA) como AEIS, Áreas Especiais de Interesse Social⁶. O município é proprietário de grande parte da área. Gradualmente, vem implantando, através do DEMHAB, Departamento Municipal de Habitação, projetos de regularização da posse da terra através do Programa de Regularização Fundiária (PRF).

Na Zona Sul de Porto Alegre, numa área não muito distante do centro da cidade, o complexo de vilas se estende por dois morros⁷, Santa Teresa e Primavera, esse mais conhecido

⁵ Adotado pelo IBGE desde 1987, o conceito de aglomerado subnormal engloba as diferentes formas de se referir dentro do território nacional às áreas de ocupação irregular - favelas, vilas, grotões, mocambos, baixadas, palafitas. O conceito diz respeito a um conjunto de pelo menos 51 unidades habitacionais sem título de propriedade, formalmente irregular em termos de implantação de vias e lotes e/ou ausente de serviços públicos básicos.

⁶ As AEIS são territórios ocupados por população de baixa renda onde há interesse público em promover a urbanização ou a regularização jurídica. Com o objetivo da manutenção de Habitação de Interesse Social, visa-se a não remoção dos moradores e a integração de vilas e loteamentos irregulares à cidade. O conceito surge em 1995 em lei complementar do Plano Diretor de 1979 (PDDU). Nas áreas definidas como AEIS, o regime urbanístico é flexibilizado, podendo ser reconsiderados tamanho de lotes, recuos viários, entre outros aspectos da lei. (MORAES, 2007).

⁷ Os morros fazem parte da plataforma de formação granítica em suaves cumes arredondados que compõem a paisagem de Porto Alegre. O município, com clima caracterizado pelo frio e calor intensos, num complexo de restingas, banhados, morros e lagoas, situa um encontro dos ambientes continental e costeiro (MENEGAT, 1998). Junto à orla do Lago Guaíba, numa região de transição entre o Centro e o Sul mais extremo da cidade, os morros Santa Teresa e Primavera constituem entre si uma extensa área de vale. A região, amplamente caracterizada no PDDUA como AEIS, Áreas Especiais de Interesse Social, também possui zonas instituídas como Áreas de Proteção do Ambiente Natural, com remanescente vegetação de matas e campos, em que incidem nascentes e fauna nativa, e também zonas designadas Áreas de Interesse Cultural, numa história de ocupação que remonta o início do século XIX, e que deixou alguns exemplares arquitetônicos daquele



Figura 1.3 Aproximação Vila Tronco. Fonte: Adaptado de Google Earth (Acesso em: 20 jan. 2016)

pelo nome dos morros ao lado, Teresópolis ou Santa Teresa, e também por áreas mais planas junto aos morros. O Morro Santa Teresa, onde está a Vila Tronco, de 148m de altura (MENEGAT, 1998), é encimado pela Rua Corrêa Lima, onde um antigo belvedere faz o remate do percurso, apontando para uma bela vista do Lago Guaíba, o conhecido *Rio Guaíba*. O morro tem amplas áreas de vegetação nativa junto a vilas e áreas de urbanização formal, de padrão médio e alto. Numa ocupação mais residencial, em casas, condomínios de casas e edifícios, com alguma incidência de pequenos comércios, o morro ainda situa a ampla área do Exército Brasileiro, a Igreja Nossa Senhora do Brasil, uma torre de telefonia celular, estações de rádio e televisão, uma saibreira já desativada e a grande área da FASE, Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (RIO GRANDE DO SUL, [2013])⁸.

O Morro Primavera, com altura de 139m (MENEGAT, 1998), tendo a Rua Orfanatrópio implantada na sua crista, é totalmente ocupado pela urbanização. O morro combina vilas e áreas regulares, de padrão médio, numa ocupação basicamente residencial de casas e conjuntos de edifícios, com alguns pequenos comércios. Tem duas grandes áreas destinadas ao ensino privado, uma escola e uma universidade, *UniRitter Laureate*, uma estação de rádio e televisão, e uma pedreira de extração de granito, já desativada.

século e do início do século XX: o *Solar Paraíso*, prédio do início do século XIX, em arquitetura colonial, tombado pela EPAHC (Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural), o Asilo Padre Cacique, do final do século XIX, também tombado pela EPAHC, e os dois prédios da FASE, tombados pela IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado).

⁸ A FASE, antiga FEBEM, é um órgão estadual de execução de medidas sócio-educativas à jovens que cometem crime. O órgão situa-se numa vasta área instituída como Área de Proteção do Ambiente Natural e Área de Interesse Cultural, com um conjunto arquitetônico histórico existente, os prédios da antiga *Escola Santa Teresa* e do antigo *Asilo São Joaquim*. A área faz parte do complexo criado por Joaquim Cacique de Barros, o Padre Cacique, junto à avenida que leva seu nome, Avenida Padre Cacique. O prédio neoclássico da antiga *Escola Santa Teresa*, com suas obras iniciadas em 1846, concluídas em 1864, é atribuído ao arquiteto francês Auguste Grandjean de Montigny, integrante da Missão Artística Francesa. A escola para meninas órfãs foi encomendada por Dom Pedro II, e sua denominação é uma homenagem à Imperatriz Dona Teresa. Acredita-se que a escola teria dado nome ao Morro Santa Teresa. O *Asilo São Joaquim*, construído em estilo eclético, foi fundado apenas em 1932, e destinou-se à educação de meninos órfãos. As duas edificações foram bastante alteradas em seus aspectos estéticos, de fachada, e técnicos. Na década de sessenta, durante o governo militar, o complexo abrigou, além de menores infratores, presos políticos. O conjunto criado por Padre Cacique também inclui, fora do território da FASE, o *Asilo Padre Cacique*. Em 1880, o prédio, chamado originalmente de *Asilo de Mendicidade*, abrigando mendigos da cidade, teve sua construção iniciada, sendo finalizada em 1898. Atualmente funciona como asilo filantrópico para idosos (RIO GRANDE DO SUL, [2013]).

A zona de vale entre os dois morros localiza o eixo da Avenida Tronco. A avenida é uma incorporação da Avenida Divisa, Rua Cruzeiro do Sul, Rua Moab Caldas e Avenida Teresópolis, perpassando quatro bairros, Cristal, Santa Tereza, Medianeira e Teresópolis. A grande obra da Avenida Tronco é uma intervenção de alargamento e de criação de continuidade entre esses percursos existentes. A avenida, caracterizada pelas vilas em toda a sua extensão, perpassa áreas formais de uso basicamente residencial de padrão médio, com casas, um grande conjunto de casas – Jardim Medianeira – e conjuntos de prédios, com alguns pontos de comércio. O grande edifício do Postão é a maior referência do percurso, que também passa por um posto da Brigada Militar, escolas públicas de Ensino Fundamental, E.E.E.F *Alberto Bins* e E.M.E.F. *Loureiro da Silva*, e uma sede do Conselho Tutelar.

A Avenida Tronco inscreve-se entre duas áreas de maior articulação com o resto da cidade, a área junto à orla do Guaíba, dos bairros Cristal e Praia de Belas, abrangida pelas Avenidas Beira-Rio, Padre Cacique, Diário de Notícias e Icaraí, que geram um deslocamento no sentido Centro-Sul da cidade, e a área dos bairros Medianeira e Teresópolis, mais afastada do rio, formada fundamentalmente pelas Avenidas Carlos Barbosa, também num sentido Centro-Sul, e pela Terceira Perimetral, num deslocamento Norte-Sul.

A área ligada à Avenida Tronco junto à orla é uma região composta por duas enseadas que receberam aterramento, e uma ponta entre elas, a *Ponta do Melo*. Ainda com uma ocupação baixa, o território situa alguns vazios urbanos que vem sendo ocupados por amplos empreendimentos privados. A região localiza alguns grandes equipamentos: o *Hipódromo do Cristal*, num conjunto de três prédios de autoria do arquiteto uruguaio Román Fresnedo Siri, tombado pela EPAHC (Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural); o *Complexo BarraShoppingSul*, um amplo empreendimento comercial, habitacional e de serviços; o já desativado *Estaleiro Só*, antiga empresa naval localizada na Ponta do Melo, área visada para grandes empreendimentos privados; a sede da *Fundação Iberê Camargo*, prédio projetado pelo arquiteto português Álvaro Siza, instalado numa

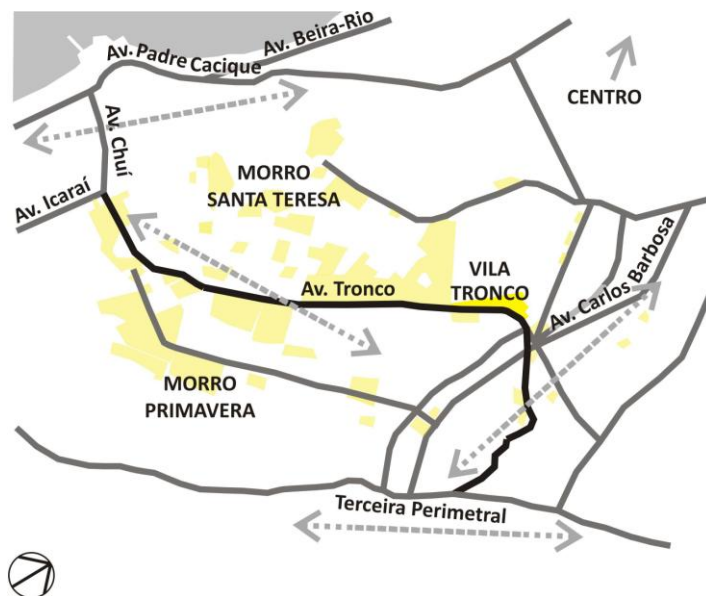


Figura 1.4 Esquema de fluxos. Fonte: Autora.

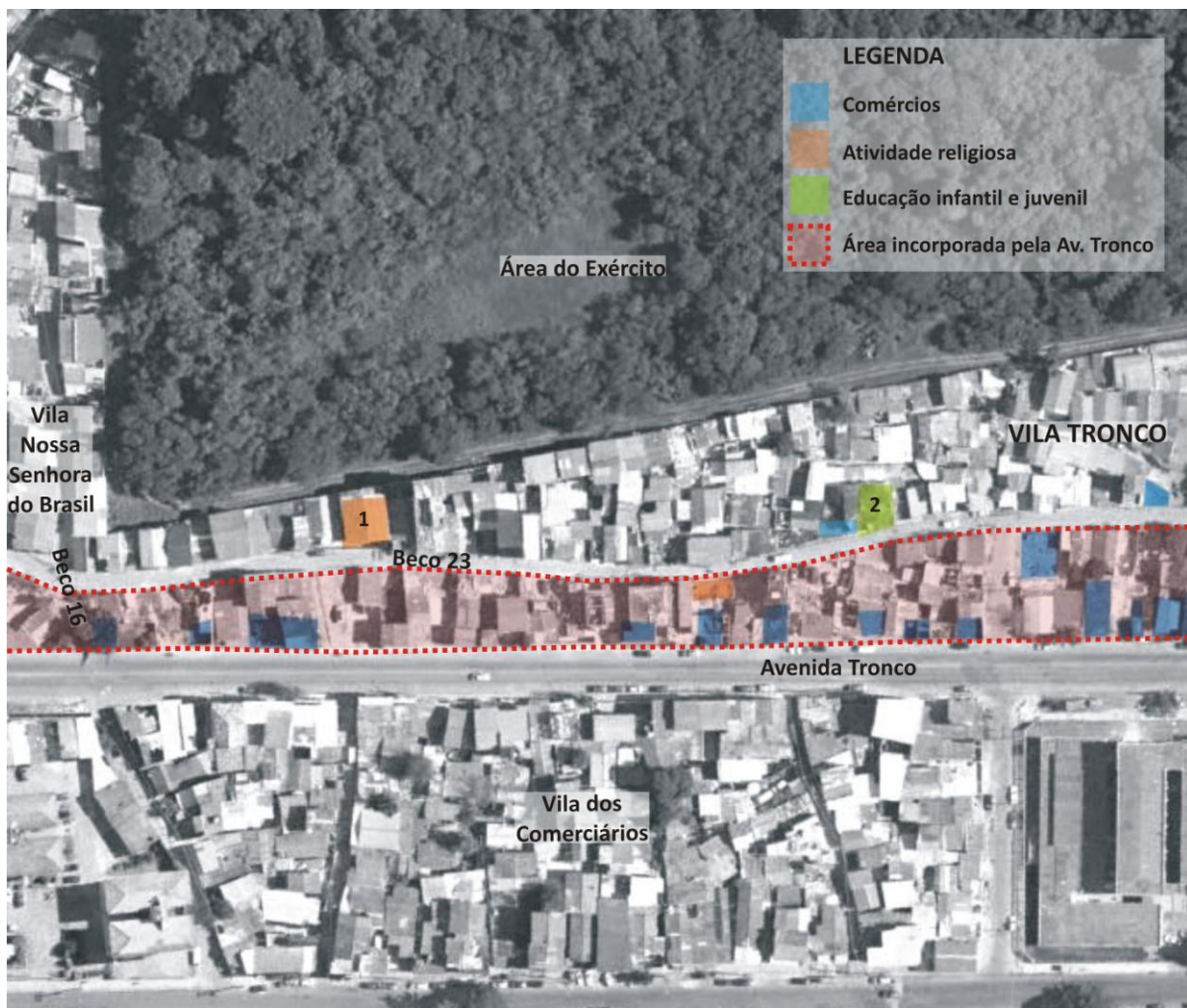
margem isolada da malha urbana dos bairros; as quadras das Escolas de Samba *Imperadores do Samba* e *Praiana* e da *Banda da Saldanha*; o *Asilo Padre Cacique*; e o estádio de futebol *Beira-Rio*, do *Internacional*, e seu complexo esportivo. A Avenida Tronco se comunica com essa área junto ao Guaíba através das Avenidas Chuí e Icaraí.

No outro extremo da Avenida Tronco, tem-se uma área de formação urbana mais consolidada, num uso residencial, com comércios pequenos e de médio porte reunidos principalmente na Avenida Carlos Barbosa, que abriga o antigo estádio *Olímpico*, do *Grêmio*, e na Terceira Perimetral. A Avenida Tronco liga-se à Avenida Carlos Barbosa, e mais além, à Terceira Perimetral, através do trecho da Avenida Teresópolis que está sendo incorporado.

A direta conexão com as duas áreas que o grande eixo da Avenida Tronco possibilita, em que numa percepção em planta parece muito evidente e fluída, não representa um fluxo significativo de atravessamento da região. A área onde o complexo de vilas se insere, principalmente a zona entre os dois morros, onde está a Vila Tronco, permanece ainda, enquanto as obras de alargamento e extensão da avenida não estão concluídas, como um grande território à margem do resto da cidade.

A visão da configuração atual do grande conjunto de vilas revela uma formação de territórios não contínua, interrompida longamente em muitos pontos, numa ampla área ocupada; um vasto território heterogêneo, em termos de ocupação, de tecido urbano, de idade de formação, de topografia, de vegetação, etc. Essa situação confere a cada uma das comunidades uma formação diversa e única.

A situação de não-integridade territorial contrasta com a realidade de grande unidade e força política entre as comunidades, principalmente nas vilas da Grande Cruzeiro, as mais antigas. As comunidades têm um papel importante dentro do panorama de lutas pelos direitos das populações das vilas de Porto Alegre, num contexto de atuante movimento comunitário, representado pelas associações de moradores, apoiadas por organizações partidárias e outras instituições, como pastorais e ONG's (ÁVILA; ARAÚJO, 2006). Gradativamente, têm ocorrido conquistas, que evoluíram do término das ameaças de despejo compulsório no final dos anos 1970, com a redemocratização do país, à implantação das redes básicas de infraestrutura nos anos 1980 e 1990 e, mais além, às reformas urbanizadoras visando à Regularização Fundiária nos anos 1990 e 2000. Atualmente, com a grande questão da implementação da Avenida Tronco, as comunidades se mostram politicamente muito atuantes, num trabalho contínuo de busca de soluções para o grande problema do deslocamento das quase 1.500 famílias (PORTO ALEGRE, 2012a) das sete comunidades abrangidas pela intervenção.



Dentro do grande conjunto de vilas, a Vila Tronco se situa na zona de vale entre os dois morros, uma área plana junto à Avenida Tronco, que ganha inclinação com o início da encosta do Morro Santa Teresa. Numa faixa alongada entre a avenida e a densa mata pertencente ao Exército, próxima à Avenida Carlos Barbosa, e de frente ao Postão⁹, a vila tem em quase todos seus limites a cidade formal, a não ser no ponto em que se une à Vila Tronco Nossa Senhora do Brasil, o Beco 16.

O DEMHAB é proprietário de parte do território¹⁰, da faixa não atingida pelo traçado projetado da Avenida Tronco, o que inclui somente esse território dentro da definição de Área Especial de Interesse Social no Plano Diretor. Consequentemente, no Programa de Regularização Fundiária (PRF) só estão incluídas as casas que se localizam fora do traçado da

⁹ O Centro de Saúde Vila dos Comerciários é um espaço do município que se volta ao atendimento de pronto-socorro e também à assistência mais abrangente, com a marcação de consultas em diferentes áreas. O conhecido Postão, localizado em meio ao grande complexo de vilas, uma grande referência de espaço de acolhimento para as comunidades, vive uma fase de decadência, com sua capacidade de atendimento reduzida, e com seu amplo espaço físico, de 14.000 m², em evidente processo de degradação.

¹⁰ Originalmente, a área da Vila Tronco pertenceu ao INSS. Mais além, passou à propriedade da COHAB-RS, para ser adquirida, depois, pelo DEMHAB. (PORTO ALEGRE, [2002]).

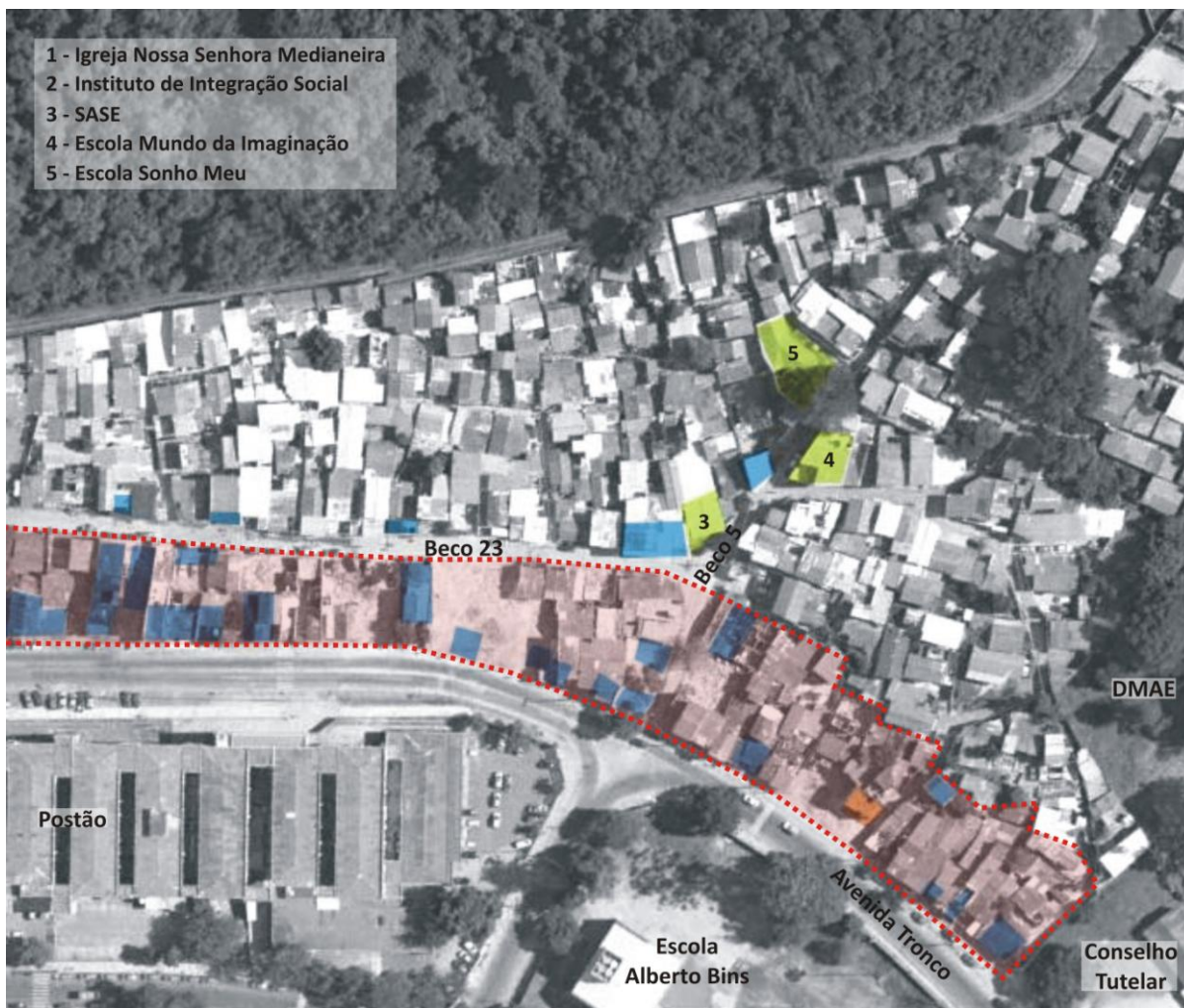


Figura 1.5 Esquema de usos, e área incorporada pela Av. Tronco. Fonte: Adaptado de Google Earth (Acesso em: 20 jan. 2016)

avenida.

Não há dados precisos com relação à população total da Vila Tronco. O Censo de 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, [201-]) considera a Vila de forma parcial, trazendo um número não muito significativo de 941 pessoas, sendo 47,7% brancos, 43,3% pardos e 8,7% pretos.

A Vila possui as redes básicas de infra-estrutura instaladas – água, esgoto cloacal, energia elétrica e iluminação pública. Num território bastante densificado, com pouca vegetação, a comunidade tem grande parte das suas construções em alvenaria, em um e dois pavimentos, havendo uma minoria de casas em madeira, geralmente de materialidade mais precária.

Os principais equipamentos existentes dentro do território são quatro espaços comunitários de educação, conveniados com a prefeitura – duas creches e dois espaços para crianças e jovens –, e uma pequena igreja, vinculada à Igreja Nossa Senhora Medianeira, localizada no bairro Medianeira. A comunidade possui duas escolas próximas de Ensino



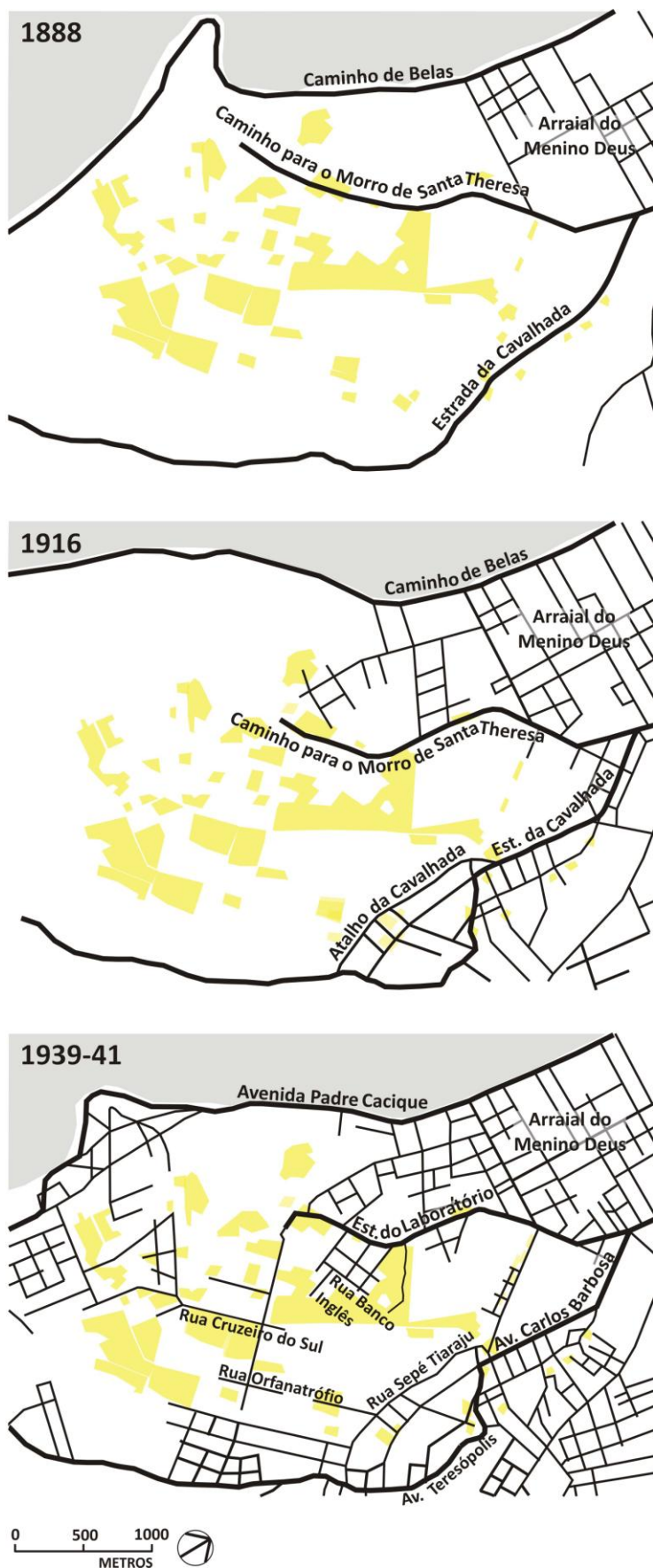
Figura 1.6 Vila Tronco, entre o prédio do Postão, ao fundo e à esquerda, e a mata do Exército, à direita. *Fonte: Autora.*

Fundamental, fora de seus limites, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Alberto Bins, em frente à Vila, na Avenida Tronco, e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Afonso Guerreiro Lima, no interior da Vila Nossa Senhora do Brasil. Os pontos comerciais, na sua maioria funcionam junto às casas, nos andares de baixo, dão-se ao longo do Beco 23 e da Avenida Tronco, agrupando-se, principalmente, na faixa que está sendo incorporada pela Avenida.

Atualmente, a Vila passa por uma fase de plena execução das obras da Avenida Tronco. Num processo que se iniciou há quase quatro anos, em 2013, havendo uma quantidade bastante significativa de 300 famílias deslocadas (PORTO ALEGRE, 2012a), a Vila tem seu território já amplamente modificado pela intervenção, vivendo, em seus mais de 60 anos de trajetória, o início de um novo período.

1.2.2 O tecido precedente – final do século XIX até anos 1940

Dentro do panorama de formação da cidade, a região que abriga o complexo de vilas na qual a Vila Tronco se insere, área afastada do centro de fundação, tem seus primeiros



percursos traçados demonstrados no levantamento de 1888 (JACQUES, 1888). O *Caminho para o Morro de Santa Theresa* aparece desbravando solitariamente o morro, uma área de chácaras e matos, ligado à rua que bordeava o pequeno Arraial do Menino Deus¹¹, a Rua Caxias. O local era chamado de *Estrada do Laboratório*, devido ao Laboratório Pirotécnico ali existente, edifício militar, implantado desde 1865, destinado à fabricação de explosivos para a Guerra do Paraguai (FRANCO, 1998); esse caminho corresponde à atual Rua Corrêa Lima, que abrange o complexo de vilas. O laboratório diz respeito à atual área do Exército Brasileiro, que estabelece outra das bordas do conjunto de vilas e também da própria Vila Tronco.

A imagem do final do século XIX demonstra o surgimento de dois dos principais sentidos de ligação da área central da cidade com o sul mais extremo, de rarefeita ocupação, eixos que se manifestam nas proximidades dos

Figura 1.7 Sucessivas configurações do tecido.
Fonte: Adaptado de levantamentos correspondentes.

¹¹ O antigo Arraial, vizinho à área do futuro complexo de vilas, será o primeiro núcleo populacional de caráter aristocrático da cidade, originando o atual bairro Menino Deus (SOUZA ; MÜLLER, 2007).

Morros Santa Teresa e Primavera, este ainda sem qualquer traçado. Os dois percursos são o *Caminho de Belas*, um trajeto junto à orla, existente desde o início daquele século, que bordeava o Guaíba na sua antiga configuração, ainda antes dos aterros, e a *Estrada da Cavahada*, um caminho terrestre existente desde meados daquele século. O Caminho de Belas diz respeito às atuais avenidas Padre Cacique e Praia de Belas. A Estrada da Cavahada corresponde às atuais avenidas Carlos Barbosa, Teresópolis, Nonoai e Cavahada.

Num levantamento seguinte, de 1916¹², já numa fase republicana da cidade¹³, os dois percursos originais aparecem desdobrados, em ramificações que ampliam o sentido original de passagem, de mero atravessamento, num princípio de sentido de espera do lugar. Entre o Caminho de Belas e o Caminho para o Morro de Santa Theresa, a nova área traçada ocupava a face do morro voltada para o pequeno arraial. E, junto à Estrada da Cavahada, os novos percursos já indicavam a iminência da Avenida Niterói e também do Atalho da Cavahada, atual Rua Sepé Tiaraju, caminho que desbravava o Morro Primavera. A área entre o Caminho para o Morro de Santa Theresa e o Atalho da Cavahada, que mais além configurará o principal local ocupado pelo complexo de vilas, ainda aparece sem percursos traçados, um provável vasto território desocupado.

No levantamento de 1939-41(PORTO ALEGRE, [1941]), observa-se a continuidade do processo de desdobramento dos caminhos originais, num avanço dos percursos sobre o território do futuro conjunto de vilas. No Morro Santa Teresa, junto à face até então livre, os principais percursos que aparecem junto a já chamada Estrada do Laboratório¹⁴ são: a Rua Mariano de Matos¹⁵, o conjunto de seis ruas junto à Rua Banco Inglês, e um caminho de traçado irregular que corresponderá à futura Rua Nossa Senhora do Brasil. Na área de vale, aparece a Rua Cruzeiro do Sul, primeiro trecho da futura Avenida Tronco. E, no Morro Primavera, desponta a Rua Orfanatrópio¹⁶, cruzada pela Rua Dona Malvina, que atinge o Morro Santa Teresa. O morro ainda recebe, na sua outra face, um conjunto de ruas junto a já ativada pedreira¹⁷, ligado ao segmento da antiga Estrada Cavahada, chamado Avenida

¹² *Planta da Cidade de Porto-Alegre, 1916*. Fonte: FRANCO, 1998

¹³ Administração de José Montauray (1897-1924).

¹⁴ O antigo caminho ganha a denominação oficial de *Estrada do Laboratório* em 1936. Em 1947, o percurso tem o nome mudado para *Rua Tenente Coronel Corrêa-Lima*, homenagem a um militar daquele estabelecimento. Em 1966, o nome simplifica-se para *Rua Corrêa Lima*. (FRANCO, 1998).

¹⁵ Demonstrada em levantamentos anteriores num pequeno trecho implantado, a Rua Mariano de Matos é mais uma rua que teve suas denominações relacionadas a questões militares do Estado. O nome original, Rua da Pacificação, provavelmente é associado ao desfecho da Revolução Federalista no Sul do país (1892-1895), e sua denominação atual se refere ao general e ministro de guerra Brigadeiro Mariano de Matos (FRANCO, 1998).

¹⁶ Segundo Franco, a denominação da Rua Orfanatrópio relaciona-se a uma instituição assistencial destinada a amparar crianças órfãos de militares mortos na Revolução Federalista, edificação que chegou a ter sua construção iniciada, não passando das fundações. O terreno do frustrado orfanotrópio foi, a partir de 1921, território da pedreira.

¹⁷ A pedreira abasteceu de granito as obras da Catedral Metropolitana, que substituiu a bela velha Matriz, demolida em 1920, para o início da construção do grandioso templo no ano seguinte, que se estendeu até 1972 (FRANCO, 1998). Dentro do contexto de trabalho altamente pesado e de baixa remuneração, pode-se presumir que o funcionamento da pedreira acarretou em ocupações dos trabalhadores nas áreas

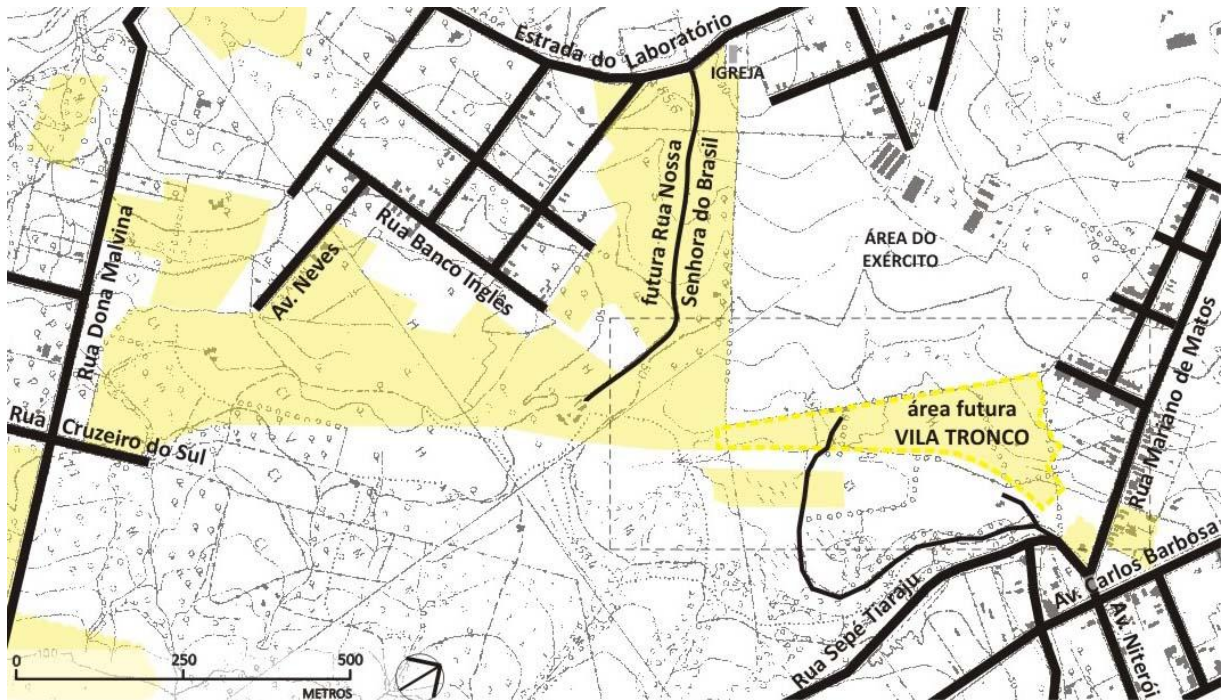


Figura 1.8 Aproximação do levantamento de 1939-41. Fonte: Adaptado de PORTO ALEGRE, [1941]

Teresópolis. A também chamada Avenida Carlos Barbosa tem ampliadas suas ruas próximas.

Numa aproximação, percebe-se que o desenvolvimento do tecido das ruas não equivale ao crescimento das ocupações. O levantamento demonstra construções ainda muito escassas no território, concentradas junto à Rua Mariano de Matos e à área da Avenida Carlos Barbosa, locais que manifestam um padrão mais imbricado de ocupação do que o padrão do restante do território, em que se identifica, num mapa de escala ainda mais aproximada (esc. 1:2.000), o uso rural.

A imagem do percurso irregular do alto do Morro Santa Teresa, como um galho dissonante que desponta do original caminho, atingindo algumas construções no interior do território, que se chamará Rua Nossa Senhora do Brasil, ficará imerso na vila de mesmo nome, comunidade vizinha à Vila Tronco. Próximo ao início desse trajeto, a igreja, que dará o nome ao percurso e à futura comunidade, já aparece na imagem.

Os terrenos do início da Rua Mariano de Matos terão seus limites correspondendo às bordas da futura Vila Tronco. As fronteiras da área do Exército, em que o território da comunidade irá também se encaixar, já aparecem definidas.

A área da futura Vila Tronco aparece marcada pelo uso rural no mapa mais aproximado

próximas, mas não se reconhece indícios desses espaços no levantamento de 1939-41. Até hoje, são bastante obscuras as memórias da antiga pedreira, conjuntura que pode ser retratada através da configuração espacial atual, em que o grande buraco foi inteiramente encoberto pelas construções do entorno. As trajetórias humanas ocultas - por vezes lembradas entre antigos moradores das vilas próximas, que recordam os blocos de granito que chegaram às ocupações, servindo de sólida fundação para as primeiras casas, assim como as mãos calejadas de quem tocou as pedras - talvez possam ser enxergadas nas paredes da Catedral, onde a mão humana esculpiu o templo religioso. Inestimável valor do histórico prédio, de tão questionada importância arquitetônica.

(escala 1:2.000), com apenas duas pequenas construções e algumas poucas árvores. Um caminho que parte da Rua Sepé Tiaraju, desdobrado em outro de pequena extensão, percorrendo num volteio uma área ainda não urbanizada, aparece atingindo o território da futura vila, percurso que, nos levantamentos seguintes, será ocultado pelo traçado da urbanização.

No olhar à fase de formação do pano de fundo no qual a comunidade irá se estabelecer, anterior aos anos 1950, não há indícios de percursos que partam da Rua Cruzeiro do Sul em direção ao encontro da Rua Sepé Tiaraju com a extensão da Avenida Niterói, correspondendo ao traçado atual da Avenida Tronco. Mas, pode-se presumir certo magnetismo desse ponto de encontro dos dois percursos existentes, no qual o caminho que atingia o atual território da Vila Tronco se conectava. Esse *ponto de chegada*, plano, entre as duas encostas íngremes, permaneceu suspenso desde o final do século XIX¹⁸, quando os dois percursos, o da Rua Sepé Tiaraju e o da Avenida Niterói, já se encontravam implantados. Pode-se reconhecer a figura da espera nesse inerte ponto, nessa curvância entre os dois trajetos pioneiros, traçados, projetados ou não¹⁹, destinados a acolher tanto passantes quanto a própria arquitetura em seu leito. Na mobilidade do caminhante e suas marcas deixadas, o caminho que atingia a área da futura Vila e sua breve extensão, dedicado a buscar pelo acolhimento, pode-se antever a figura da errância. São, então, duas figuras: uma formal, sólida, fixada, traçada para além do projeto, originada muitas vezes de caminhos, atalhos que se consolidam, nas quais se podem reconhecer locais da espera; e outra *in-formal*, fluida, em constante deslocamento, traçada sem parar, marca deixada, e fadada a se apagar: locais da errância. As duas se chamam rua, mas somente a última é *caminho*.

Caminho se refere à trajetória, a percurso: esse é o sentido mais primário que a visão da marca no espaço traz, um sentido de pretérito, de rastro, vestígio. A ideia de caminho tem, também, um sentido de porvir – jornada, direção, vislumbre, visão. Sublimação, como poderia dizer Derrida. A noção de “caminho” remete tanto ao passado, como ao futuro; trazendo, ao mesmo tempo, esses dois tempos colados, simultâneos, sendo um tempo sem fragmentações, véspera e amanhã ao mesmo tempo; nem antes, nem depois.

No olhar a essas marcas, mais do que aos próprios caminhos formados, sou remetida aos pés que moldaram caminhos. Assim como, à fase do aparecimento das construções no espaço, mais do que ao espaço construído resultante, buscarei olhar para as mãos que o

¹⁸No levantamento de 1896, de Alexandre Arons, já aparecem representadas a Rua Sepé Tiaraju e a Avenida Niterói. (AHRONS, 1896)

¹⁹Aqui, posso fazer uma apologia à documentações cartográficas, levantamentos que num mesmo nível traçam, representam o espaço pré-concebido, projetado, e o espaço espontâneo. Num único “click”, coloca-se, num mesmo tempo, as duas manifestações diversas, sendo talvez mais fácil, a partir desse ponto de vista cartográfico a compreensão da proximidade, comunicação, simultaneidade entre os espaços formal e informal.

construíram.

Como explica Fernando Fuão, o *pano de fundo* do acolhimento quase nunca é neutro. O território no qual a Vila se inscreverá parece aberto, livre, mas já é um espaço manejado e tocado, pelas mãos invisíveis do trabalhador da terra; percorrido, pelos pés do caminhante, delimitado, por cercas e lotes traçados. Um território de longínquo passado militar, onde armas foram produzidas para a guerra, e um espectro de violência parece até hoje persistir. Já, significado àquele espaço. Linguagem, nas terras ocupadas, ainda, por chácaras e matos. É, todavia, linguagem que será incorporada pelos futuros ocupantes, ainda que modificando por completo o sentido do espaço original, ocasionarão e motivarão um complexo entrelaçamento.

1.2.3 Caminhos e descaminhos da Vila: anos 1950 até 1970

Presume-se que as vilas de Porto Alegre tiveram início em meados dos anos 1940 (MORAES ; ANTON, 2000), apesar da existência de uma informalidade prévia nos cortiços dos becos da área central da cidade e nos núcleos de populações fugidas da escravização, os chamados quilombos, manifestos em múltiplos territórios da cidade. A partir dos anos 1950, os censos da prefeitura começam a registrar as vilas, numa sucessiva progressão desses espaços no território da cidade.

O primeiro censo dos territórios irregulares, de 1950²⁰ (apud MORAES; ANTON, 2000), atestava uma população de 16.303 moradores de vilas na cidade, ocupando 3.965 domicílios, em 41 comunidades. Uma pesquisa seguinte, de 1964²¹ (apud MORAES; ANTON, 2000), demonstrava um grande aumento das populações e de seus domicílios, numa progressão maior do que o número de vilas ocupadas: registram-se 65.595 moradores, 13.588 domicílios e 56 comunidades. Os dados indicam que, no crescente fenômeno da *favelização*, os territórios passavam por um aumento de sua densidade populacional. A proporção dos moradores das vilas em relação ao restante dos habitantes da cidade passa de 3,89%, em 1950, para 9,83%, em 1964 (apud MORAES ; ANTON, 2000).

Numa interessante abordagem, Moraes e Anton (2000) chamam a atenção para a forma como o processo era tratado pelo poder público e pela sociedade, a partir da terminologia comumente utilizada. O fenômeno era visto como um *quisto social*, uma *situação anômala*; os territórios, *vilas marginais*; as habitações, *malocas*; os habitantes, *maloqueiros, marginais*.

²⁰ Levantamento Econômico-Social das Malocas Existentes em Pôrto Alegre, 1950.

²¹ Levantamento Sócio-Econômico nas Vilas e Agrupamentos Marginais de Porto Alegre, 1964.

O censo de 1950 expõe uma das “causas” do crescimento das ocupações creditadas pelo poder público:

Desde o momento, [...], em que o povo notou as vantagens da vida nestes casebres, vida sem preocupações e sem impostos e reparou que os construtores e moradores não foram dali desalojados, houve um surto repentino destas construções e surgiram, de repente, as chamadas vilas de 'malocas'.(1950²² apud MORAES; ANTON, 2000, p. 12)

O pensamento da época leva tanto às soluções excludentes em nível de erradicação, quanto demonstra uma consciência ainda muito grosseira em relação ao real problema da marginalização das populações e seus territórios.

É nesse contexto de assumido senso de segregação social, numa situação de ampla instabilidade em relação ao morar informal, que irão surgir as primeiras movimentações de ocupação do território do futuro complexo de vilas e, também, da futura Vila Tronco.

A partir do amplo e engajado estudo de Aldovan Moraes (2011) a respeito das vilas de Porto Alegre, tenho a possibilidade de acessar dados sobre essas primeiras ocupações, inicialmente invisíveis nos levantamentos, e que se ocultam, também, entre os meandros da memória coletiva. Coloco-me, agora, face a face com o fator humano da fundação da Vila Tronco, num estabelecimento, dentro da trajetória dessa pesquisa, de um embasamento teórico relacionado às próprias pessoas que fazem do espaço da Vila, desde a sua fundação, um lugar do acolhimento.

Segundo Moraes (2011), a origem da Vila Tronco e das vilas próximas está associada à construção de dois conjuntos residenciais no Morro Primavera entre o final da década de 1940 e início da década de 1970, a *Vila dos Comerciantes* e o *Jardim Medianeira*, loteamentos que atraíram ocupações informais no seu entorno.

O Conjunto Residencial Vila dos Comerciantes tem suas obras iniciadas em 1949²³ (apud MORAES, 2011, p. 566). Numa fase dos empreendimentos para habitação de interesse social dos IAPs²⁴, o conjunto foi realizado pelo IAPC, Instituto de Aposentadoria e Pensões

²² Levantamento Econômico-Social das Malocas Existentes em Pôrto Alegre, 1950.

²³ Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, ano 55, n. 34, 11 de nov. 1949, p.16.

²⁴ Segundo Nabil Bonduki (1998), dentro do contexto nacional de uma política de habitação social direcionada à classe trabalhadora, prévia ao BNH (Banco Nacional de Habitação), em que houve ampla produção de conjuntos habitacionais por parte de Institutos de Aposentadorias e Pensões, os IAPs realizaram projetos habitacionais de grande relevância para o princípio de uma política de habitação social no Brasil, assim como para o desenvolvimento da própria arquitetura moderna no país. Os empreendimentos trouxeram inovações urbanísticas, com propostas de conjuntos de habitação coletiva que valorizavam amplamente espaços e equipamentos públicos. As inovações nas propostas de habitação manifestaram-se num esforço de adoção do ideário modernista, com preocupações com economia, racionalidade, produtividade, produção em massa e padronização. A produção do período caracterizou-se pela boa qualidade construtiva, que visava a durabilidade e a formação de patrimônio. Boa parte dos projetos realizados pelos IAPs acabou seguindo um padrão de projeto mais conservador, voltado ao espaço privado, numa opção pela casa unifamiliar em loteamento convencional. O IAPC realizou importantes empreendimentos habitacionais pelo país, em propostas de blocos de apartamentos e residências coletivas para comerciantes *solteiros*, mas deu grande preferência às *vilas comerciais suburbanas* (IAPC 1941:35 apud BONDUKI, 1998) que reproduziam o modelo da casa isolada. Dentro desse panorama, o mais importante instituto a produzir de forma inovadora arquitetônica e urbanisticamente foi o IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários). O *Conjunto Residencial Passo da Areia*, em Porto Alegre, fortemente influenciado pela proposta de cidade-jardim, é a maior conjunto IAPI do país em número de unidades habitacionais.

dos Comercciários. Inaugurado em 1951 com 250 unidades, foi parcialmente implantado, num projeto para um número surpreendente de 2.100 casas²⁵(apud MORAES, 2011, p. 567). O conjunto, construído em uma área que representava a periferia da cidade, era uma repetição dos empreendimentos habitacionais típicos dos anos 1930²⁶, com forte influência higienista: “Na década de 1930, [...], ainda predominava uma concepção que defendia, para o operário, um modelo de moradia que reproduziria em miniatura o palacete pequeno-burguês, em oposição à do cortiço e à aglomeração apenas tolerada da casa geminada de vila.” (BONDUKI, 1998, p.164).

O segundo loteamento construído no morro, o Conjunto Residencial Jardim Medianeira, faz parte de uma fase seguinte aos empreendimentos dos IAPs, período em que se instituiu o Sistema Financeiro da Habitação (SFH) e o Banco Nacional da Habitação (BNH)²⁷. O



conjunto²⁸, construído pelo Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais (INOCOOP-RS) (PORTO ALEGRE, 1981²⁹ apud MORAES, 2011, p.567), foi inaugurado em 1975 e tem, atualmente, 563 casas construídas

Figura 1.9 Primórdios da Vila dos Comercciários. Em primeiro plano, a Rua Professor Manoel Viana. Ao fundo, Morro Primavera. Fonte: POSSAMAI, [201-].

²⁵ *Jornal Correio do Povo*, Porto Alegre, ano 56, n. 36, 16 de jan. 1951, p.5

²⁶ Implantada num projeto de loteamento convencional (ruas, quarteirões, lotes e edificações isoladas), seguindo um modelo de casas unifamiliares, num distanciamento do racionalismo em voga, o loteamento implantou no Morro Primavera a morfologia dos bairros afastados do centro urbano no autêntico *estilo californiano*, pitorescas paisagens em crescente profusão na cidade naquela época, que hoje representam um marco dentro da produção arquitetônica de Porto Alegre (WEIMER, 1998). Instituído como Área de Interesse Cultural pelo Plano Diretor, há o intento de inventariar o histórico conjunto residencial.

²⁷ A criação, em 1964, do SFH e do BNH foi um dos grandes marcos da história da política habitacional brasileira. Numa resposta ao já preocupante déficit habitacional, o BNH buscava incentivar o desenvolvimento urbano com construções de moradias econômicas para as classes trabalhadoras de baixa e média rendas. A política não conseguindo inverter o processo de empobrecimento das populações que caracterizou os governos militares, nem frear a crescente favelização das cidades. Os projetos, desenvolvidos em número muito mais elevado do que o da política habitacional anterior, não reproduziram a mesma qualidade arquitetônica e urbanística. Dentre os programas implementados pelo BNH, destacou-se o Programa de Cooperativas Habitacionais, onde os INOCOOPs do país realizaram ampla produção de conjuntos habitacionais. No contexto do complexo de vilas, o BNH financiou intervenções de reassentamentos e obras emergenciais de infraestrutura para as comunidades entre o final da década de 70 e início de 80.

²⁸ O conjunto reproduz um padrão de loteamento de casas unifamiliares isoladas, igual ao Conjunto Vila dos Comercciários, num tardio estilo californiano. À parte dos valores históricos e arquitetônicos do primeiro conjunto implantado, hoje, enquanto este tem uma árida ambiência, de velhas *casinhas* não características, imersas num generalizado sentimento de insegurança, o Jardim Medianeira preza-se pelo ambiente absolutamente verde, em constante manutenção pelo moradores organizados em condomínio, em que a orgânica implantação, que dança pela encosta do morro, integra-se às vilas existentes no seu entorno imediato. Os quarteirões do conjunto que foram gradeados parecem servir apenas para evidenciar a continuidade entre o amplo espaço urbano de uma população de baixa renda e este, da chamada classe média. Crianças das vilas do entorno *voam* nas ruas oblíquas a caminho da Praça Dr. Jurandy Barcellos da Silva, no centro do conjunto residencial.

²⁹ PORTO ALEGRE. Departamento Municipal de Habitação. Programa PROMORAR – BNH. **Diagnóstico sócio-econômico de áreas faveladas de Porto Alegre**. Porto Alegre: DEMHAB, 1981.

(ADMINISTRAÇÃO JARDIM MEDIANEIRA, [2014]).

Os dois grandes empreendimentos, que surgem em resposta ao crescente problema da habitação no país, oferecendo *habitação social*, ocasionam ocupações informais dos trabalhadores das obras. Antes mesmo da inauguração do primeiro conjunto residencial, já há ocorrências de remoções de ocupações no local. O esforço de erradicação das áreas irregulares não surte efeito. As ocupações se estabelecem, e passam a serem chamadas pelo nome do primeiro loteamento atrator, *Vila dos Comerciantes*. Toda a área informal da região é chamada indistintamente dessa forma. Atribui-se tal denominação às ocupações que originaram a Vila Tronco, assim como a Vila Tronco Nossa Senhora do Brasil e provavelmente a Vila Tronco Neves (MORAES, 2011).

O levantamento de 1956 (PORTO ALEGRE, 1956) demonstra o Conjunto Vila dos Comerciantes, implantado e algumas áreas de ocupação irregular, difusas e não muito próximas ao conjunto. As áreas aparecem no território das futuras Vilas Tronco, Tronco Nossa do Brasil e Tronco Neves, e junto a uma região ao lado do conjunto com ruas incipientemente demarcadas, provável área não finalizada do grande projeto³⁰. Esses territórios ocupados permanecerão no levantamento seguinte, excluindo-se os da área ao lado do conjunto, que será incorporada pelo loteamento posterior³¹, mais de 20 anos depois. A imagem também demonstra um breve prolongamento da Rua Banco Inglês em direção à extensão da Avenida Francisco Massena Vieira, rua do novo conjunto, num encontro dos dois lados do vale, conectados, nesse momento, pelos percursos. Um breve prolongamento da Avenida Niterói, sobre o futuro eixo da Avenida Tronco, permite uma conexão do conjunto residencial com o bairro Medianeira, trecho onde já se vê instalada a Escola Alberto Bins³², entre o prolongamento e a Rua Professor Manoel Lobato. Nesta mesma rua, em frente ao conjunto residencial, vê-se construído um conjunto de quatro prédios, que irá compor parte das bordas da futura ocupação. Descendo a já chamada Rua Corrêa Lima, o percurso irregular, futura

³⁰ Sem dados sobre o projeto original, e sendo o conjunto seguinte implantado por um instituto fundado apenas em 1969, o INOCOOP-RS, pode-se supor que a grande área dos dois conjuntos pertencia ao projeto do IAPC.

³¹ Num traçado mais orgânico do que os cartesianos quarteirões executados, articulado com espaços abertos, o projeto original da Vila dos Comerciantes pode ter tido influência do modelo de cidade-jardim. “A referência à cidade-jardim se tornou, a partir dos anos 20, um verdadeiro mito no Brasil, sendo sempre emprestada para legitimar uma gama variada de propostas habitacionais que, de alguma maneira, se contrapusesse aos conjuntos de alta densidade e traçado cartesiano.” (BONDUKI, 1998, p.172). O próprio loteamento que incorporará o original traçado tem em seu nome uma possível referência ao modelo urbanístico, Jardim Medianeira. A região instituída pelo Plano Diretor como Área de Proteção Cultural abrange os dois conjuntos.

³² Voltada para o conjunto residencial, provavelmente também visando o atendimento dos estudantes deste loteamento e de outras áreas formais próximas, a escola funda-se num *entre espaço*, na fronteira dos territórios regular e irregular. Junto à área ocupada no terreno do futuro *Postão*, a instituição acolhe estudantes das vilas, num misto de hospitalidade e hostilidade. Envolvida pelas *malocas*, tem mais da metade das crianças matriculadas provenientes desses espaços, e essa situação provoca evasão dos estudantes do loteamento formal. “É a *Borregaard* de um lado e a *maloca* de outro, não dá mais para abrir a janela.” (apud MORAES, 2011, p. 568). A diretora da escola, moradora da Vila dos Comerciantes, que faz essa declaração em 1976 ao jornal *Folha da Tarde*, refere-se à antiga empresa de fabricação de papel *Borregaard*, conhecida pelo forte odor que provocava desde as outras margens do Lago Guaíba, na cidade de Guaíba, assim como à Vila Divinéia.



Figura 1.10 Panorama de 1956. Em pontilhado, possíveis áreas de ocupação informal (em amarelo, futuro complexo de vilas).
 Fonte: Adaptado de PORTO ALEGRE, 1956.

Rua Nossa Senhora do Brasil, desdobra-se, abrigando construções nos novos caminhos.

O plano de implantação da Avenida Tronco seria formalizado apenas em 1959, no primeiro Plano Diretor da cidade. Na fotografia de 1956, uma larga marca na área de vale ligando a Rua Cruzeiro do Sul e o prolongamento da Avenida Niterói se dá numa projeção tão próxima da futura avenida, que se poderia reconhecer a obra viária já em execução, num percurso que bordaria toda a extensão do conjunto residencial e sua área não finalizada. Outra possibilidade é a demarcação de um amplo caminho espontâneo, com alguns desdobramentos direcionados aos dois morros, já com ocupações. E ainda, outra suposição poderia ser a simultaneidade de obra, caminhos e áreas de ocupação informal. Na imagem da marca do vale, percebem-se dois trechos em matizes diferentes: um mais evidente, do final da Rua Cruzeiro do Sul até o cruzamento com a Rua Francisco Massena Vieira, em frente ao futuro Conjunto Jardim Medianeira, faixa onde logo além se poderá ver a Avenida Tronco já implantada, e outro trecho desta rua até a extensão da Avenida Niterói, em frente ao conjunto Vila dos Comerciantes, área onde se estabelecerá a Vila Tronco e que tardará a ser percorrida pela avenida.

Numa visão mais aproximada desse último trecho, pode-se observar o entrelaçamento de diversas rotas e o estabelecimento de algumas direções que perdurarão como traçado da futura vila: o caminho proveniente da Rua Banco Inglês (1), o caminho ligado ao trecho anterior do percurso no vale (2), o caminho que se origina dessas duas rotas (3) e outro, com uma marca mais sutil, sem ligação com os anteriores, que surge no eixo da Rua Gabriel Fialho

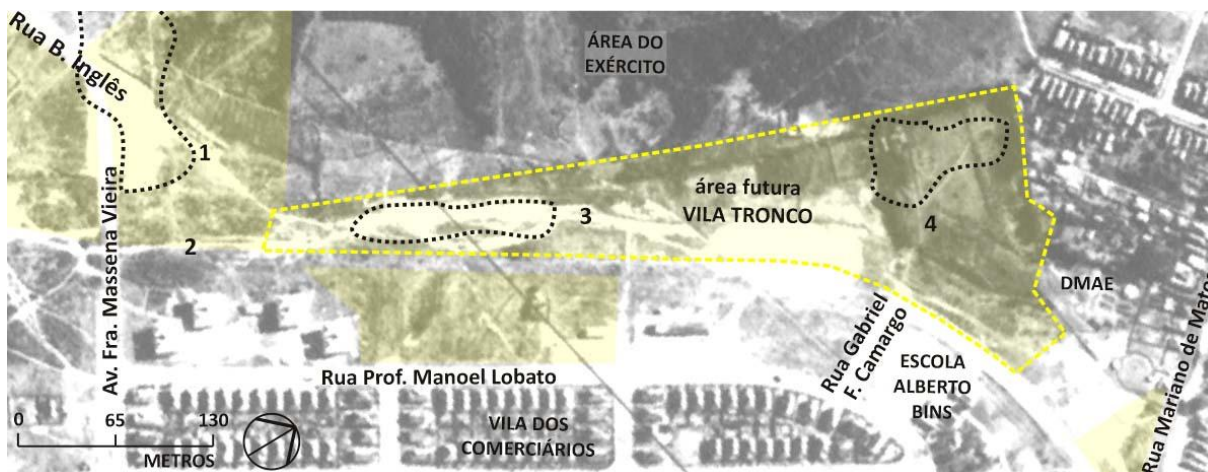


Figura 1.11 Panorama aproximado de 1956. Em pontilhado, possíveis áreas de ocupação informal (em amarelo, futuro complexo de vilas).
 Fonte: Adaptado de PORTO ALEGRE, 1956.

Filho, e tem algumas marcas de construções no final de seu desdobrado percurso (4).

Há uma qualidade de espectralidade nas ocupações desse período. Relatadas nas documentações da época, a fotografia de 1956 revela poucos vestígios delas. As reluzentes manchas na área de vale, sem construções reconhecíveis, podem ser rastros tanto de obras realizadas no território e caminhos percorridos, quanto locais de recente desalojamento. Num contexto de assumida busca pela aniquilação desses territórios, as escassas construções falam de uma situação de territorialização absolutamente incerta e constante deslocamento das áreas ocupadas; certa dimensão fantasmagórica do outro na sua situação de contínuo apagamento.

Nos anos 1960, altera-se a denominação do território ocupado. Já com uma década de finalização das obras da Vila dos Comerciários, as ocupações passam a ser chamadas de *Vila Medianeira*, numa provável relação com a paróquia do bairro ao lado, Nossa Senhora Medianeira, que desde tempos remotos se faz presente nas vilas, apoiando as comunidades – mais além, a paróquia estabelecerá uma igreja dentro da própria Vila Tronco, no Beco 23. Ainda na mesma década, o nome do território informal muda para *Vila Nossa Senhora Medianeira*.

O panorama de 1956 demonstra um contexto urbano da área do complexo de vilas em pleno desenvolvimento em relação à implantação de grandes equipamentos, que possivelmente atraíram ocupações informais na região. Segundo Franco (1998), no final dos anos 1940, dá-se a instalação do *Estaleiro Só* na Ponta do Melo, o Hipódromo do Cristal já estava sendo executado – foi inaugurado em 1959 –, as estações de rádio e televisão começam a ser implantadas no Morro Santa Teresa nos anos 1950, e a pedreira do Morro Primavera já funcionava desde a década de 1920.

A implantação dos equipamentos da zona litorânea, o Estaleiro e o Hipódromo, pode ter

sido importante fator da definição da grande rota no vale, ligada à Rua Cruzeiro do Sul, direcionada à essa área, assim como os caminhos no Morro Santa Teresa possivelmente têm relação com a implantação das estações de rádio e televisão no final da Rua Corrêa Lima. E, ao outro lado do complexo, a remota implantação da pedreira possivelmente foi um importante fator para a ocupação das comunidades daquela outra face do Morro Primavera.

Nos anos 1970, o censo da prefeitura (PORTO ALEGRE, 1973³³ apud MORAES; ANTON, 2000) demonstrava grande aumento das populações das vilas: dos 65.595 moradores levantados em 1964, agora a população alcançava 105.803; dos 13.588 domicílios de antes, atingia-se 20.152; das 56 comunidades, tornaram-se, então, 124 a quantidade de vilas na cidade. A proporção da população em relação ao restante dos moradores da cidade, contudo, não aumentava consideravelmente, passando de 9,83% em 1964 para 10,67% em 1973. Numa evolução da concepção do fenômeno, esse censo manifestava um olhar do poder público diferenciado, que se reflete nas expressões que foram introduzidas na pesquisa: promoção social, habitação de interesse social e submoradia. Mesmo com a adoção de uma abordagem mais conjuntural em relação ao fenômeno, sugerindo, inclusive, a urbanização das vilas em certos casos, a concepção de reassentamento compulsório persiste, sintetizada no termo presente no relatório de 1973 que caracteriza, ainda, como meta principal do poder público o *desfavelamento* (PORTO ALEGRE, 1973³⁴ apud MORAES; ANTON, 2000).

Com o êxodo rural se manifestando nacionalmente, a formação das vilas pode ser amplamente associada à vinda de populações de áreas rurais do Estado. Mas, também, o progressivo aumento das ocupações já pode ser ligado à própria auto-reprodução das vilas dentro do território da cidade.

No Morro Santa Teresa, mantinham-se as remoções. Um grande remanejamento acontece no final dos anos 1960 de mais de 500 casas para a Vila Restinga (1969³⁵ apud MORAES, 2011, p. 567), um extenso bairro popular recém construído na periferia da cidade. Às dinâmicas de ocupação e de despejos, vivenciadas desde os anos 1950, são associados processos de inserção de populações. O território passa a ser um local de *exclusão-acolhimento*³⁶ de pessoas já em situação de irregularidade, despejadas de outras regiões da

³³ PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Departamento Municipal de habitação. **Malocas**: diagnóstico evolutivo das subhabitações no município de Porto Alegre-RS. Porto Alegre: EMMA, 1973.

³⁴ PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Departamento Municipal de habitação. **Malocas**: diagnóstico evolutivo das subhabitações no município de Porto Alegre-RS. Porto Alegre: EMMA, 1973.

³⁵ Jornal Zero Hora, Porto Alegre, ano 6, n. -, 10 de jul. 1969, p.2

³⁶ "Se observarmos, o mapa de nossas cidades veremos que são exatamente aqueles forasteiros, os de fora da cidade, os migrantes que receberão os novos migrantes, os novos estrangeiros, fazendo com que o verdadeiro lugar da hospitalidade dentro da cidade seja exatamente aqueles bairros e vilas da periferia que são desprovidos de quase tudo, o lugar que muitas vezes tachamos como violento, hostil." (FUÃO, 2014, s.p.).

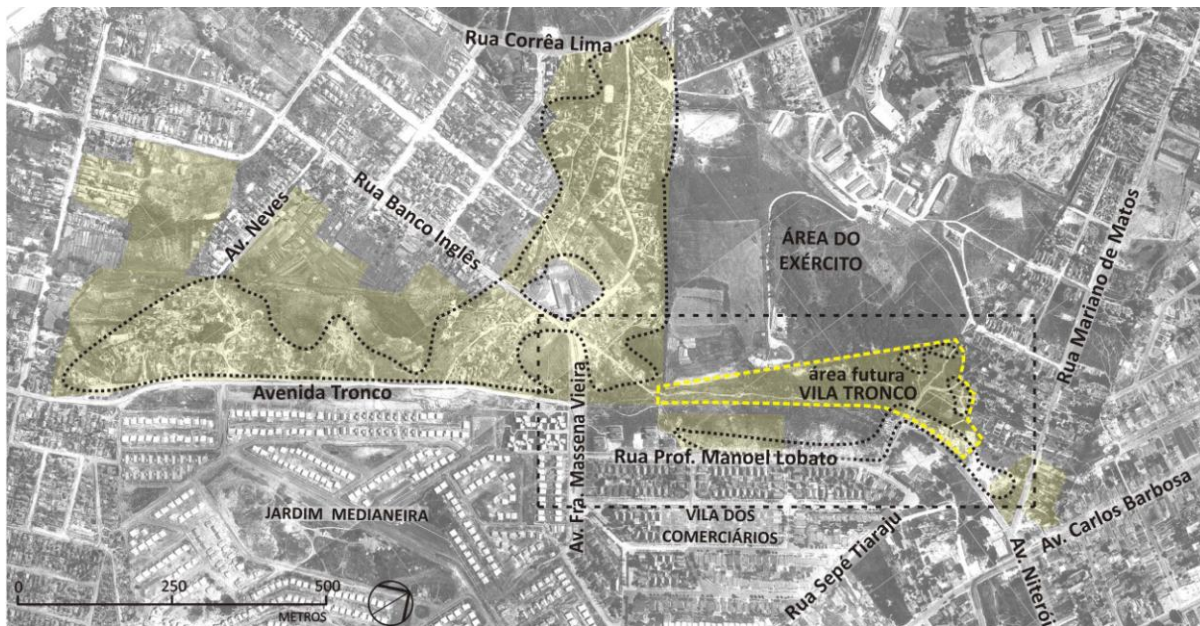


Figura 1.12 Panorama de 1973. Em pontilhado, áreas de ocupação informal (em amarelo, futuro complexo de vilas). Fonte: Adaptado de levantamento de 1973 (PORTO ALEGRE, 1973).

cidade, assim como por famílias também dos arredores (1976³⁷ apud MORAES, 2011, p. 568). Depois de mais de vinte anos de construção do loteamento Vila dos Comercários, dá-se a ocupação do entorno próximo pelas bordas do espaço formal. A Vila Divinéia se estabelecerá na área da Vila Tronco atual, e pode ser considerada a comunidade que antecedeu a atual ocupação (MORAES, 2011).

Desfaz-se, nesses meados de anos 1970, boa parte da imprecisão em relação ao território informal que caracterizaram os relatos de vinte anos de processo de ocupação. Às difusas áreas ocupadas, em que possivelmente não houve permanência das famílias pioneiras, serão acrescentados registros mais precisos, identificáveis no levantamento de 1973.

Junto ao trecho da Avenida Tronco já executado nessa época, em frente ao loteamento Jardim Medianeira em implantação, na exata faixa onde o levantamento anterior demonstrava a marca numa matiz mais forte, uma ampla ocupação corresponderá à futura Vila Tronco Neves. A área junto ao antigo caminho que descia a encosta do Morro Santa Teresa, também amplamente ocupada, virá a ser a Vila Tronco Nossa Senhora do Brasil. Defronte ao conjunto Vila dos Comercários, a ocupação denominada Vila Divinéia, futura Vila Tronco, aparece marcada com raras construções identificáveis.

A mancha mais evidente no futuro território da Vila Tronco se dá ao longo da Rua Professor Manoel Lobato, da Rua Gabriel Fialho Camargo, ao lado da Escola Alberto Bins, já implantada desde a década anterior, e do breve prolongamento da Avenida Niterói. As obras

³⁷ *Folha da Tarde*, Porto Alegre, ano 41, n.72, 20 de jul. 1976, p.19

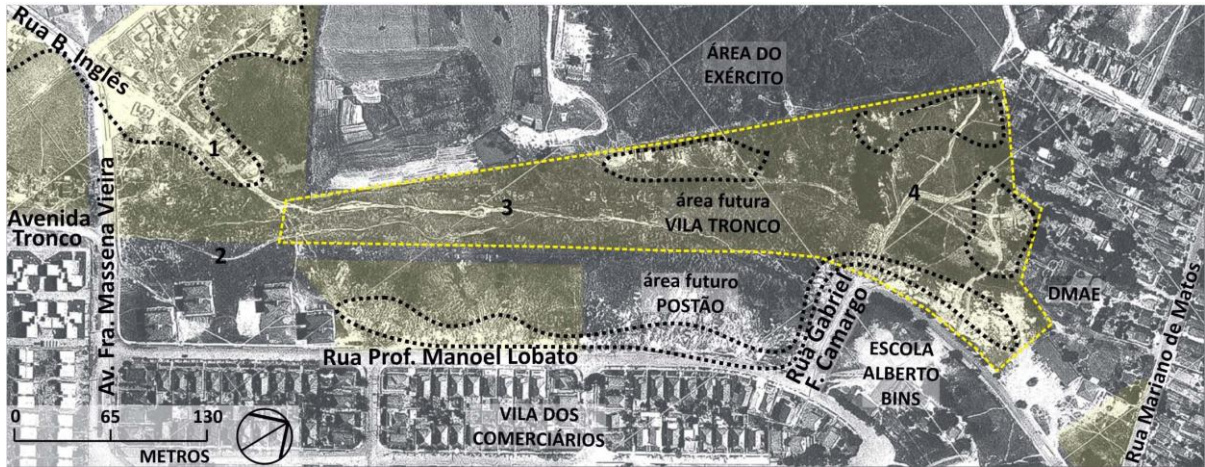


Figura 1.13 Panorama aproximado de 1973. Em pontilhado, áreas de ocupação informal (em amarelo, futuro complexo de vilas).
 Fonte: Adaptado de PORTO ALEGRE, 1973

do Posto de Saúde do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), futuro Postão, já aconteciam nessa época – são iniciadas em 1971 e concluídas sete anos depois –, e se davam junto ao território já ocupado pela Vila (MORAES, 2011). Na imagem de 1973, pouco se percebe a construção em andamento. Ao fundo dessa linha, os remanescentes caminhos ainda despontavam: o caminho ligado à Rua Banco Inglês (1), agora unida ao percurso da futura Rua Nossa Senhora do Brasil, aparecendo mais definido, conectado à área em profusa ocupação; o percurso ligado à antiga marca na área de vale (2), perdendo intensidade já com a Avenida Tronco implantada; o caminho que se desdobrava nestas duas rotas, também, menos largo; e o percurso que partia da Rua Gabriel Fialho Camargo, mais marcado, direcionado para novas áreas ocupadas.

Pode-se depreender dois sentidos de ocupação do território. O primeiro, dá-se pelas bordas do espaço formal, num contato direto com esse território. O outro se dá interiorizado, pelos antigos caminhos espontâneos, num espaço ausente de limites mais rígidos, mas, também, num direcionamento às bordas, às fronteiras com a área pertencente ao Exército, com o loteamento da Rua Mariano de Matos e com o DMAE, já demonstrado desde o levantamento da década de 1950.

As indiscriminadas formas de se referir ao território começam a ser abandonadas por volta da década de 1980. A Vila Nossa Senhora Medianeira passa a ser chamada por duas denominações distintas, Vila Nossa Senhora do Brasil e Vila Tronco, a primeira dizendo respeito ao território já amplamente articulado com a antiga igreja do alto do Morro Santa Teresa, e a outra ao território junto ao vale, que virá a ter uma história fortemente relacionada à Avenida Tronco e seus processos de implantação. Mais uma denominação bastante

relacionada a um sentido de mediação do espaço da Vila, de amplo interrelacionamento com os territórios *fora*. Mais um nome relacionado ao outro, agora prestes a chegar, a Avenida Tronco.

1.2.4 Acomodações do lugar – anos 1980 até dias atuais

Os anos 1980 e 1990 caracterizaram-se por uma nova fase do complexo de vilas. Num contexto de redemocratização, finaliza-se o longo período de ameaças constantes de despejos, com o estabelecimento de políticas que apóiam os movimentos sociais, legitimando as áreas ocupadas³⁸, num início de instalação de infra-estrutura básica nas vilas.

Na década de 1980, a Vila Tronco se mostrava plenamente ocupada. O conjunto das Vilas Tronco já formava um contínuo de territórios, da área de vale ao topo do Morro Santa Teresa. Os antigos caminhos ganhavam corpo no densificar do espaço, consolidando-se com o aparecimento das construções. As marcas do andar livre, da contínua errância passada, permanecem em meio ao estabelecimento, à fixação em processo, ao tempo da espera se manifestando no espaço.

O traçado do entorno da Vila Tronco se mantém igual na década de 1980. Dentro do território, as quatro principais rotas existentes desde os anos 1950, acompanhadas de alguns desdobramentos, fazem-se presentes nessa fase de ampla ocupação: a ligação com a Vila Tronco Nossa Senhora do Brasil (1); a ligação com a Avenida Tronco (2); o caminho interno, conectado às duas rotas (3); e o caminho que adentra o território pela rua entre o Postão, já instalado, e a escola (4). A rota interna (3), nesse momento, se une ao caminho que adentra a vila (4), num desvio do percurso que antes passava pelo terreno do Postão.

No início dos anos 1980, o território da Vila Tronco, originalmente pertencente ao INSS, é adquirido da COHAB-RS (PORTO ALEGRE, [2002]) pelo DEMHAB, através de empréstimo do BNH (Folha da Tarde, 1981³⁹ apud MORAES, 2011, p. 569). Por toda essa década, o território ainda não terá redes de infra-estrutura básica instaladas. Segundo Moraes (2011), água, esgoto cloacal, energia elétrica e iluminação pública serão estabelecidos somente entre os anos de 1990 e 1991. O amplo prédio do Postão, implantado voltado para o Conjunto Vila dos Comerciários, e levando o nome do loteamento, Centro de Saúde Vila dos Comerciários, agora faz parte do panorama do lugar, bordeando e sendo bordado pelo território informal.

³⁸ Em termos de legislação municipal, em 1995 são instituídas as AEIS, Áreas Especiais de Interesse Social, que facilitam a regularização fundiária no sentido do processo jurídico e urbanístico.

³⁹ *Folha da Tarde*, Porto Alegre, ano 45, n.244, 07 de fev. 1981, p.7.

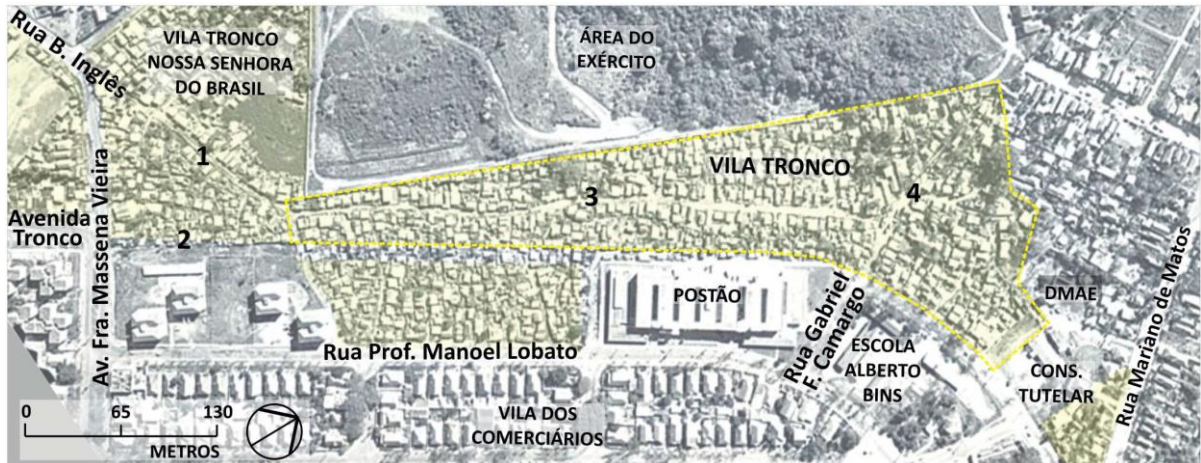


Figura 1.14 Panorama de 1982. (em amarelo, áreas de ocupação informal). Fonte: Adaptado de PORTO ALEGRE, 1982.

A década seguinte, os anos 1990, demonstrarão um contínuo crescimento das vilas na cidade. O Censo do IBGE de 1996 atesta uma população das vilas de Porto Alegre de 284.922 moradores, ocupando 73.057 domicílios (apud MORAES; ANTON, 2000, p.23). A proporção da população em relação ao restante dos moradores da cidade se duplica em relação ao censo de 1973, atingindo os 22,11%.

Essa década é marcada pela passagem da Avenida Tronco no tecido já consolidado da Vila. A avenida é implantada entre a Avenida Francisco Massena Vieira e Rua Gabriel Fialho Camargo, numa continuidade do eixo existente, ligado à Rua Cruzeiro do Sul. Segundo Moraes (2011), as negociações com a comunidade para a implantação da obra se dão no final dos anos 1980. Entre 1992 e 1993, a intervenção deslocaria 97 casas instaladas sobre o leito projetado, reassentamentos que foram feitos em vilas próximas, Vila Tronco Neves e Vila Barracão.

Na nova configuração espacial, a Vila é fragmentada em duas partes. Dois novos bordos são feitos, em espaços interiores que se transmutam em novas linhas limite. Um lado do território permanece ligado ao antigo Conjunto Vila dos Comerciantes, sendo chamado esse território, por vezes, de Vila dos Comerciantes. O outro lado, ainda ligado à Vila Nossa Senhora do Brasil, configurará o novo espaço da Vila Tronco, agora alongado sobre a Avenida, limitado ao eixo viário, num nova longa superfície de fronteira. Dentro dos novos bordos, as principais rotas, a conectada à Vila ao lado (3), atual Beco 23, e o percurso que adentra o território (4), atual Beco 5, se mantém com a intervenção.

As fronteiras da Vila Tronco ainda serão redefinidas mais além. Uma segunda intervenção ocasionada pela Avenida atingirá uma profundidade ainda maior, num número três vezes mais elevado de famílias deslocadas, num *re-corte* do território já marcado pela incisão.



Figura 1.15 Panorama de 2016. Fonte: Adaptado de Google Earth (acesso em: 20 jan. 2016)

1.2.5 Sínteses gráficas do movimento

Nessa seção, sintetizo os processos espaciais do território da Vila Tronco a partir do deslizamento anterior sobre as superfícies cartográficas.

Toda a configuração atual dos espaços e percursos da Vila surge dos incipientes traços existentes desde a década de 50. É, portanto, um velho território, não surgido de uma relação direta e restrita ao eixo viário atualmente predominante, a Avenida Tronco, mas de um complexo entrelaçamento de diferentes bordos e circunstâncias. Importantes fronteiras, que não mais a bordeiam: o Conjunto Vila dos Comerciários, a escola, o Postão e a comunidade ao lado, a Vila Tronco Nossa Senhora do Brasil que, na atual intervenção espacial, numa pequena área de contato deixada, praticamente é destacada da Vila Tronco.

Nas sucessivas intervenções, a original ocupação, abrangente, espalhada no território, faz-se consideravelmente reduzida. Na primeira incisão, a Vila é cruzada, fissurada e desdobrada. Novos bordos são estabelecidos, indiferentes ao traçado já existente. Na segunda intervenção, o alcance da profundidade se dá pelas bordas, a partir de um toque de uma região já de fronteira, e já refeita, reconstituída. O exato traçado do antigo caminho paralelo, atual Beco 23, é assumido pelo traçado da avenida, num desvelar que se limita à própria borda existente, estrato, fachada interna da Vila. O traçado da avenida é uma estrutura não esperada no espaço da Vila. Ele rompe um tecido criado a partir de outras lógicas, outros eixos de conexão. A formação da Vila é muito mais ligada ao fluxo do Morro Santa Teresa, da Vila Nossa Senhora do Brasil, através da Rua Banco Inglês (1), e, num lado oposto, ao fluxo da Rua Gabriel F. Camargo (4), do que ao fluxo proveniente do primeiro trecho construído da Avenida. Para os territórios formais, junto a Vila Tronco, o Postão, a escola, os quatro prédios junto ao Conjunto Vila dos Comerciários, a passagem da Avenida Tronco no território faz



Figura 1.16 Diversas configurações da Vila Tronco. Fonte: Adaptado de levantamentos correspondentes

todo o sentido; uma nova borda, há tempos esperada.

Duas diferentes lógicas espaciais, a informal e a formal. Lógicas simultâneas, entrelaçadas, mas separadas, infinitamente distantes. Na Vila, a Avenida é algo que rasga, dilacera, mas, a partir disto, ela é o elemento de conexão com esse outro, o resto da cidade. Um bordo de encontro, nem vila, nem cidade formal, que multiplicará os sentidos do velho espaço informal.

1.3 Apenas rastros

No olhar à formação da realidade construída, aos processos que engendram as configurações do real, Derrida fala que não há simplesmente camadas acumuladas que possam ser apreendidas, reconstruídas, ressignificadas. Não há sequer possibilidade de se acessar, de uma forma segura, rigorosa, esses estratos. Para Derrida, a realidade intraduzível, incategorizável, é algo passível apenas de um *rastreamento*, é um lugar acessado apenas a partir de vestígios, trilhas, como os primeiros trajetos da Vila Tronco, apenas possibilidades de andares, de encontros.

Todo o sentido se dispersa em relação ao sentido original: “nunca nenhuma prática é puramente fiel a seu princípio” (DERRIDA, 1973, p.48). A ideia de “rastro”, em Derrida, fala de uma situação de desaparecimento de qualquer origem simples, pura, e apreensível. O antes, sempre algo heterogêneo, composto por outros estratos, é algo que não se deixa resumir. “O rastro é verdadeiramente a origem absoluta do sentido geral. O que vem afirmar mais uma vez, que não há origem absoluta do sentido geral.” (DERRIDA, 1973, p.80).

O sentido da Vila Tronco não está na sua origem, num pseudo traçado original, em prováveis ocupantes primeiros. O olhar atrás, ao antes, à origem, faz emergir uma situação de profunda simultaneidade da Vila com outros contextos, contextos anteriores; um passado de constantes trocas e inversões, de profundos interrelacionamentos, em fronteiras incertas, em constante deslocamento. O olhar atrás, que rastreia estratos submersos, multiplica os limitados sentidos. E a Vila faz-se não tão rígida sob esse olhar, não tão informal, não tão segregada. Mesmo com a entrada adrupta do outro, a Vila se refaz e volta a acolher.

A Hospitalidade me ensina a não confundir separação com segregação.

Os pensamentos de Levinas e Derrida não se *con-formam* com os *limites*. As interligações são infinitas, e inacessíveis, inapreensíveis. Não há fronteira que tenha solidez suficiente para cessar o movimento incessante de troca.

“A história nos ensina que os bons caminhos não tem fundação, e a geografia, que a terra só é fértil sob uma tênue camada.” (DELEUZE, 1974, p.11). *Con-formo-me*, agora, com a superficialidade do meu próprio olhar. Que ele ganhe profundidade, adentrando pela abertura dos caminhos, num entendimento de que não há um primeiro acolhimento possível, um acolhimento que possa ser isolado, que seja inédito, um simples acolhimento. E, também, não há uma primeira abertura a ser feita. Eu e Vila já somos unidas, desde antes, cada uma na sua própria infinitude. Prossigo, numa busca pelo próprio permanecer parada, entendendo que, ainda, o silêncio é algo muito distante.

Formas do acolhimento

2º capítulo

Onde procurais a beleza e como a poderei encontrar a menos que ela mesma seja vosso caminho e vosso guia?
E como podereis falar a menos que ela mesma teça vossas palavras?

Os aflitos dizem: A beleza é amável e suave.

[...]

Os apaixonados dizem: Não, a beleza é uma força poderosa e temível.

[...]

No inverno, os prisioneiros da neve dizem: Ela virá com a primavera, pulando sobre as colinas.

E no calor do verão, os ceifeiros dizem: Nós a vimos dançar com a folhas do outono, e havia neve no seu cabelo.

Todas essas coisas, vós dissestes da beleza.

Porém, na verdade, não falastes dela, mas de desejos insatisfeitos.

E a beleza não é um desejo, mas um êxtase.

Não é uma boca sequiosa, nem uma mão vazia que se estende,

Mas, antes, um coração inflamado e uma alma encantada.

Ela não é a imagem que desejais ver, nem a canção que desejais ouvir,

Mas, antes, a imagem que contemplais com os olhos vendados, e a canção que ouvís com os ouvidos tampados.

[...]

Povo de Orphalese, a beleza é a vida quando a vida desvela seu rosto sagrado.

Mas vós sois a vida, e vós sois o véu.

A beleza é a eternidade olhando para si própria num espelho.

Mas vós sois a eternidade, e vós sois o espelho.

(GIBRAN, 1978, p.71-73)

2.1 Dar lugar ao lugar

Formas, por si só, não motivam o acolhimento. Os seres, por si só, tem potencial para tanto. E, por isso, todos os seres portam o potencial do acolhimento. A capacidade de acolher do humano manifesta-se no espaço e faz todos os espaços serem acolhedores em potencial, sem formas pré-determinadas, e na mais absoluta hostilidade e precariedade. “O conforto não é medida, regra de hospitalidade, talvez em última análise um rastro de uma possibilidade.” (FUÃO, 2014, s.p.); isto é, em qualquer lugar, ou, em nem sequer um lugar “[...] a hospitalidade pode ser compreendida como um lugar que não requer um ‘lugar’ propriamente dito, um espaço planejado, pré-parado, [...]” (FUÃO, 2014, s.p.). O espaço apenas portará. O espaço acolherá, e acolherá o próprio acolhimento; um acolhimento anterior e interior, para o qual as formas do espaço se abirão numa abertura para a própria abertura, acolhendo dentro o próprio dentro do ser. Essa noção é entendida como *dar lugar ao lugar*, como explica Derrida. O espaço do acolhimento será reduto, que consagrará um ambiente interno do ser. O humano, tão perdido de sua própria capacidade de se abrir, e de criar um refúgio seu, que conforte a si mesmo e ao outro, tem no espaço acolhedor um lugar em que acha a si mesmo.

Todo ser pode se abrir, e todo espaço também. Não há fixação real em espaço algum e não há hostilidade capaz de aniquilar com a possibilidade do acolhimento⁴⁰. O espaço é dependente, um subordinado ao ser, um cenário profundamente articulado ao humano. Em qualquer lugar, o círculo poderá se formar, e se desdobrar. Abrir é sinônimo de desabrochar, descerrar, instalar, dar lugar. O humano que se abre e acolhe funda o espaço e este começa a fazer sentido. O espaço consagrado pelo acolhimento será chamado de *lugar*. O encontro dá existência ao lugar, numa anterioridade do encontrar, como explica Fernando Fuão. Não é o lugar que propicia o encontro; é o encontro que dá lugar ao lugar.

Por isso, a formação de uma interioridade dirá respeito à qualidade de abertura do espaço, assim como apontará para o próprio fechamento, a exterioridade. Toda capacidade de resguardo se manifestará a partir do outro, de seu ingresso, num movimento de fora para dentro, o que atribuirá ao ele a formação da interioridade. A hospitalidade falará mais do

⁴⁰ Derrida relata uma experiência de hospitalidade em que viveu dentro do espaço hostil do cárcere: “Eu experienciei o que de certa maneira poderia ter sido o contrário da hospitalidade, por parte do país e da polícia que me detiveram, por parte dos guardas da prisão que não paravam de me bater. O contrário da hospitalidade. E, porém, na mesma prisão, apesar do pouco tempo que passei ali, tive duas vezes a experiência de uma hospitalidade que na memória permanece muito preciosa, muito querida. Fui encarcerado à uma da manhã, e às quatro ou cinco da manhã jogaram nesta cela outro prisioneiro, um cigano húngaro, com quem imediatamente tracei laços de amizade intensa durante algumas horas, e ele me iniciou em uma quantidade de coisas, [...], estabeleci laços de amizade e de hospitalidade tais que na pequena cela esse homem, que conhecia a prisão melhor do que eu, me recebeu ali.” Documentário *D’Alleurs*, Derrida, de Safaa Fathy, de 1999. (tradução livre da autora)

externo – do fora –, e do limite – da pele, superfície –, do que do espaço interior. Como se meu íntimo não estivesse, de fato, dentro, mas nas bordas, se manifestando a partir do contato, da comunicação.

O acolhimento se abre a partir de um intervalo, um espaçamento que não pertence nem ao dentro nem ao fora, a nenhuma das figuras em questão, mas aos bordos das identidades, aos transbordos, à própria indefinição do *entre*. Num espaço de transição, o acolhimento se manifesta onde há dúvida, onde a identidade se mostra incerta, e a coexistência possível. Como fala Fuão: “Os lugares acolhedores são os espaços que conseguem juntar as grandes diferenças reduzindo-as à pequenas diferenças, a singularidades.” (FUÃO, 2014, s.p.). No espaço intermediário do acolhimento, as singularidades, chamadas por Deleuze (1974) de nós, núcleos, pontos de fusão, pontos sensíveis, manifestam-se como acontecimentos em constante desdobramento, que se deslocam no antes e no depois, sem ter um tempo presente. Deleuze as chama de nômades. O acolhimento é a própria dobradiça, a junta que conjuga as singularidades dos seres. Essas singularidades-acontecimentos não comportam o ego em si, são impessoais. No acolhimento, faz-se um território essencialmente neutro, que rejeita qualquer categorização, indiferente às relações de oposição e exclusão, de afirmação e negação. Nesse lugar, onde o sentimento de pertencimento não se confunde com identidade pessoal, as visões se mostram múltiplas e os caminhos, ilimitados.

O olhar do outro me desloca, muda-me de lado, transporta-me para uma posição fora de mim mesma. No encontro, há uma profunda ocultação do meu ser, interrupção de mim, por mim mesma, como outro (DERRIDA, 2008). “Ver-se vendo, olhar-se olhando, é deixar de olhar e de ver o que se olha e vê fora de si, para tentar captar, no sentido inverso, o próprio ponto de onde o sujeito olha.” (FUÃO, 2003, p.13). Nesse eclipsamento do meu próprio ser, nessa nova posição por vezes incômoda em que vejo a mim mesma, adentro numa situação de mera representação, um eu ilusório. Em última instância, o acolhimento é um ver a partir do outro; um enxergar-se, esquecendo-se de si mesmo.

Há simultaneidade no encontro, interpenetrações constantes entre todos os olhares: “Nunca se sabe bem quem realiza quem, quem oferece espaço ao outro, se a espera ou o inesperado. São os dois em simultaneidade que criam o espaço da existência.” (FUÃO, 2014, s.p.). A desorientação é recíproca e os desdobramentos do encontro ocasionam uma produção incessante de pontos de vista, sentidos. Os significados do espaço multiplicam-se. E, sem fixação, seus sentidos tornam-se suspensos, apenas possíveis. O espaço se mostra apenas em um estado, *estado de uma situação em constante mudança* (FUÃO, 2014, s.p.). Os lugares do acolhimento, pela sua caracterização dada pelo próprio encontro, são espaços de movimento

fluido e amplo, em constante *trans-formação*, onde a originalidade pulsa.

Todos os espaços são passíveis de serem transformados, propícios ao encontro. Mas tais propriedades, muitas vezes, não são passíveis de serem acessadas por nós. Como quando adentramos em um lugar que nos é hostil, temos a tendência a acreditar piamente nas projeções que realizamos no espaço, sem conseguir reconhecer que tudo que vivenciamos diz respeito a nós mesmos.

Como diz Derrida, “Temos o *fora* no coração, no corpo. É isso o que quer dizer o *fora*. O *fora* está aqui. Se o *fora* estivesse fora, não seria um *fora*” (FATHY, 1999, tradução livre da autora).

No reconhecimento de sua impraticável autonomia em relação ao ser, religo-me ao espaço, e todo sentido que dele tentar abstrair, dirá respeito a mim mesma; assim como o sentido do acolhimento não está no espaço, mas nas pessoas, o sentido do próprio espaço também está nelas. Numa dupla relação, em que habitar o espaço, num sentido amplo, é essencial, é existencial ao humano. Como explica Fuão (2014), não há lugar sem ser, e não há ser sem lugar.

2.1.1 Nem dentro, nem fora: o duplo sentido das superfícies

Tudo se passa na superfície, numa linha de fronteira que significa articulação. O sentido se desenvolve pelas bordas, e os acontecimentos, ao invés de se soterrarem na profundidade das coisas, numa pretensa profundidade, deslizam na superfície. Toda a questão da interioridade me posicionará mais na superfície do que na profundidade do espaço. Na dimensão do encontro, um lugar indiferente a conceitos de dentro e fora se manifestará.

O duplo sentido da superfície é o desdobramento da profundidade. Comentando o clássico *Alice*, de Lewis Carroll, Deleuze explica:

À medida que avançamos na narrativa, contudo, os movimentos de mergulho e de soterramento dão lugar a movimentos laterais de deslizamento, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. [...] Dir-se-ia que a antiga profundidade se desdobrou na superfície, converteu-se em largura. [...]. Profundo deixou de ser um elogio. [...] Os acontecimentos são como os cristais, não se transformam e não crescem a não ser pelas bordas, nas bordas. [...] não mais penetrar, mas deslizar de tal modo que a antiga profundidade nada mais seja, reduzida ao sentido inverso da superfície. De tanto deslizar passar-se-á para o outro lado, uma vez que o outro lado não é senão sentido inverso. E se não há nada para ver por trás da cortina é porque todo o visível, ou antes, toda a ciência possível, está ao longo da cortina, [...]. (DELEUZE, 1974, p.10)

O sentido de profundidade das coisas, que Deleuze em seu pensamento possibilita ser enxergado à abreviação de um sentido inverso ao da superfície, é um modo de ver o mundo específico construído, como mostra Fernando Fuão (2011). A visão em profundidade, entendida como algo intrínseco ao olhar e à realidade, é uma acomodação da vista, uma

artificial maneira de olhar geométrica, que se volta para a exterioridade dos espaços. Sob um foco de profundidade presunçosamente infinita, o humano se inscreve num plano material horizontal, de superfícies intransponíveis, ausente de toda uma visão interior. Essa gramática de olhar traduz-se numa gramática de imagens e de espaço arquitetônico que estabelece a distinção entre o dentro e o fora; modos de ver o real observadas sob falsas janelas que fragmentam o mundo e inventam a separatividade, obstruindo toda a abertura do espaço, numa inatingível interioridade.

Gaston Bachelard (1978) discorre sobre o tema do duplo, considerando que estamos profundamente enraizados em uma dialética entre espaço interior e exterior. Associamos implicitamente a tudo um geometrismo, espacializando o próprio pensamento, num constante desenhar que é um ato de fixação. “Fazemos de tal dialética, sem tomar maiores cuidados, uma base para as imagens que comandam todos os pensamentos do positivo e do negativo” (BACHELARD, 1978, p.335). Nas metáforas do aberto e do fechado em que nos lançamos e imergimos, somos dominados pelos pensamentos de oposição. A interioridade é marcada pela redução; a exterioridade, pela vastidão. Mas Bachelard traz exemplos na poesia em que o íntimo inverte-se em imensidão; e o externo, aberto, na própria prisão. A oposição geométrica, formal, segundo Bachelard, sempre se tingem em hostilidade; “[...] a dialética do exterior e do interior está apoiada num geometrismo reforçado onde os limites são barreiras” (BACHELARD, 1978, p.337). Para Bachelard, o ser é infixável, invertendo continuamente hesitantes movimentos de fechamento e de abertura; um ser entreaberto.

Vivenciar o espaço a partir do pensamento da dobra é aprofundar o olhar, numa percepção para além da própria superficialidade do espaço, visão que capta o que é *a priori* oculto, reverso. Mas mais do que uma visão penetrante, ecográfica, é uma visão que enxerga a superfície de uma outra maneira, em um duplo sentido, sem precisar adentrar no espaço chamado interno e tomar parte de qualquer dialética. Giles Deleuze aponta para uma realidade além do sentido de exterioridade do espaço. “A dobra é a continuidade do avesso e do direito, a arte de instaurar esta continuidade, de tal maneira que o sentido na superfície se distribui dos dois lados ao mesmo tempo [...]” (DELEUZE, 1974, p.130).

O pensamento de Deleuze pode ser entendido a partir do Anel de Moebius, onde o círculo é rompido e revirado, e o sentido percorre as duas superfícies ao mesmo tempo: “[...] é sempre contornando a superfície, a fronteira, que passamos do outro lado, pela virtude de um anel.” (DELEUZE, 1974, p.12). A faixa desdobrada representa um caminho infinito, sem início e sem fim, em que os dois lados aparentemente existentes e antagônicos, são apenas uma única superfície. Ao longo dela, o sentido se mostra em toda sua dimensão.

O sentido é sempre um duplo sentido, que toma duas direções ao mesmo tempo; em contraposição a toda uma concepção de sentido que habita o interior das coisas, de uma essência que precede a existência, que precede o próprio humano – como conceitos inatos para o espaço arquitetônico, ou pré-determinações do que significaria uma casa, uma escola, uma praça, antes mesmo da fundação humana do espaço (FUÃO, 2003), o sentido habitará sempre as superfícies, será sempre não determinado e não determinável, um sentido imprevisível.

Deleuze discorre sobre a simultaneidade de passado e futuro, num tempo presente infixável, onde apenas o antes e o depois subsistem, subdividindo o presente ao infinito, alongando-o sobre uma linha cujas extremidades não cessam de se distanciar. O presente faz-se incorporal, sem espessura, sem vastidão, porém ilimitado, imensurável. Há ampla potência no *instante*, que infinitamente decompõe o presente, “nada sobe à superfície sem mudar de natureza” (DELEUZE, 1974, p.170). Há, portanto, ampla potência no encontro.

Deleuze explica que é na fronteira, onde há limites entre os corpos, que a linguagem torna-se possível. Sem uso negativo da disjunção como princípio de separação e de exclusão, ele aponta para a própria afirmação das divergências, um *distanciamento positivo* que proporciona a relação; espaço para o deslocamento das perspectivas, para a incessante geração de uma multiplicidade de percepções. Esse lugar não é nem dentro, nem fora, sem definição geométrica, onde o descentramento constante, o deslocamento serve para afirmar a própria divergência. Mais do que uma questão de centralidade, de interior, o acolhimento prestará mais atenção à periferia, à pele; à margem, ao marginal.

2.1.2 Interioridade como desdobramento do lado de fora

“O lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro *do* lado de fora.” (DELEUZE, 2005, p.104). Analisando a trajetória do pensamento de Foucault, no livro que se intitula *Foucault*, Gilles Deleuze discorre sobre a formação da interioridade a partir da própria exterioridade desdobrada. O tecido externo se torce, reduplicando-se, e o *dentro* se forma enquanto forro do *fora*.

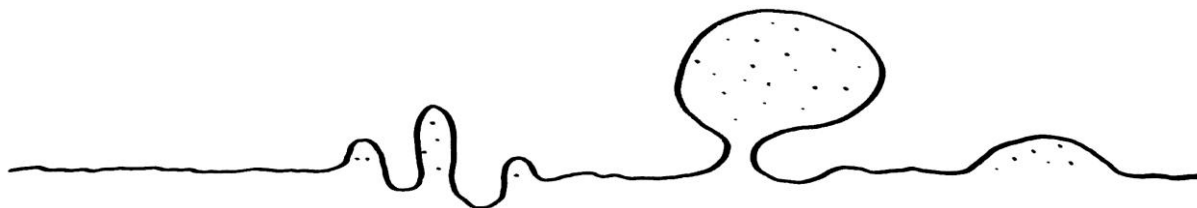


Figura 2.1 Linha limite desdobrada, e interioridades criadas. Fonte: Autora.

Um lado de fora mais longínquo que todo o exterior é a noção que diz respeito à força em estado de agitação, em constante metamorfose, onde há excesso de exposição: a dobra é uma inflexão dessas velozes forças, um certo isolamento formado, uma desaceleração, um envergamento, que cria um anteparo de filtragem, mas que não gera um mundo interior fechado. O dentro formado pela dobra interage com a exterioridade. Essa interioridade é um espaço formado de relação consigo mesmo, *um lado de dentro da vida*, para além da noção de ego, de individualização. Espaço neutro, chamado *zona de subjetivação*. Deleuze traz o pensamento da subjetividade como a inflexão do fora, onde a dobra provoca o sujeito e o sentido, num *dentro* coextensivo com o *fora*, *um lado de dentro mais profundo que todo o interior*.

“Não é um desdobramento do Um, é uma reduplicação do Outro. Não é uma reprodução do Mesmo, é uma repetição do Diferente. Não é a emanção de um EU, é a instauração da imanência de um sempre-outro ou de um Não-eu. Não é nunca o outro que é um duplo, na reduplicação, sou eu que me vejo como o duplo do outro: eu não me encontro no exterior, eu encontro o outro em mim [...]” (DELEUZE, 2005, p.105)

Na primazia dada ao externo do pensamento da dobra, o outro me está dentro, mas quem redobra-se como ele e o reproduz sou eu.

Quando a insegurança para com o mundo, para com o outro, dá origem a um excesso de anteparo em relação ao externo, surgem surdez, autocentramento, confiança em relação às identidades, violência. O mundo individualizado suprime a neutra dimensão do acolhimento, do abrir incondicional, da roda de encontro formada sem um motivo prévio, com um sentido a se fazer. Espaços arquitetônicos projetados à parte do mundo, como verdadeiros objetos com identidade própria, pré-determinada são atmosferas artificialmente construídas que se desvanecem de sentido pelo simples fato do isolamento; “[...] à medida em que mais se constrói uma arquitetura, e a própria existência, dentro dos modelos centenários civilizatórios, mais se reafirma a invenção de um dentro e de um fora [...]” (FUÃO, 2010). Suposto isolamento, convicção demasiada em grades e paredes, pretenso e falso espaço íntimo, pois não se atinge a interioridade com um alto grau de fechamento. Ao contrário, o isolamento é uma fuga, por uma espécie de fobia de um verdadeiro espaço interior. A interioridade sempre

advirá de uma relação de abertura.

Todo acolhimento é frágil e não conhecemos, ainda, a abertura incondicional. O pensamento da Hospitalidade sempre acaba por exprimir essa nossa limitação, nossa inevitável pendência para um dos lados, nossa incapacidade de permanecermos na neutra margem, sem gerar hostilidade. O pensamento em que Deleuze, Bachelard, Levinas, Derrida e tantos outros pensadores se inserem traz *insights*, apenas vislumbres de uma outra condição de existência. Mas há uma profunda sabedoria nele, que aponta para um processo de liberação. Somos o próprio *fora* manifestado no nosso lado de dentro. Somos essencialmente duplos. Toda a origem da aproximação entre hospitalidade e hostilidade, que Derrida dá o nome de *hostipitalidade*, está no temor ao diferente, ao estranho, ao expectral. Ao ser que não está aberto, o outro sempre assustará (FUÃO, 2014). Conseguir entender esse *fora* como o mesmo espaço, o mesmo que o aqui dentro, desfaz toda a temeridade em relação ao outro, nossa própria sombra.

Somos *hostis*, mas toda a hostilidade poderá ser direcionada à hospitalidade. A realidade é contruída continuamente, e todo pequeno círculo que conseguirmos atar será imensamente importante. Os possíveis desdobramentos de nossos esforços serão sempre, por nós, desconhecidos.

2.1.3 Formas favoráveis ao acolhimento

As formas propícias ao acolhimento são formas abertas, que abrem passagem, curvando-se, proporcionando o recolhimento, abrigando num espaço resguardo que dá lugar ao amplo descerrar, uma mágica brincadeira entre liberação e retração. Nas palavras de Heidegger (FUÃO, 2015), um *permanecer pacificado pela liberdade de um pertencimento*. Sublime conforto.

Na dobra temos o princípio da espera, como explica Fernando Fuão. Princípio como uma quase regra, um preceito formal para que o acolhimento se dê. E, também, como limiar do acolher; uma soleira para a abertura infinita. O espaço é um começar, uma *pré-paração*, um impulso inicial, uma possibilidade para a chegada do ser, expressão do acolhimento.

Fuão (2014) indica espaços configurados pela dobra, as **formas da espera**: baía, enseada, fenda, fresta, estreito, “V”, “U”, útero, clareira, ilha, meia-lua, península, invaginação. São formas encontradas nas curvaturas da natureza, nos limites entre diferentes elementos, nas bordas de encontro da água com a terra, da pedra com a areia, do feto com o corpo guardador.

Formas do acolhimento

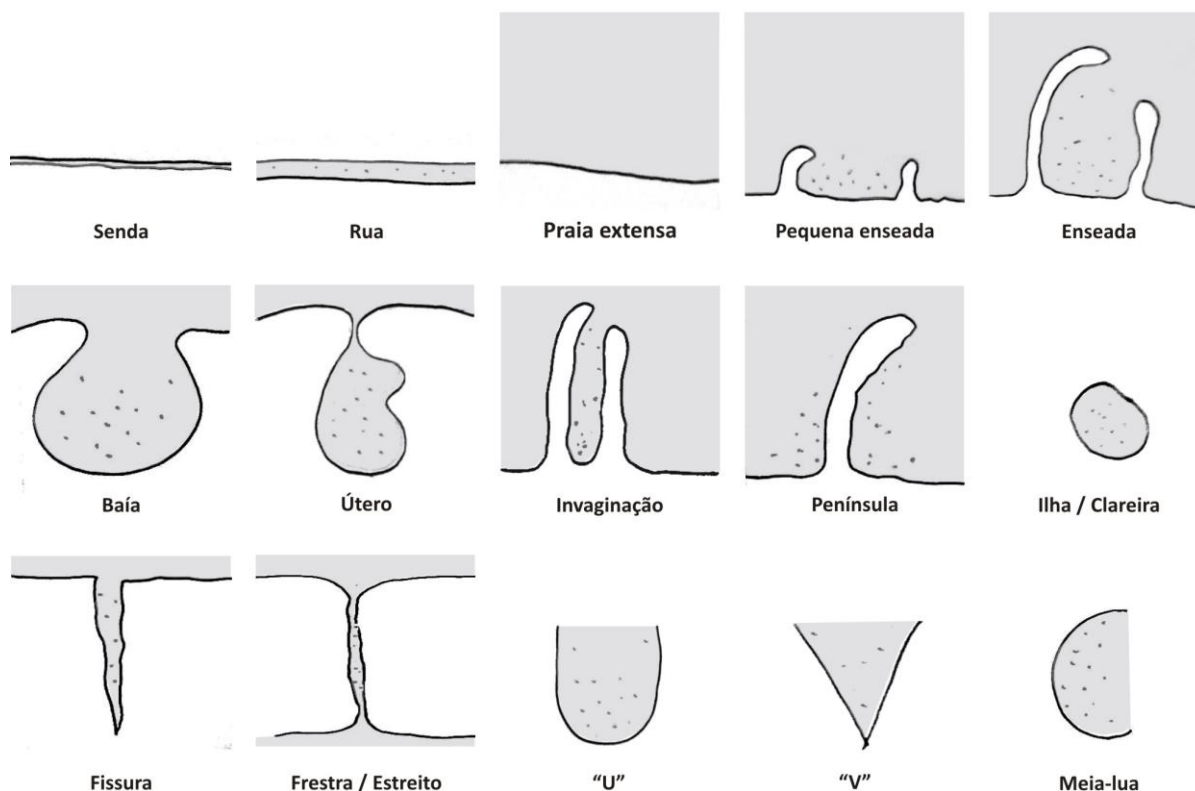


Figura 2.2 Formas do acolhimento. Fonte: adaptado de FUÃO, 2014

Na reta, o princípio da errância. Fuão também indica **formas da errância**: a senda, a rua, a praia extensa.

A forma côncava da enseada, da meia-lua, da baía, induz a um olhar contido que é abrangente, ao mesmo tempo, compreendendo todo o espaço e compartilhando com outro a mesma visão, embora a partir de um ponto de vista próprio; espaço do comum, onde o foco é coletivo. O sentido de convergência também está contido na clareira, aliado a uma ideia de iluminação humana, de abertura ascendente, de simbólico direcionamento ao cosmos. Nesse espaço escavado, o foco centralizado se sobleva, numa profundidade ascendente, e o acolhimento se dá mais pelo céu, em toda a sua indefinição e infinitude, do que pelo denso entorno. Céu que acolhe, céu que é acolhido: o mais primordial acolhimento, que se dá na superfície de intermediação humana. Céu perdido, tão distante nos dias atuais, que, magicamente, se manifesta nesse espaço de resguardo, um sublime esconderijo, como poderia dizer Derrida⁴¹. Numa forma próxima à da clareira, porém inversa, a ilha é um espaço

⁴¹ "O sublime se refere ao que está tanto bem alto quanto abaixo. Este lugar tem um aspecto subterrâneo, submarino e subceleste, mas, ao mesmo tempo, é o mais alto possível. É assim que justifico essa palavra que acho confortável. Chamo-a "meu sublime". É também um lugar

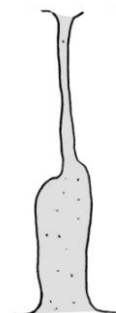
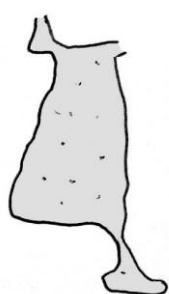


Figura 2.3 Clareira. Vila Tronco. **Figura 2.4** Fissura. Vila Tronco. **Figura 2.5** Diagrama de leitura: clareira. Vila Tronco. **Figura 2.6** Diagrama de leitura: fissura. Vila Tronco. *Fonte: Autora.*

guardado pelo mar, espécie de oásis, onde a espera encontra-se isolada, aguardando pelo náufrago errante. A fissura, da mesma forma que a invaginação, é uma sutil abertura, quase imperceptível, superficial, nem dentro, nem fora, incorporal, que Deleuze chama de *fissura silenciosa*. O útero, uma concavidade primeira, forma que remonta ao mais profundo acolhimento, ao mais íntimo sentimento de pertencimento; um morar no outro; o outro dentro de mim; *ulterioridade*, como fala Fuão (2015). Forma onde a figura da espera é a própria forma, *guardação*. Nada além dos seres em questão, um dar lugar dentro do próprio dentro do ser. Encontro, em que, mesmo na primazia da espera, da hospedeira, o proteger e o ser

protegido, o nutrir e o ser nutrido se dão em simultaneidade. Duplo crescer, duplo nascer. “Gestação. Gesto ação do cuidar e proteger, o ‘trans-porte’.” (FUÃO, 2015). Duplo carregar e ser carregado. Longa espera, sutil ligação com o *fora*, que há de se dilatar.

Diferentemente do olhar abrangente e comum do interior da dobra, na reta, a percepção acontece numa trajetória de sucessivos pontos focais. A rua, a senda, o caminho carregam um sentido de ponte: permitem a passagem, a ligação, a transposição, unindo, colando, movendo o sentido, que podem ser entendidas como *arquiteturas da errância* (FUÃO, 2014). Pela própria não-familiaridade, imprevisibilidade, indecisão do andar constante, essas formas carregam, num primeiro momento, o sentido da hostilidade.

Do mesmo modo que as duas figuras da Hospitalidade, a espera e a errância, os limites entre as diferentes formas do acolhimento são indefinidos; são formas duplas, entrelaçadas, em constante deslizamento, deslocamento de sentido; uma forma incluindo a outra, como um fractal, um refletido (FUÃO, 2014), em que o crescimento se dá pelas bordas, numa eterna curvância, num desdobrar sem fim, e sem começo.

2.2 Espaços do acolhimento na Vila Tronco

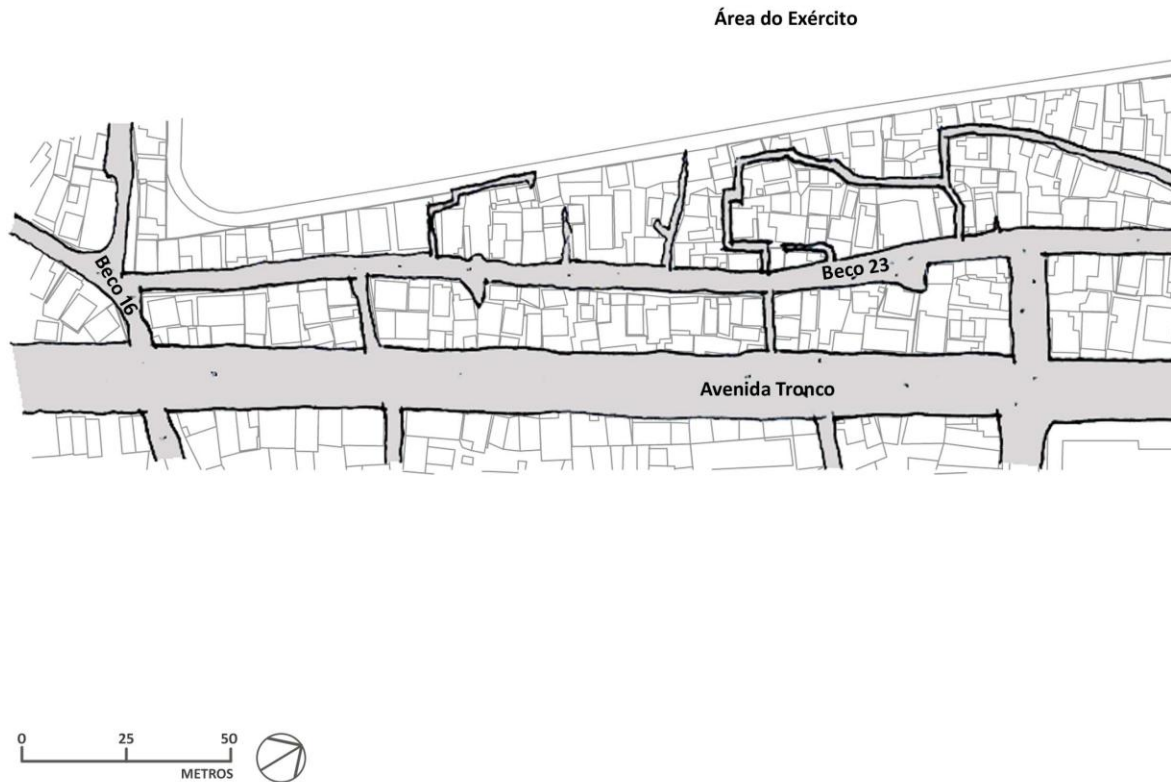
Num *re-pouso* sobre a Vila Tronco, volto-me ao dentro da própria vila; ao dentro do território, que é o fora do dentro de quem ali mora, procurando pelo dentro que se faz nesse fora, pelos inúmeros dentros do que se chama de espaço exterior, público. São locais *a priori* da errância – a Vila não tem áreas públicas diretamente relacionadas ao lazer, ao encontro, espaços da espera médios ou grandes, como praças –, que, nos seus desdobramentos, fazem-se *pontos de chegada*, espaços do acolhimento.

A aproximação do olhar permite enxergar as dobras contidas na reta: formas da espera – enseadas, baías, frestras, penínsulas – habitando as formas da errância. Na ampliação, tanto planimétrica, quanto altimétrica, é possível depreender o acolhimento no aparente lugar hostil da rua, num atingimento de uma escala de curvâncias, uma real dimensão do acolhimento. Tudo se passa nas ruas, todo o sentido do acolhimento. E nesse esmiuçar, formas a princípio antagônicas, da espera e da errância, mostram-se como uma única superfície.

Os espaços do acolhimento buscados compreenderão a Vila em sua estrutura espacial prévia às obras de alargamento da Avenida Tronco – etapa em que se vivenciou o território com as turmas da graduação ministradas pelo professor Fernando Fuão, sendo parte das fotografias feitas pelos estudantes – e, também, o território já amplamente transformado pela intervenção. Num relato que abrangerá mais de três anos de acesso à comunidade, as arquiteturas do acolhimento serão demonstradas sem preocupação cronológica. A busca pelo sentido dessas manifestações não adentrará em questões circunstanciais e temporais; não necessitará que se adentre em qualquer casa construída. É, antes, o inverso disto. Por fora e pelos espaços entre, pelas ruas e suas reentrâncias, e na vivência de um *presente imensurável* que todo o sentido do acolhimento se manifestará.

Nesse deslize, adentrarei em lugares em que a Vila tem de *relação consigo mesma, lados de dentro da vida* da comunidade, lugares que expressam algo além de uma identidade, de um posicionamento dentro da sociedade como um todo, de alinhamentos políticos; *lados de dentro mais profundos do que todo o interior*, tão relevante interioridade na Vila, que têm sua profundidade subtraída com a atual intervenção espacial.

Dobras e mais dobras que obrigam o caminhante sempre a girar e mudar seu olhar; curvas que o fazem adentrar, sem mal perceber, em novos espaçamentos. A Vila já é, no seu aspecto formal, curva. Constante curvância, captada num primeiro olhar, andar, que fala sobre a anterioridade de uma relação de grande abertura, continuidade em relação ao espaço da rua,



em casas que eram, e muitas ainda são, quase vazadas em relação ao externo. A Vila, na atual predominância da alvenaria, teve seus primeiros abrigos feitos de restos de outras construções, em fragmentos de materiais recolhidos e reagrupados; arquiteturas que, quanto mais afastadas no tempo, mais fragmentadas no seu aspecto formal (JACQUES, 2011). Entre cada placa de madeira, telha ondulada, pano, plástico, pedra e tijolo, frestas, há comunicação. No rastro dessa relação, mantêm-se as memórias das paradas, dos encontros, das brincadeiras em meio ao espaço que pertencia a casa e a todas as outras casas; lugares nem dentro nem fora das antigas moradas. E, num sentido inverso, mas não antagônico, há um processo de crescimento da superfície ocupada, que estreita as passagens e aproxima, *re-aproxima*, o espaço entre as interioridades construídas. São as casas da Vila que conformam o espaço da rua, e o sentido de familiaridade acaba ultrapassando a superfície limite. As construções vão deixando sua imagem fragmentada, em fachadas cada vez mais rebocadas, pintadas, revestidas em cerâmica, e em *re-construções* do que antes foi feito em partes, inteiras substituições por blocos únicos em alvenaria. A imagem cada vez mais próxima da cidade formal não anula o modo fragmentário de construir da Vila. Na transformação constante do

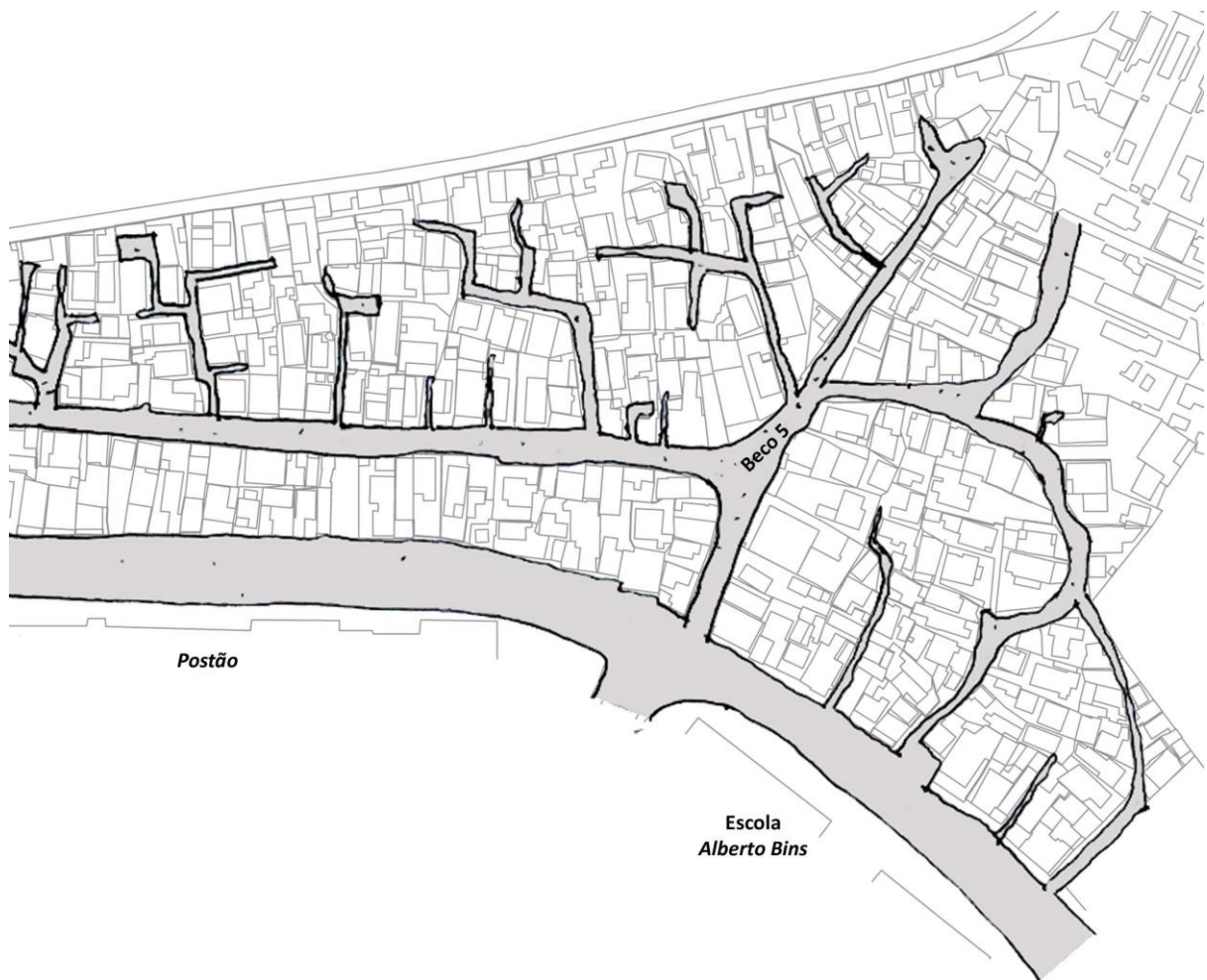


Figura 2.7 Tecido das ruas da vila. Fonte: Desenho da autora adaptado de Levantamento Topográfico (PORTO ALEGRE, 1998)

espaço, no seu eterno, e rápido, crescimento, mantém-se um estado de incompletude (JACQUES, 2011). E a rua não deixa nunca de se *re-fazer*, em suas bordas sempre em movimento. Ela ainda se combina com o rolar desenfreado das bolas de futebol, com cadeiras e chimarrão, com varais de roupa unindo lado a lado da passagem. Continuidade e alternância do dentro e do fora; duplo sentido da superfície rua, em constante desdobramento de significados. De um ponto de vista geral, como que olhando o elemento rua na sua integralidade, numa agregação de toda a estrutura viária, de todo seu tecido, ela é um lugar do acolhimento, uma grande entidade do acolhimento, um *mapa da hospitalidade*. Ela, a hospitalidade, manifestada no território da errância.

Na primazia dada ao elemento rua no olhar às formas do acolhimento, demonstro seus espaços em evidência nos desenhos. Inversamente à maneira habitual de se representar rua e arquiteturas construídas, em que se dá destaque através de traços mais grossos, definindo limites e em interioridades hachuradas, pinto de cinza o *fora*. Exterioridade da qual toda interioridade se desdobra; *fora*, que, na aproximação do olhar – e conseqüente diminuição da rigidez dos limites –, manifesta-se em espaços indefinidos, ganhando as curvâncias do

acolhimento.

2.2.1 O desenho das curvâncias

Em todas as coisas há um sentido de acolhimento (FUÃO, 2014): no vaso com plantas, no acesso a casa que dá boas-vindas, na escada que convida a um segundo pavimento e, também, a sentar, no meio-fio que é banco, no poste que ilumina a passagem, sustenta a placa, e apóia quem quiser se encostar. Tudo é uma questão de olhar, de uma primeira abertura interna, dentro do próprio ser que olha, e que se deixa adentrar na dimensão do acolhimento: acolher e ser acolhido, ao mesmo tempo. Junto a essas visões da realidade, essas superfícies onde o sentido habita, podem-se enxergar círculos formados, o encontro se dando; vislumbres do acolhimento, apreendidos a partir destes rastros, suportes, que transmitem algo sobre desvelo (FUÃO, 2014); é o sentido do acolhimento que diz respeito à revelação, à descoberta, à abertura, e também ao cuidado, ao zelo, à delicadeza, um *sentido de ponte* das coisas, que também me transporta para esse lugar outro do acolhimento.

A impossibilidade de categorizar as coisas do mundo ganha ainda maior dimensão na Vila: tudo parece muito mais claramente se posicionar num limite de significação. Na grande realidade indefinida do espaço irregular, nesse lugar em processo, formas e também elementos arquitetônicos da hospitalidade se mostram com sentidos múltiplos, imprecisos, imprevisíveis, inapreensíveis de um modo definitivo. Arquiteturas inclassificáveis, de significados apenas rastreáveis.

O desdobramento do *fora* e sua reprodução dentro do ser que olha sempre é única. A cada olhar, a cada imersão na dimensão do acolhimento, a realidade se mostra diversa. Por isso, as percepções da hospitalidade são sempre variáveis de pessoa para pessoa, de momento para momento; múltiplas curvâncias, pelo amplo dinamismo dos espaços do acolhimento, sempre em *trans-formação*, sempre passageiros, animados pela ampla mobilidade do lado de fora. Instabilidade, que se faz no *dentro* do próprio ser que *re-produz*, representa as formas do acolhimento.

Qual é a verdadeira dimensão das coisas: a dimensão real, vivida, humana? Como um pequeno lugar pode ser mais acolhedor, ter uma medida maior de acolhimento, do que um espaço de medidas geométricas superiores? O acolhimento se faz numa dimensão emocional, sutil do espaço. Fernando Fuão (2015) explica que a dimensão humana – diferentemente de uma dimensão colocada num sentido de profundidade horizontal, voltada à exterioridade do espaço – faz-se numa profundidade ascendente, num lugar de intermediação do acima-abaixo;

interioridade que está no *entre*, e não escondida dentro de algo. É dessa maneira que Fuão propõe a representação do acolhimento, sempre mutante e relativa, sob a forma de *curvâncias*, sinuosas linhas que ganham as dobras das interioridades criadas, para além dos rígidos limites entre dentro e fora; uma representação não geométrica do espaço, em que o reverso se faz tangível, e as curvâncias podem tanto ultrapassar os limites das próprias formas, em amplas concavidades onde o acolhimento se faz mais potente, quanto o contrário, nem sequer atingir os bordos construídos. “Na arquitetura frequentemente usamos a dimensão corporal em todo ato de projeto, mas raramente empregamos a dimensão humana para estabelecer aquilo que chamamos de arquitetura.” (FUÃO, 2015, s.p.). No desenho das curvâncias do acolhimento, feito tanto em planta, quanto em corte, os habituais calungas, que representam a figura humana, não aparecem, o que coloca à parte da representação o rumo do referencial corporal, numa primazia à dimensão humana. Ato de desenhar que não fixa mas, sim, busca liberar o ser em toda sua dimensão.

2.2.2 Adentrando em dobras, e redobras, do tecido

Subindo pelo Beco 5, passando pelo grande portal formado pela copa da paineira junto às duas creches da comunidade, atinge-se um lugar onde as construções recuam, a rua se alarga, e o tecido se faz côncavo, um remate da rua sem saída feito numa generosa clareira. Nesse ponto, que é o mais elevado da Vila, o céu parece estar mais próximo. Ao alto, beirais e alpendres não se chocam, ao passo que paredes e muros formam um contínuo de resguardo. Os varais de roupa, sempre presentes, atestam a continuidade entre *dentro* e *fora*, e o não acesso de carros a esse largo.

No denso tecido da Vila, as clareiras se abrem ao longo do andar mais regular. São concavidades que acolhem mais portas e portões no diâmetro ampliado do espaço público. Visões um tanto paradoxais em que se aumenta o aberto, o não ocupado, a rua, e se aumentam, também, as casas abrangidas; alargamento que não desloca, mas toca as moradas mais intrincadas, permitindo que respirem e se comuniquem.

A entrada na clareira é marcada pela finalização dos meios-fios. No projeto de *re-urbanização* do órgão de habitação do município, era prevista a continuidade desses elementos dentro do largo, num curvo remate em forma de bolsa, um *cul-de-sac*, que demarcaria uma área de calçadas – em dimensões maiores em relação às da rua de acesso, onde o meio-fio quase sempre encosta nos limites das construções – e uma área para carros. O acaso da não concretização do projeto preservou a continuidade espacial do lugar, seu



Figura 2.8 Paineira na subida do Beco 5. **Figura 2.9** Subida, recuos em relação ao meio-fio, e aproximação do largo. Fonte: Autora.

indefinido sentido entre calçada e rua.

As calçadas existentes na Vila são fragmentadas e descontínuas. Formadas num tempo seguinte à definição do traçado da rua, são decorrências, espaços que no decurso dos processos de *re-urbanização* restam junto às fachadas. Esses espaçamentos, por ora mais amplos e lineares, por ora se dando como pequenas reentrâncias entre casa e rua, possibilitam junto a cada morada um lugar de acolhimento único.

Toda colocação de infraestrutura acaba instaurando na vila autoconstruída um esquema espacial predeterminado, em redes de abastecimento, por exemplo, que necessitam de definição entre dentro-fora, público-privado. A infraestrutura de pavimentação institui um processo de definição espacial que diz respeito a um plano visível do espaço, uma camada sólida, inerte, acima de outras redes escondidas, que desenha novos limites no território; sensível superfície, tocada pelo humano, e que *o toca, o re-conduz, re-alinha*, e o transporta para novos espaços, novos espaçamentos possíveis. Nas passagens mais estreitas, a pavimentação é feita pela simples colocação do calçamento no espaço definido como público, viário – no caso da Vila Tronco, o asfalto –, e onde a travessia permitiu maior largura à rua instituída (e esse é sempre um objetivo das intervenções, ampliar a largura das passagens), o



Figura 2.10 Interior da clareira. Fonte: Autora.

calçamento é ainda arrematado por meios-fios. Esses elementos, que são guias aos eixos pavimentados, ou simplesmente funcionam como um acabamento à camada asfáltica, colando-se às construções e adequando-se à irregularidade do tecido, ou, quando do afastamento das casas, conjecturam limites entre a passagem dos carros e a das pessoas, linearizando aquele percurso e formando, num nível acima, as calçadas. Fictícias calçadas, pois nunca alcançam continuidade e largura suficientes. Sob um certo olhar, são uma imposição de um modelo convencional de via, imputação de um elemento urbanístico impróprio, impraticável ao território construído.

A instalação dos meios-fios nos espaços das vilas representa uma espécie de marco, de pedra fundamental das intervenções *re-urbanizadoras*; ação que parece conter um sentido que vai muito além do suporte e remate da pavimentação: serve, em alguma medida, como um colocar de ordem nos territórios pouco definidos, em intervenções que se mostram mais direcionadas ao uso do automóvel, que ganharia uma faixa de trânsito independente e exclusiva, do que ao passante.



Figura 2.11 Interior da clareira. *Fonte: Autora.* **Figura 2.12** Pessoas sentadas na clareira, meninos descendo a lomba e porta aberta: vistas do acolhimento. *Fonte: Foto de Stephanie Ribeiro.*

Apenas com a intervenção externa, que acaba visando à linearização das superfícies, há de haver *restos*. Segundo Cragolini (2012), mais do que qualquer resíduo ou despojo, “resto” é o irreduzível à linha, o que se faz resistente à totalização. Essa é a ideia de “resto” para Derrida: para além de algo que sobra de uma tentativa de totalidade, “resto” é o que impede que a totalidade se feche, se encerre, se resolva. “Resto” é resistência que impede que a realidade seja inteiramente apropriada; é o excesso que impossibilita toda a tentativa de completa união na busca de uma verdade única, de uma unidade de sentido. “Resto” é algo indigesto, inassimilável, intangível, imprevisível: o outro, infinitamente irreduzível, assim como o entre, lugar *indeconstrutível*, que possibilita a própria Deconstrução. Lugar do outro, da alteridade.

Os degraus estabelecidos não privam o fluxo livre nas ruas; mais apontam para os próprios limites de um fazer urbanismo, um fazer arquitetura que ainda visa à homogeneidade, ao apagamento do diferente. As calçadas criadas são pouco acessadas por quem passa, que continua a caminhar pelo leito dos carros. E estes espaços acabam



Figura 2.13 Pequena calçada, soleira, em fragmentos de cerâmica. Vila Tronco. *Fonte: Autora.*

adquirindo na Vila sentidos diversos. Para além dos significados de trânsito, passagem, as calçadas são um lugar de parada e espera. O desnivelamento oferece novos espaçamentos, novos espaços suscetíveis ao encontro, ou, ainda, novos bordos da hospitalidade, nem dentro, nem fora das casas, que ora se mostram como espaço público, ora como recuo de jardim, ora degraus, bancos, soleiras, varandas...

Na subida à clareira, pelo Beco 5, onde ainda há meios-fios, esses espaços do acolhimento se manifestam. Nesses lugares, as curvâncias da minha experiência de acolhimento ganham expansão.

Na predominância do construído, do concretado, do asfaltado na Vila, as formas do acolhimento presentes na vegetação saltam aos olhos. Plantas são elementos de ligação, congregação, refúgio ao olhar. Ambiências únicas criadas onde elas estão presentes pelos lados, onde coberturas verdes, vivas, são formadas acima. Vegetação plantada em canteiros e vasos – muitos vasos – e plantas que surgem espontaneamente onde o espaço sobrou: a natureza na Vila desenvolve-se num movimento orgânico, livre, tomando conta das fachadas onde foi permitido que vingasse, abrindo frestas, nutrindo o solo, promovendo a vida onde o espaço não foi ocupado. Aliviam no verão intenso, mas são motivo para incomodação pelos troncos que voam sobre os telhados, pelas folhas que se espalham sobre os pisos revestidos, pelo espaço que ocupam na vila aglomerada. No lugar onde ainda a maioria das construções são térreas, as árvores trazem um movimento de ascensão ao espaço.

Na clareira, a vegetação é quase inexistente. Ela se mostra ao fundo, talvez pertencente ao inacessível território do Exército, e não tem força para fazer parte das estruturas de



guardação do lugar. Mas, antes de chegar ao espaço aberto, na subida, a grande paineira impõe a presença da natureza, abrindo fendas no chão vedado, intocável, na própria estrutura das construções, mostrando que há forças maiores do que a força humana. Na formação do portal, nessa ampliação da experiência de acolhimento, numa ampla curvância vertical, ela também mostra que na associação dessas imensas forças com a dimensão humana a manifestação do acolhimento se faz sublime.

Figura 2.14 Paineira rompendo o chão. Fonte: Autora.

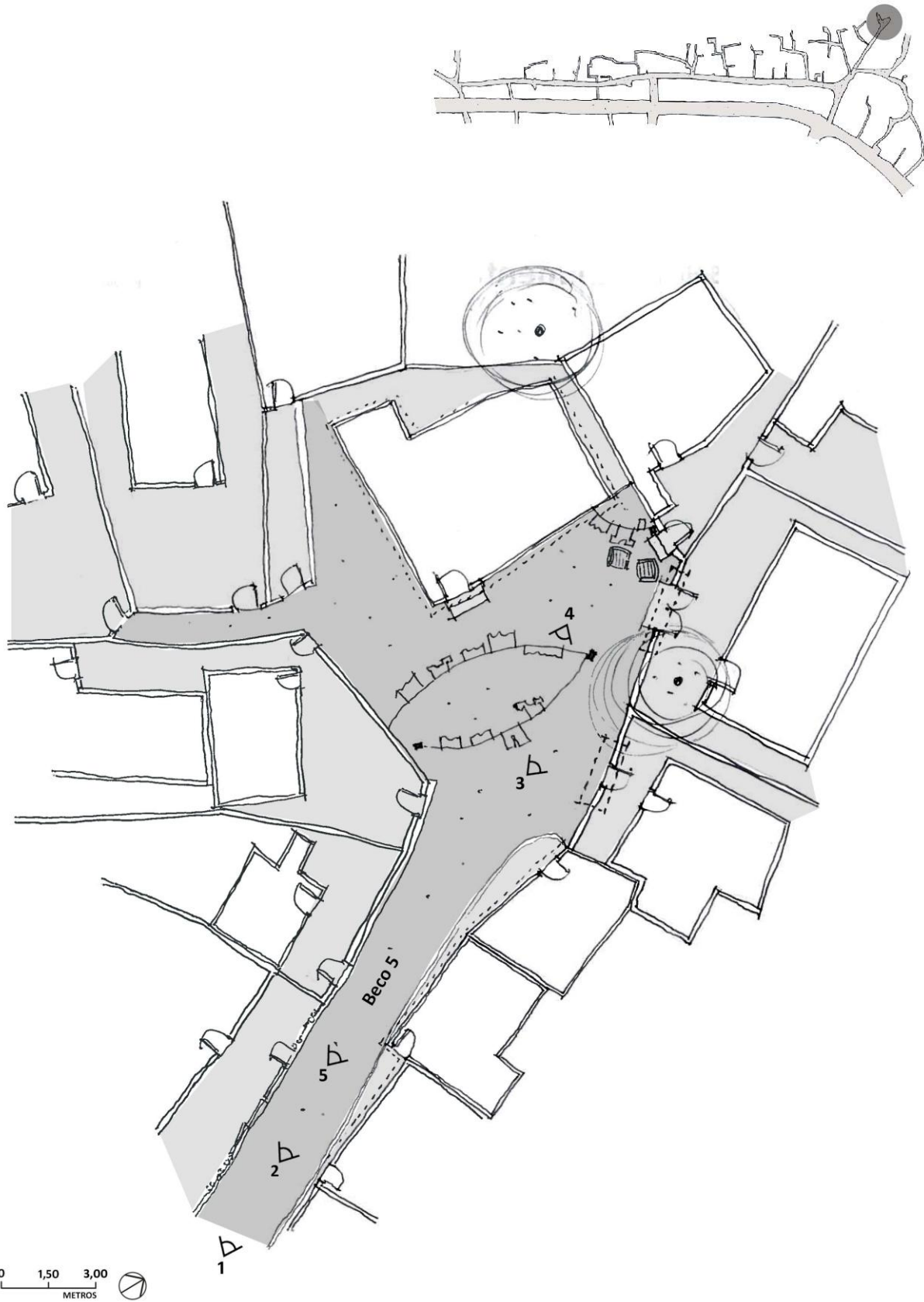


Figura 2.14 Localização. Figura 2.15 Representação em planta. Fonte: Autora.

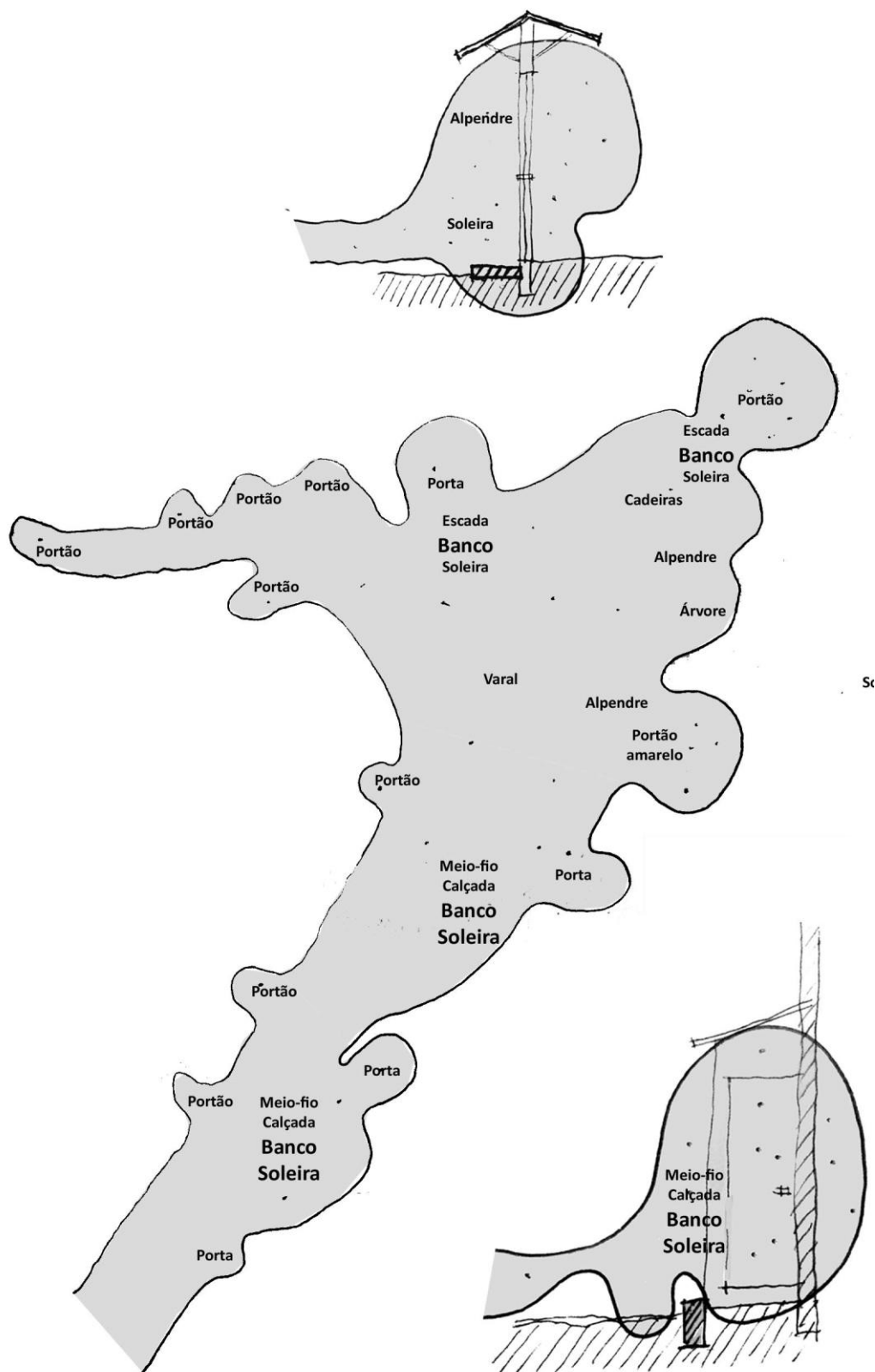


Figura 2.16 Curvâncias do acolhimento. Fonte: Autora.

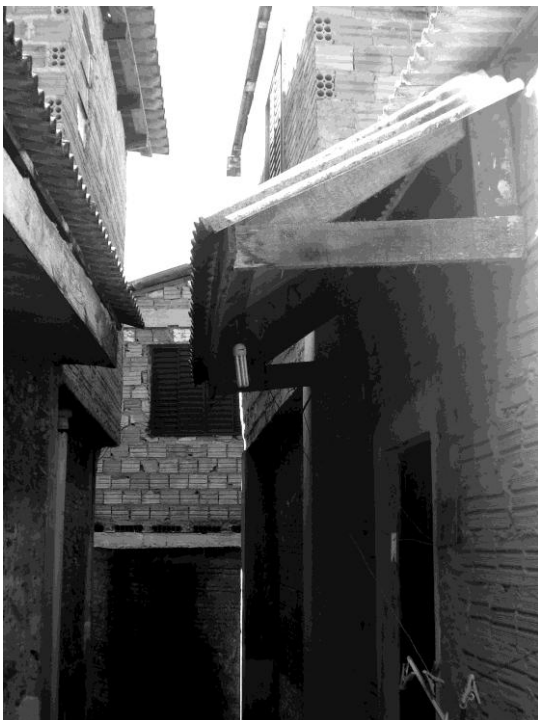
O largo é aberto a portões. Na Vila, as casas recuadas em relação à rua, com pátios que fazem a intermediação entre espaço íntimo e exterior, quase sempre recebem o remate de muros ou grades e portões. Os portões são uma abertura primeira ao espaço de acolhimento da casa; os pátios, espaços indefinidos, *entre*, propícios ao encontro. Ao fundo, a porta da casa desponta, mais leve, com mais elementos translúcidos do que as portas abertas diretamente na rua. Todo o sentido do acolhimento pode se revelar nesses elementos arquitetônicos limites. Nesse lugar, os portões, muitas vezes estão abertos, e ampliam o espaço não apenas permitindo a passagem para o *dentro* do território das famílias, mas dando passagem para o *fora*, os *dentros* do *fora* da ampla clareira, onde as pessoas se sentam em leves cadeiras e bancos em frente aos portões de suas casas. O magnetismo do espaço aberto não se desfaz mesmo onde o tecido não é tão denso. Junto a cada portão ou porta acessível, acolhedora, há uma dobra. Pelo sentido de transporte, entrada, pelo *sentido de porta* desses elementos arquitetônicos, limites entre o dentro e o fora são suavizados em aberturas que se mostram translúcidas, vazadas, abertas ou entreabertas; elementos que, sob o olhar da hospitalidade, falam mais de transposição, continuidade, revelação, relação e lugar, do que de endereço e identidade. Assim como a porta aberta se faz uma figura do acolhimento, anunciando a espera, a dobra porvir, a porta fechada é a própria inospitalidade: “[...] tal como a uma ponte, a porta relaciona e conecta, e também aparta, separa, di-vidé o muro” (FUÃO, 2016, s.p.). Na Vila, as aberturas sob a forma de portões são mais acolhedoras do que as portas localizadas no limite da rua, densas, opacas, e quase sempre cerradas, que muitas vezes fazem recuar as curvâncias do acolhimento ao longo de percurso. Segundo Fuão, a porta, formada por duas partes distintas, uma que se refere a abertura, o umbral ou marco, e outra ao fechamento, a folha, carrega um duplo sentido, do visível e do oculto, do entrar e do sair, do aberto e do fechado. No largo, o sentido da hospitalidade é ampliado a cada porta e portão que se abre, e a forma do acolhimento se desdobra em novas concavidades. Acolhimento dentro de acolhimento; outros encontros presentes no encontro maior da clareira; singularidades em conjugação, que no seu constante desdobrar, fazem do espaço um lugar em ininterrupto movimento.



Figura 2.18 Soleiras. Vila Tronco. Fonte: Autora.

As curvâncias se expandem quando há soleiras ou pequenas escadas junto aos acessos. Esses elementos são a própria figura da indefinição. Servem como o primeiro apoio aos pés que ingressam, e o suporte último para os pés que saem e penetram no mundo da exterioridade. No território rico em desníveis da Vila, em que as portas necessitam de amplo arremate em relação ao nível da rua, as soleiras mostram-se em evidência e em formas diversas. No local onde as chuvas comumente alagam as passagens e onde a pavimentação mostra-se muitas vezes precária ou inexistente, elas criam a intermediação no território, onde praticamente não há o elemento calçadas entre o espaço íntimo e o público. Na Vila, há muitas soleiras pelo caminho.

As curvâncias também se alargam quando as aberturas recebem resguardo de alpendres ou beirais. Esses elementos de proteção, abrigos do sol e da chuva intensos, dizem tanto respeito a quem chega, como um convite, um oferecimento à interioridade, quanto a quem sai, servindo ao morador que, antes de tomar o caminho da rua, pára sob esses elementos arquitetônicos para abrir o guarda-chuva, colocar os óculos escuros, o boné, conferir se tudo está na bolsa. Ou, pára, simplesmente, aparentemente sem nenhum motivo, apenas pára dentro de um tempo criado entre o tempo da casa e o da Vila, da cidade. Esses elementos de intermediação induzem a uma desaceleração. Trazem nesses pequenos espaços criados o tempo da espera, onde muitas vezes espera-se sozinho: *pré-paração*. Quem chega se faz mais brando na entrada sob a cobertura que já lhe comunica sobre a proximidade de um lugar íntimo, sensível; quem sai tem ainda espaço para olhar para todos os lados antes de seguir em



frente, panorama que é reduzido sob os umbrais da porta. Proteção, também, às próprias aberturas. Portas, portões e, também, janelas são menos cerradas quando esses elementos entre casa e rua existem. Pelas passagens mais estreitas e densificadas, essas coberturas, uma sobre outra, vão formando percursos abrigados, quando há chuva, que se desfazem ao voltar do sol; e que novamente surgem, quando o calor do verão intenso indica frescos caminhos, desenhados pelas sombras.

Figura 2.19 Alpendres e beirais. Vila Tronco. Fonte: Autora.

...

Num outro ponto da Vila, ao final do breve percurso do estreito Beco 10, numa área plana, mais próxima da fronteira com a Avenida Tronco, a vista de um poste ornamentado, bem no eixo da passagem, prenuncia um acontecimento espacial: o espaço se dobra, formando um côncavo reduto, que ainda se desdobra, mais além, em uma fissura; dois lugares formados, concavidade e fissura, transmitindo sentidos diversos.

No primeiro espaço, a concavidade, numa abertura ampla em relação ao beco de acesso, reúne portas e portões num foco coletivo que tão bem o lúdico poste de sessão curva poderia representar. Núcleo, centro de convergência, espaço comum. A luz atinge o lugar e o poste que irrompe, mantendo a claridade também à noite, fala de um sentido de ascensão presente. Pilar entre o céu e a terra, ascendente profundidade do espaço escavado marcada por esse tótem. Um pertencer a algo maior que a si mesmo. A luminosidade e o espaçamento proporcionado pela abertura – o sentido de clareira do lugar – permitem mirar a variedade de superfícies existentes, diferentes texturas, cores e materiais iluminados presentes nessa mandala, que portam o sentido do acolhimento: as paredes de tijolos e suas fiadas aparentes, que revelam um construir e uma mão que o faz, superfícies que se mostram sem revestimento ou pintadas numa fina camada de arremate, de cor, de cuidado, que ainda deixa entrever as irregularidades, as vicissitudes desse construir; o vazado dos tijolos, sua parte de dentro, que indica a curvância do *dentro* dos terrenos, em muros que se dobram, e a possibilidade de muitos outros cantos escondidos; as lisas e esmeradas paredes rebocadas e pintadas em vívidas cores, que falam de um crescer constante do espaço construído, e do acolhimento de uma arquitetura outra, do próprio *fora*, a cidade formal, dentro, já inserido no corpo da Vila.

A comunicação entre o acima e o abaixo na clareira manifesta-se, também, nas duas escadas que atingem a rua, e que lhe ocupam. Degraus para transportar e, também, para sentar, *assentar* o corpo; patamares para parar e se encontrar. As inúmeras escadas presentes nos percursos da Vila Tronco atingem a rua penetrando o espaço, em conexões com os andares de cima cujas feitas diretamente no espaço público. São escadas que despontam no curso dos caminhos, falando de casas



figura 2.20 Anúncio. Vila Tronco. Fonte: Autora.



Figura 2.21 Vista a partir do Beco 10. Fonte: Autora.

compartilhadas por mais de uma família, revelando uma configuração espacial de andares de cima independentes, de acesso independente, separados do todo das construções. Como uma lição do acolhimento: em toda conjunção há de haver um certo grau de autonomia. Essas escadas atingem a rua ou limitam-se ao terreno, ou transcendem suas fronteiras, sobrepondo-se à passagem. São elementos de transição, ora servindo como soleira, numa relação mais próxima à interioridade da casa, ora como banco, compondo o *dentro* do *fora* do espaço da



rua. São elementos arquitetônicos com um sentido de transporte, que não aparecem na Vila isolados por muros ou grades, mas bastante acessíveis, destemidos, convidando a outros *andares*, outros níveis e também outras andanças na experiência de acolher e de ser acolhido.

As escadas que se comunicam com a clareira têm portões baixos, junto ao limite com a rua, que mais parecem servir para barrar o acesso dos cachorros que andam pelas

Figura 2.22 Muro e portão baixos. Vila Tronco. Fonte: Autora.



Figura 2.23 Clareira. Fonte: Autora.

ruas, do que para banir a passagem das pessoas. Baixos e acolhedores portões, cada vez menos vistos nas fachadas das casas da Vila.

Dentro da clareira, uma outra concavidade se desdobra, conformando uma forma de baía dentro do acolhimento maior. Curvância marcada também no piso, onde, talvez, antigas paredes formassem uma interioridade com grau maior de fechamento, num anterior avarandado. Zona de acolhimento mais íntima dentro do todo, lugar de entre casa e clareira, marcado pela curvatura das paredes e pela saliência no piso, que traz também o sentido de soleira ao lugar.

A clareira do final do Beco 10, de menores dimensões em relação à clareira



Figura 2.24 Alpendre. Fonte: Autora.



Figura 2.25 Escada e poste. **Figura 2.26** Fissura. Fonte: Autora.

anterior, do alto da Vila, faz-se num território mais densificado em relação àquele. A manifestação mais evidente dos alpendres e beirais, que quase se sobrepõem uns aos outros, traz em cada pequena área coberta, sempre acompanhada de alguma porta ou portão, um lugar da hospitalidade.



Mais além, a fissura que se desdobra da clareira abre-se o suficiente para acolher apenas dois portões. Entre as grades e sobre os muros, roupas penduradas falam do sentido intermediação presente. Nesse estreito e breve redobre da clareira, em que o andar se dá num único giro, a luz se limita às coberturas das casas, aos pátios e avarandados. O acolhimento pelas cores vibrantes se prolonga a essa

Figura 2.27 Toalha pendurada na passagem. Fonte: Autora.

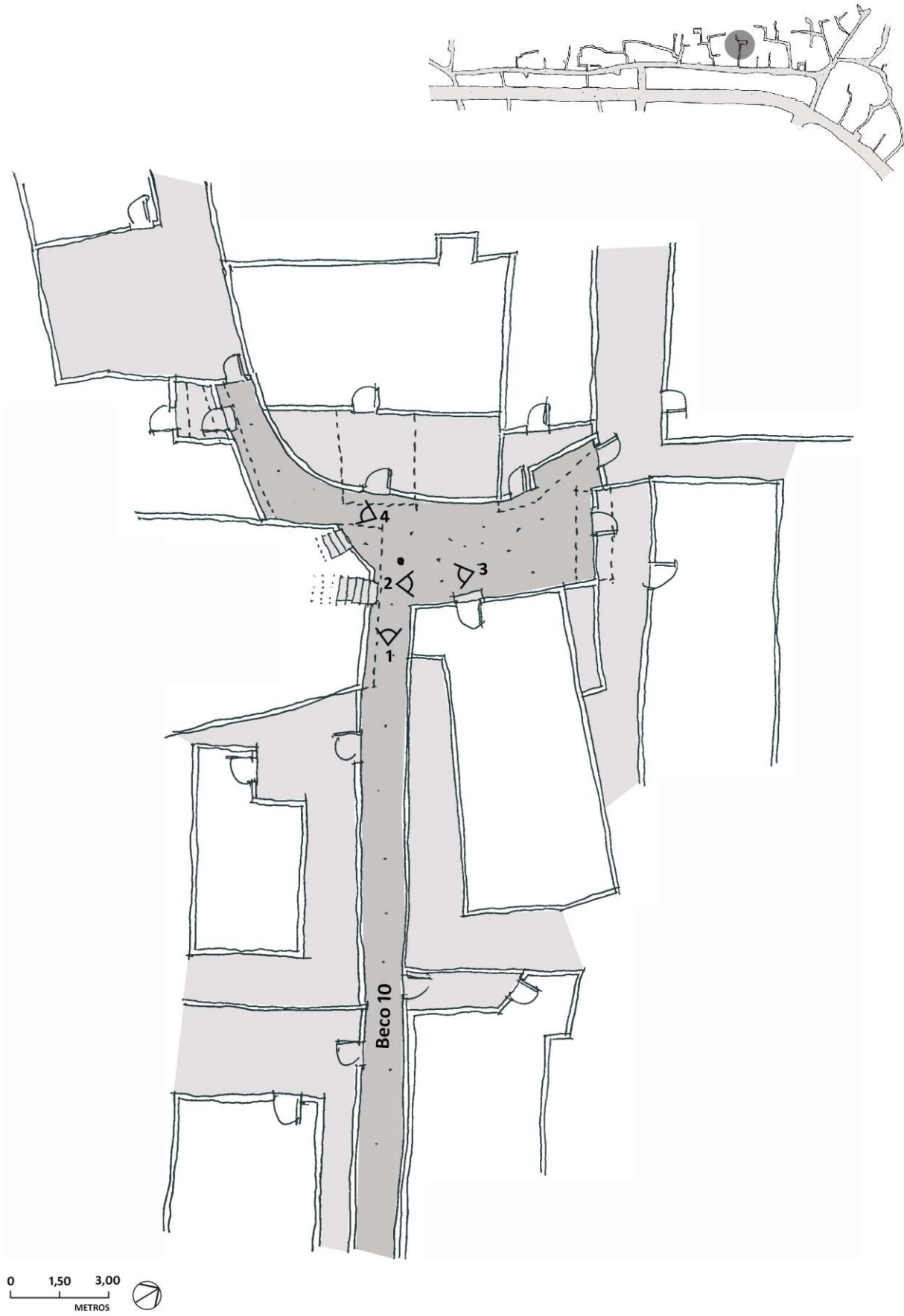


Figura 2.28 Localização. Figura 2.29 Representação em planta. Fonte: Autora.

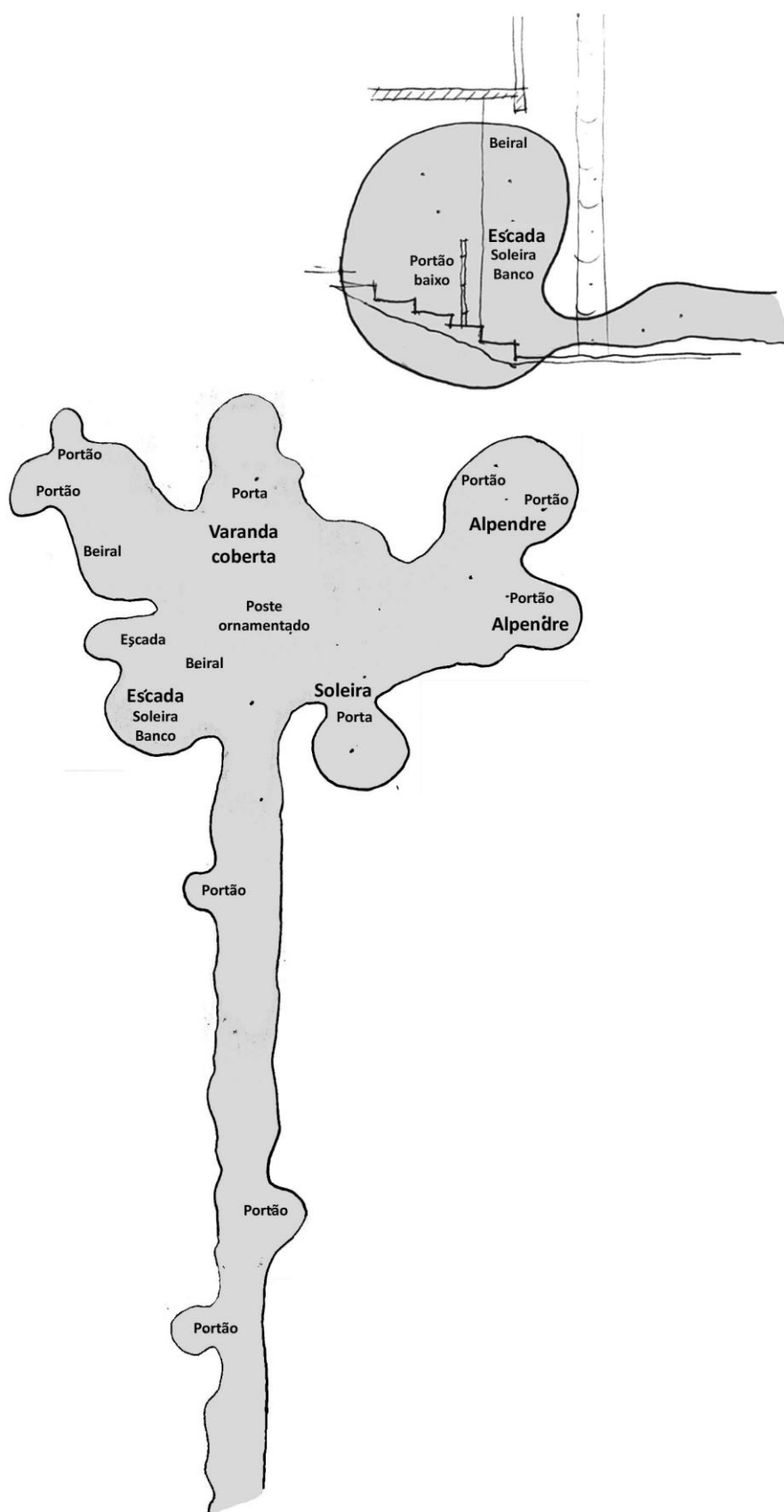


Figura 2.30 Curvâncias do acolhimento. Fonte: Autora.

invaginação e toma conta das superfícies. A proteção dos beirais atinge o beco em um dos lados, onde também se conforma um canto. No outro lado, o muro arredondado cor-de-rosa convida à passagem.

Entre os dois espaços, há concavidade e fissura, bem em frente ao eixo do beco de acesso e ao poste, o pátio parcialmente coberto, conformado pelo muro curvo, numa varanda que abriga varais de roupa bem na altura da grade em floreios verde, conforma uma superfície de transição vazada, gradual e caprichosa. Mais um lugar no qual adentro com minhas curvâncias do acolhimento.

...

Ao longo do Beco 13, duas escadas ligam moradas elevadas diretamente à rua. São escadas leves, vazadas, que ocupam a passagem articuladas a espaços construídos em alvenaria. Na transição que promovem entre interioridade e exterioridade afora, as escadas formam cantos no encontro com a rua, lugares que convidam a ascender o espaço e, também, a parar: soleiras. Os portões que controlam o acesso localizam-se nos patamares e não tem altura suficiente para impedir a passagem. Nas escadas, o acesso é livre. Os portões um sentido de peitoril, proteção e apoio para quem está nos lugares cobertos dos patamares, esperando pela abertura da porta, ou se comunicando com a Vila desde o alto.

Os patamares se localizam sobre portões de acesso a moradas do andar de baixo. Com um sentido de cobertura, formam avarandados, espaços intermediários entre casa e rua. Em uma das escadas, a mais alta, pintada de branco, instalada no local mais estreito da passagem, esse lugar de espera formado em meio à rua adquire um sentido ainda mais imprevisto: a área protegida se dá sobre a abertura, o portão do lote vizinho. No complexo entrelaçamento de espacialidades, estruturas arquitetônicas, formas do acolhimento na Vila, a crença de que não se deve passar por baixo de uma escada não faz o menor sentido.

Em meio ao ambiente bastante fragmentado no seu aspecto visual, numa predominante cor-de-tijolo das superfícies em alvenaria sem revestimento, as duas construções que comportam as escadas ganham certo destaque: são prédios feitos num bloco só, contendo o que se chama de “acabamento”, superfícies revestidas, aberturas seguindo certa padronização, além, é claro, das estruturas metálicas impecáveis das escadas. Intrigante mistura de um padrão visual e construtivo da cidade formal com as complexas espacialidades próprias da Vila: ampla liberdade em incorporar o outro, e continuar seu próprio caminho.

A espontaneidade dos espaços do acolhimento na Vila Tronco tem certo limite: as



Figura 2.31 Escada no Beco 13. **Figura 2.32** Escada no Beco 13. Fonte: Autora.

dobras precisas das estruturas, como o giro do baixo muro, que dá o exato lugar para a passagem junto à escada branca abrindo, ainda ali um portão, falam de uma inteligência construtiva presente, um autoconstruir com alto grau de relação com o outro, em que rígidos limites espaciais, de propriedade, e também entre os seres, são transmutados, numa mágica manifestação de inumeráveis formas do acolhimento. Como o muro do outro lote, ao lado da mesma escada branca, que avança, criando um canto perfeito de acesso ao andar de cima vizinho, trazendo à rua o lugar com sentido de soleira, avarandado; ou como o avanço da construção que comporta a outra escada, a verde, que também gera um anteparo de proteção ao acesso, mas no lado oposto, criando também, junto à rua, um lugar acessível e hospitaleiro. Formas espontâneas, pela sua originalidade, mas altamente complexas na sua formulação, pelas brilhantes mentes que as pensam e constróem.

As curvâncias da minha experiência de acolhimento ao longo do Beco 10 mesclam-se, ganham expansão pela hospitalidade manifestada nos diferentes níveis. Acumulada hospitalidade, em sentidos do espaço que se mostram múltiplos e simultâneos.

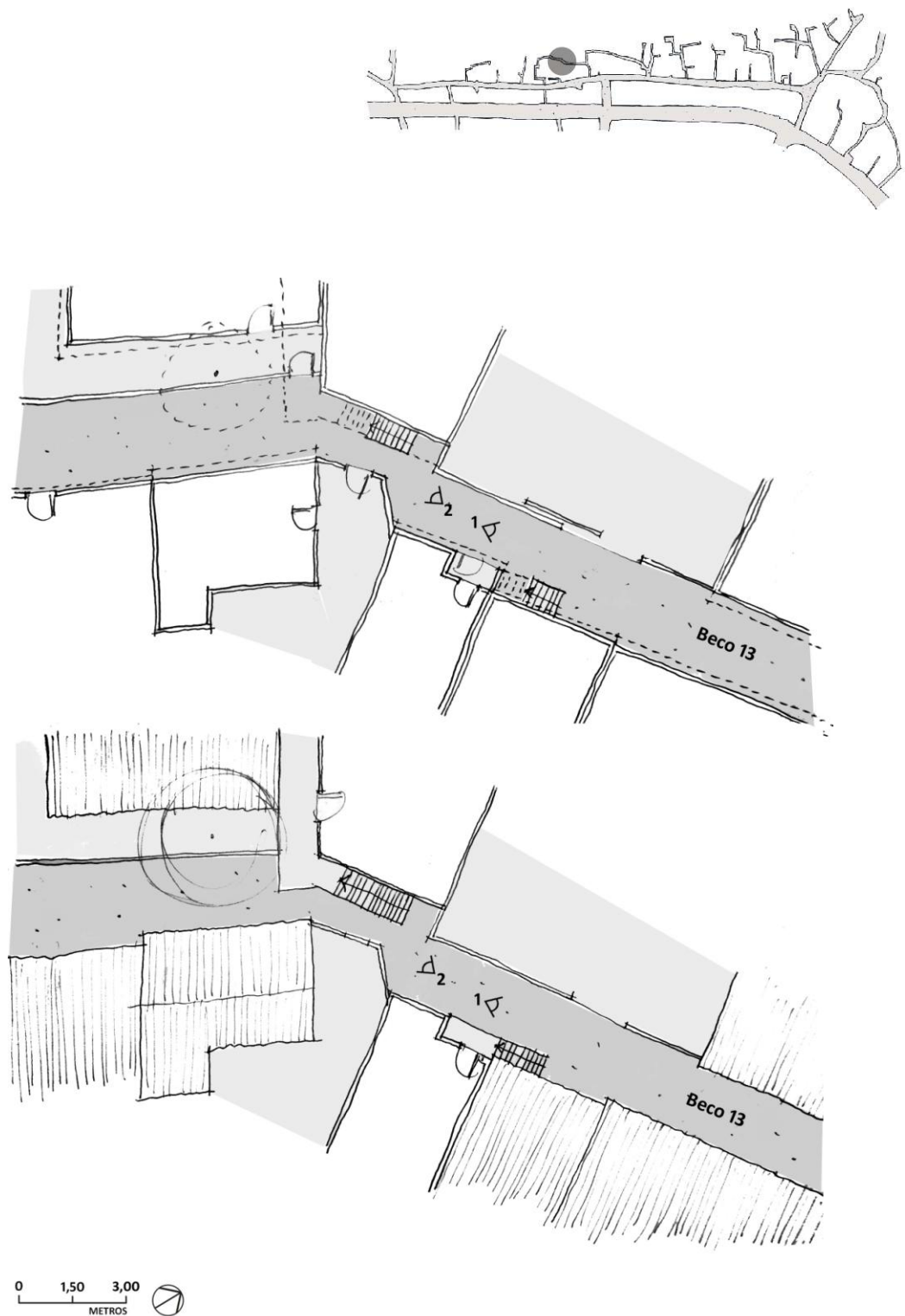


Figura 2.33 Localização. **Figura 2.34** Representação em planta, nível da rua e segundo pavimento. Fonte: Autora.

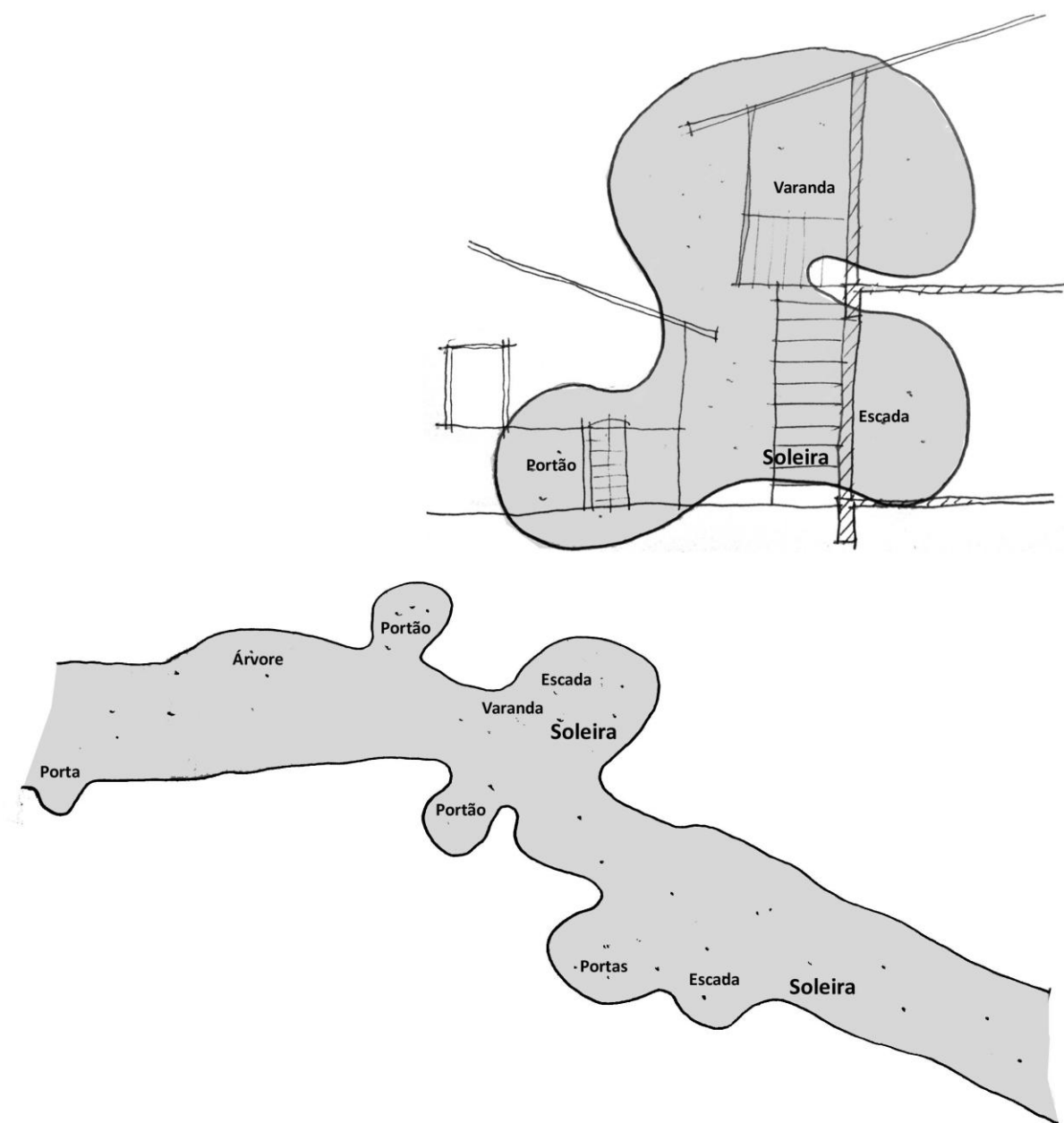


Figura 2.35 Curvâncias do acolhimento. Fonte: Autora.

...

Toda minha vivência de acolhimento na Vila Tronco, todo abrigo e proteção que o sorriso da criança apressada no meio da rua me proporcionou, em que o cumprimentar respeitoso das pessoas em suas casas, do lado de dentro das grades me introduziu, que o portão aberto no caminho, a docilidade do cachorro da rua, a disponibilidade das pessoas desconhecidas para uma conversa, os olhares que penetraram meus olhos me possibilitaram ingressar, enfim, todas essas experiências de imersão em diferentes e sucessivas curvâncias de acolhimento podem ser resumidas num único lugar: Instituto de Integração Social.

Nas visitas à Vila com as turmas da graduação do professor Fernando Fuão, a casa no Beco 23, em que funciona a instituição de acolhimento a jovens no turno inverso da escola, era nosso ponto de encontro. Casa de Dona Clenir, uma construção de três andares, em alvenaria, sem recuo de jardim, mas com calçada; fachada com avarandados nos dois pavimentos acima, formando também, abaixo, no espaçamento entre rua e construção, um lugar protegido; três grandes portas no andar térreo (duas das quais, sempre abertas) cercadas de jovens por dentro e por fora, pela calçada e pela rua, que indicavam a exata ocupação, dentro do espaço da casa, da instituição social. As aberturas davam acesso a dois ambientes bastante acolhedores, com forte ligação com a rua: uma biblioteca, com mesas e cadeiras, e estantes de livros apoiadas em duas paredes, nas quais os volumes mais atrativos eram cuidadosamente colocados em evidência, e um salão, ambiente de múltiplo uso, utilizado para oficinas, reuniões, palestras, festas, com alguns degraus ao fundo formando um palco. A cada data comemorativa – dia das mães, dos pais, das crianças, Páscoa, São João, Revolução Farropilha, Natal – uma ampla decoração acabava recobrendo paredes, portas, tetos, atingindo a fachada e a rua. As atividades do Instituto de Integração Social têm uma forte ligação com esses eventos ao longo do ano, muitas vezes se finalizando com uma festa, uma comemoração feita de portas abertas, oferecida à comunidade, em que os jovens apresentam peças de teatro, cantam,



Figura 2.36 Roda de oficina de música. Instituto de Integração Social. Fonte: Arquivo Instituto de Integração Social



Figura 2.37 Futebol no Beco 23, em frente ao prédio do Instituto (em laranja). **Figura 2.38** Calçada coberta. Fonte: Autora.

dançam, tocam. Esses acontecimentos são amplamente trabalhados no nível da imagem visual, no ambiente interno e externo da instituição, em trabalhos extensos feitos com grande entusiasmo pelos jovens e educadores, decorações que, logo mais, são inteiramente substituídas, num novo ciclo de atividades.

A família de lideranças comunitárias que nos acolheu na vila é encabeçada por Dona Clenir, também conhecida pelo apelido carinhoso de Dona Baixinha. Das primeiras moradoras da Vila, de uma época em que a Avenida Tronco ainda se encontrava longe do território, ela é uma senhora muito ativa no Instituto e na Creche, percorrendo atividades administrativas e de cunho prático, sempre a cozinhar para os jovens, os mais de sessenta que frequentam o Instituto, a organizar o espaço, e sempre disponível para parar, receber e conversar.

Aguardados nas sextas-feiras pela manhã, éramos recebidos com uma vivaz hospitalidade: mesa farta de alimento, e toda a disponibilidade dos jovens e equipe do Instituto para ingressar nas atividades que muitas vezes propúnhamos, como caminhadas pela Vila, levantamento fotográfico, rodas de conversas, ou, para nos acolher dentro das suas próprias movimentações, como nos ensaios das apresentações dos eventos festivos. Nos



Figura 2.39 Largo em frente ao Instituto. Fonte: Autora.

painéis de apresentação das propostas em desenvolvimento dos estudantes, na UFRGS, tivemos, por algumas vezes, a presença interessada da família que nos recebia na Vila. Uma vez que, ao invés de irmos à comunidade, os jovens do Instituto visitaram o ambiente acadêmico, apresentando, num momento conturbado, suas danças na área aberta do campus universitário, e permanecendo, por fim, conosco no terraço da Faculdade de Arquitetura, numa conversa franca, finalizada com uma segunda apresentação, em que um rapaz e duas moças cantaram lindamente músicas no estilo *Rap*.

Com um objetivo de realizar exercícios de projeto para um novo prédio da creche comunitária *Sonho Meu*, instituição também administrada pela família, frequentamos a Vila Tronco com duas turmas consecutivas da graduação, no segundo semestre de 2013 e no primeiro de 2014. Num terreno ocupado pela família para a construção de uma creche para a comunidade, no alto da Vila, no Beco 5, num prédio construído pela prefeitura unicamente para essa função, esse espaço é mais rijo do que a autoconstruída casa que abriga o Instituto. Paredes brancas, absolutamente limpo e organizado, com um grau de fechamento condizente

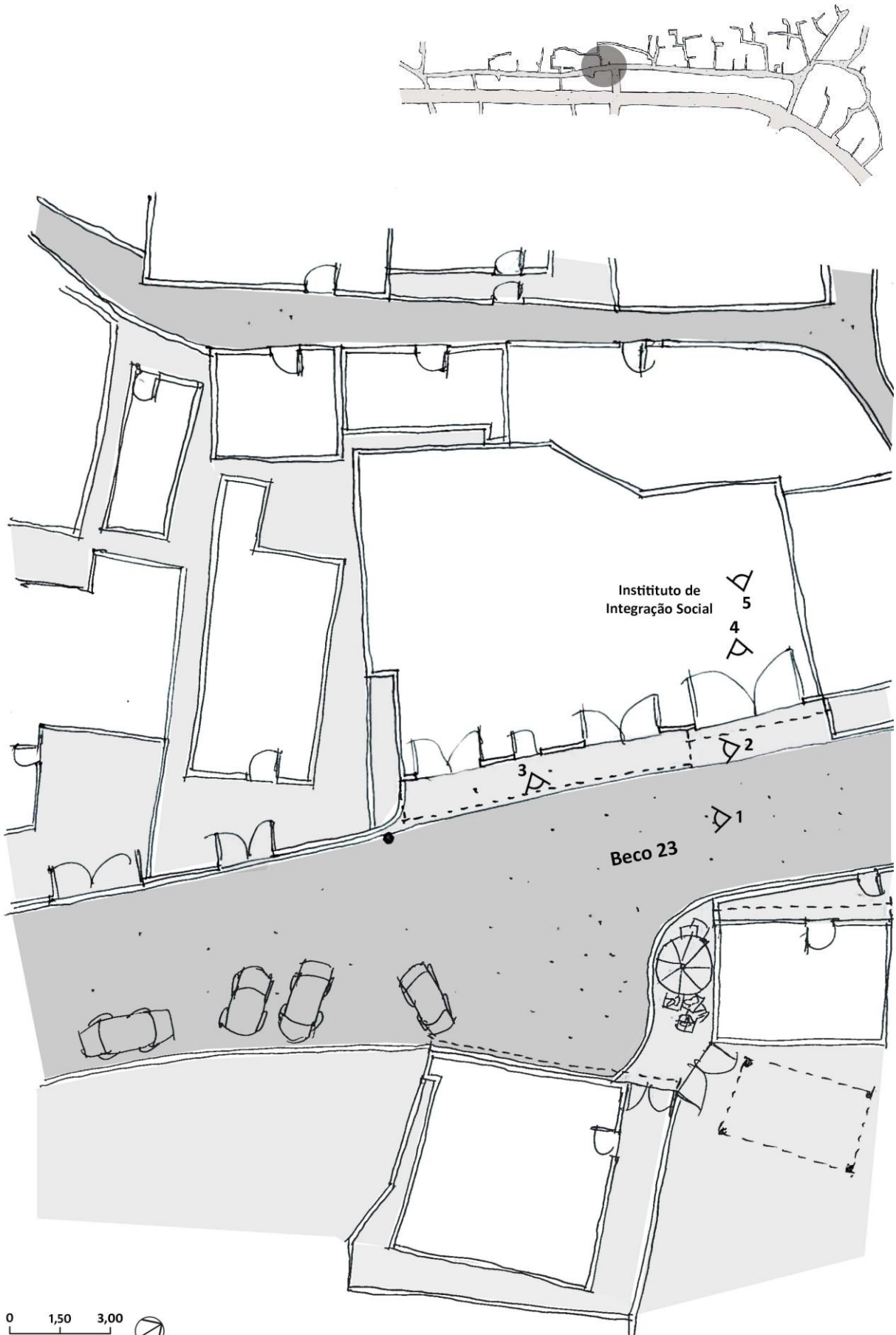


Figura 2.40 Preparação de cenário. **Figura 2.41** Visita da turma da graduação. Fonte: Autora.

à função de guardaão de bebês e crianças pequenas: a creche é uma ilha do acolhimento.

Nesse um ano de presença constante na vila, numa proposta de conhecimento da realidade que ia muito além das rápidas visitas ao *terreno* que costumam acontecer no ensino de projeto nas faculdades de arquitetura, sempre numa fase inicial do processo, com o levantamento espacial como o principal objetivo, percebi um aprimoramento da nossa relação com a comunidade. Em trocas cada vez mais profundas, no segundo semestre os estudantes espontaneamente levavam seus projetos para os mostrar aos jovens da instituição e receber suas críticas e computadores e maquetes para trabalhar no local. Crescente abertura e sentimento de gratidão pela experiência de frequentar o espaço da Vila e a vida da comunidade.

As portas abertas do Instituto de Integração Social para a rua são uma marca, quase um conceito da instituição; um movimento de abertura consciente, buscado, sustentado. Em frente a essas grandes portas, o Beco 23, que vinha quase reto, paralelo à Avenida Tronco, ganhava um desvio, uma reentrância, dando acesso a dois portões de entrada, para depois seguir seu curso. Um lugar com o mesmo asfalto do leito da rua, marcado por meios-fios, com um sentido de entremeio. Muitas vezes encoberto pelos carros estacionados, eu sabia que, nos dias de festa, aquela concavidade se transformava numa grande calçada ampliada, uma extensão, mesmo que do outro lado da rua, da interioridade do Instituto. A ampliação do lugar já imenso – apesar do reduzido espaço físico para o grande número de jovens acolhidos – era desdobramento da maior das dobras da minha experiência de hospitalidade na Vila.



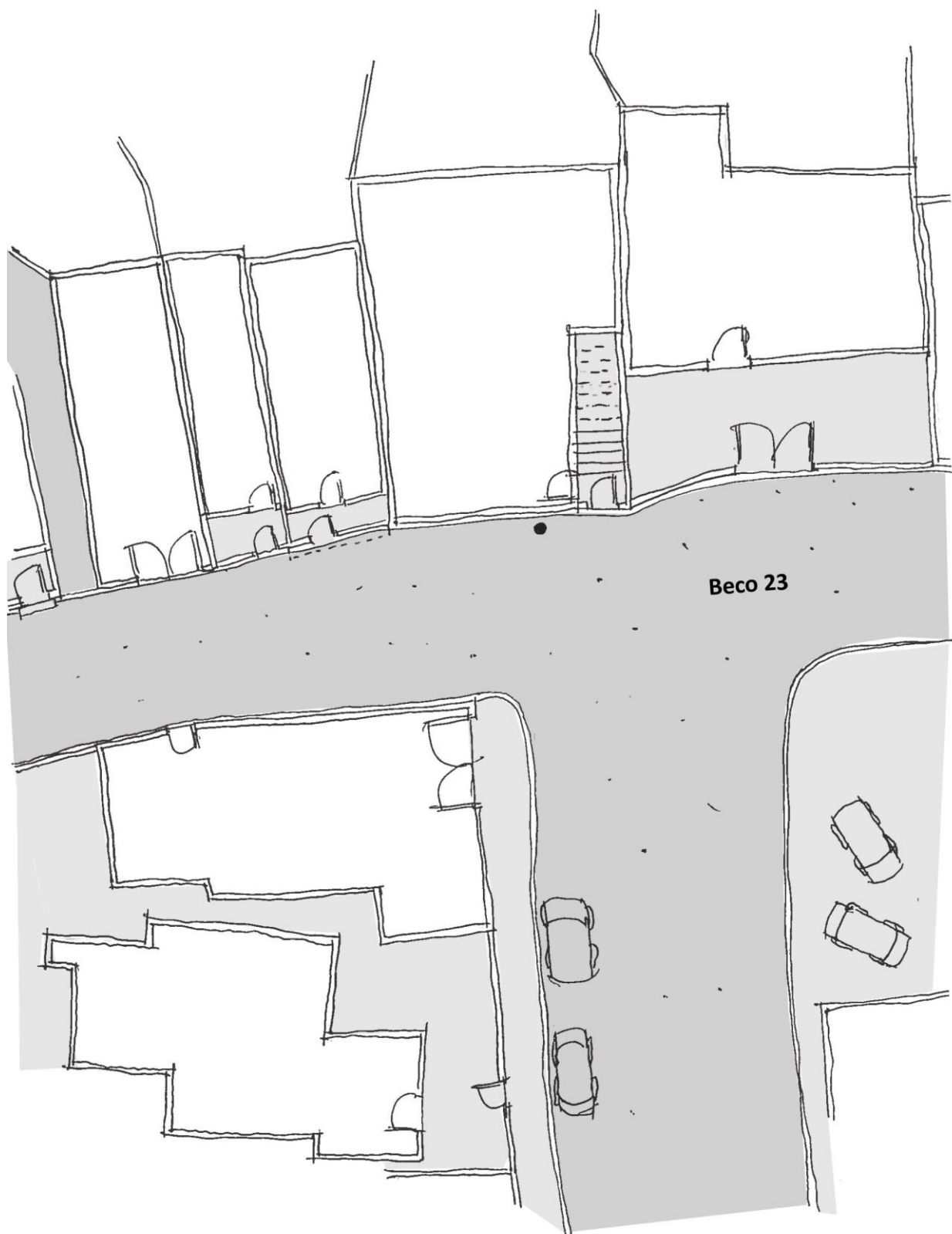
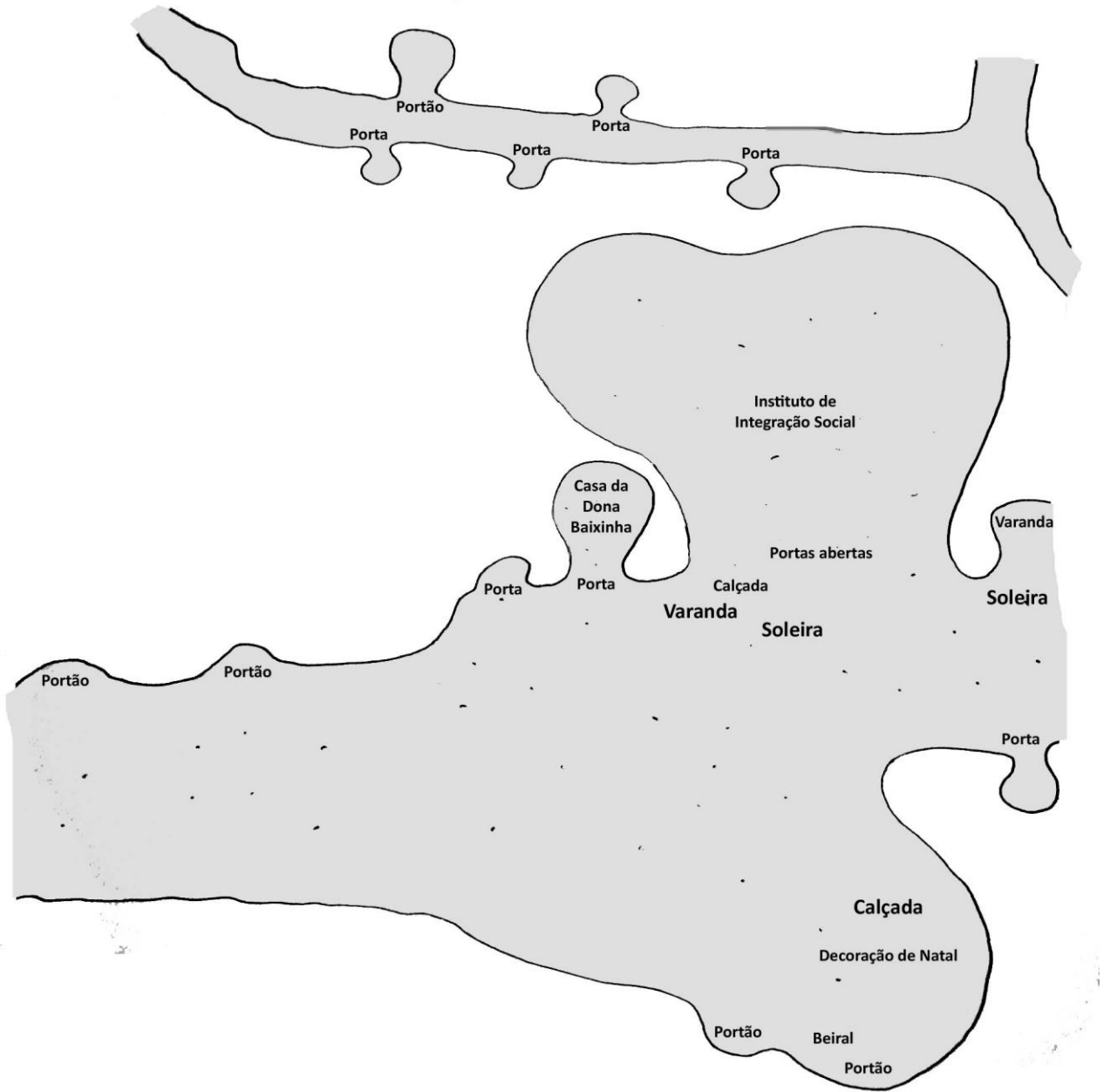


Figura 2.42 Localização. **Figura 2.43** Representação em planta.



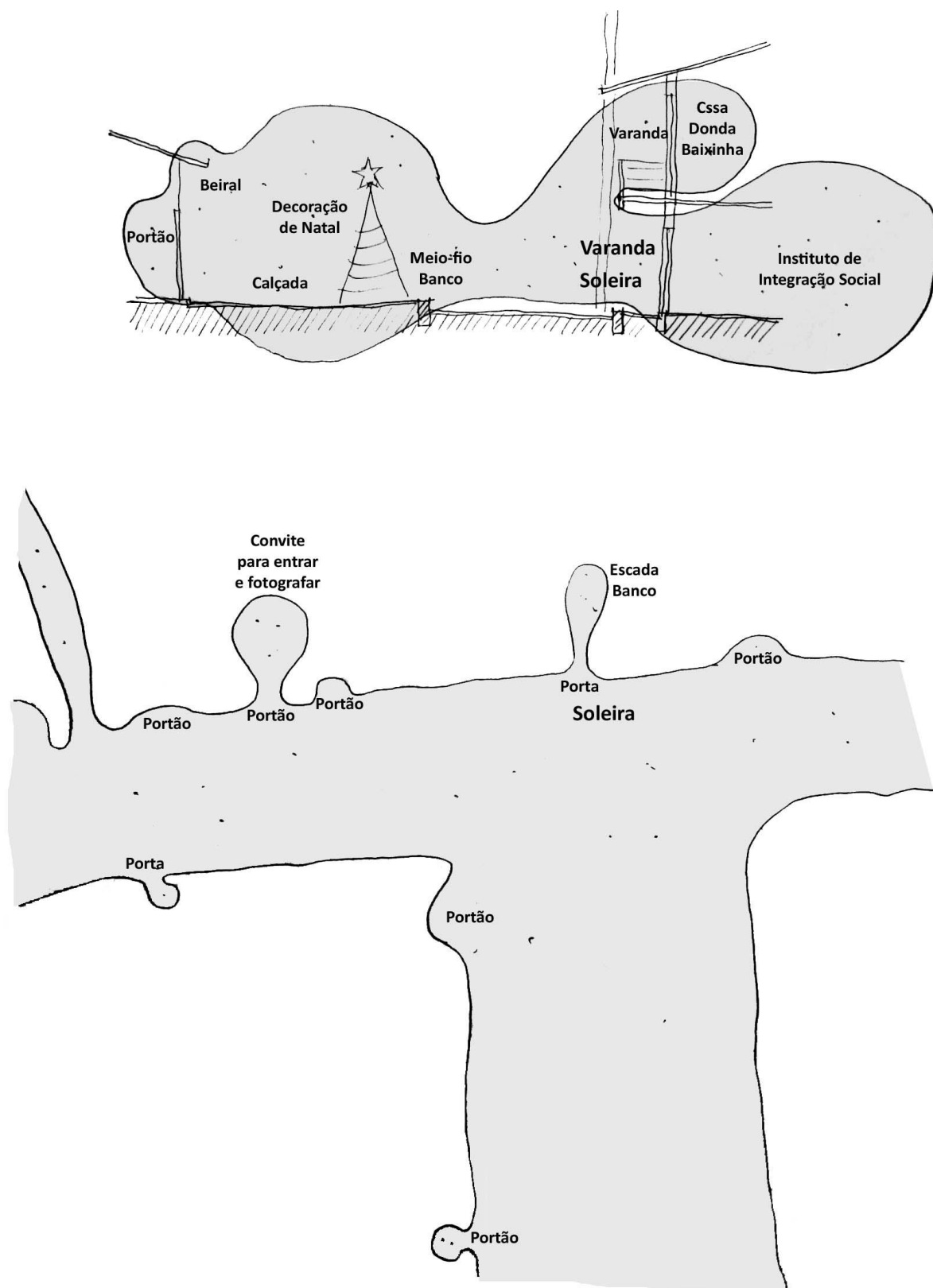


Figura 2.44 Curvâncias do acolhimento. Fonte: Autora.

Entre **Vila** e **avenida**

3º capítulo

Se certas coisas ou certas arquiteturas nos parecem hoje sem sentido, não importa. Assim como o esquecimento, logo a memória retorna, logo a face do não-sentido se desdobra e dá espaço a um novo sentido. Quanto mais hoje as coisas pareçam sem sentido, mais sentido terão amanhã, por força mesmo da natureza do sentido. (FUÃO, 2003, p.34)

3.1 Ao longo da margem neutra

Não tomar posição, não adentrar em um jogo de oposição. Não se situar para além da margem neutra e não se definir em qualquer dos lados em contradição. Desligar-se de toda classificação da realidade em certo e errado, dentro e fora, centro e periferia, e não se inclinar. Mas, manter-se em um lugar de oscilação, um lugar *entre*, na fronteira.

Dentro da questão da implantação da Avenida Tronco no território amplamente ocupado por vilas, as visões são múltiplas e manifestadas, muitas vezes, em assumido antagonismo. Buscar manter-se nos limites dessa questão e não embarcar em um jogo entre opostos, não é ser apática em relação ao grande problema, mas é tentar ver a partir dessas maneiras diversas de enxergar o mundo a existência de um só lado possível, um dançar solto na superfície da realidade, onde tudo é acolhido: a visão do ativista que questiona amplamente a proposta da Avenida, sua fala grave e todo o seu pesar; a visão dos que aprovam interiramente a intervenção, e seu olhar que se esforça dia após dia para manter firme a esperança; as famílias que se alegram com os novos encaminhamentos de suas vidas nos lugares distantes em que foram morar; os que se recusam em sair, e não entram em acordo com o poder público; os resmungos nas ruas pelos incômodos da obra; os sonhos estampados nos rostos pelas benesses do espaço futuro.

Há um só lado possível, mas não uma unidade de sentido. Não há como se atingir uma perspectiva totalizante da questão da Avenida Tronco. Sua significação é plural. E, diante da multiciplidade de modos de ver a realidade, silenciar não quer dizer ser indiferente, e não falar, mas quer dizer respeitar as diferenças, assumindo esse lugar, esse estado de oscilação.

Sem querer destruir o jogo, e sem querer neutralizar as contradições, os conflitos, apegando-se às interdependências. A Deconstrução enxerga profundas relações entre as partes, enxerga na diferença a própria articulação, mas não se prende às correspondências das coisas. Mais do entender as conjunções, ela busca pelas partes separadas, pelas repartições, pelos espaçamentos, pelas fissuras, e pelo ultrapassar dos próprios limites.

“Derrida señala que 'se escribe a dos manos': con una, se respeta el juego de los conceptos – no podemos pensar si no es por medio de las concepciones binarias -; con la otra, se lo borra, se lo desplaza, se lo desliza hasta su extinción e su clausura.” (CRAGNOLINI, 2004, s.p.). Os limites entre os pensamentos antagônicos são indetermináveis.

Afirmar as diferenças, mas sem dar importância à noção de hierarquia. Nesse sentido, o pensamento da Deconstrução apontará para o que é colocado à margem. Dará um privilégio ao marginal, ao outro, mas não para glorificar esse lugar chamado de sem importância em

detrimento de um outro lado, negativizando ou desprezando o lugar central, mas para mostrar a pouca importância da hierarquia dos opostos. (CRAGNOLINI, 2012).

O pensamento de Derrida não enxerga a realidade com gravidade, com *pré-ocupação*, com qualquer enfrentamento. Mas enxerga com um olhar positivo, hospitaleiro, pacificador, onde não há culpados, onde não há vítimas, onde não há lutas, guerras reais. Pois o outro, o que chamamos de segregado, usurpado, carente, ele é inalcançável, infinitamente distante, irreduzível, expectral. Seguirá sempre sendo um outro. Resistente “resto”. Indesapropriáveis “comunidades do resto”:

La comunidad del resto sería, entonces, la extraña comunidad de los existentes exilados de todo sí mismo e de toda propiedad, que asumen el pensar no como el cierre de heridas, sino como el “vivir” en la herida. Vivir en la herida sin querer ocultar, sanarla o cerrarla, es posible desde un pensamiento del resto, que resiste, como pensamiento de la restancia, al deseo devorador del otro. (CRAGNOLINI, 2012, p.156)

Nesse último capítulo do trabalho, mais do que focar no encontro da Avenida Tronco com a comunidade, no complexo processo de implantação do grande projeto no território ainda irregular, no entrelaçamento de soluções vindas de lados diversos, olharei para o que ficou à margem desse processo, o que não se articulou, não se emendou, não se apagou, e se fez, simplesmente, cicatriz. Olharei para esse “viver em la herida”, esse viver tão resiliente e tão acolhedor. Mais do que focar na Avenida em si, no seu projeto, nas suas lógicas e sentidos, e na pertinência ou não da intervenção, buscarei enxergar os desdobramentos da questão, permanecendo nos espaços *entre*, nesses lugares singulares que se fazem sobre cicatrizes e feridas.

Um privilégio ao marginal, mas que não isenta o olhar abrangente. Sem a pretensão da apreensão total, única da realidade na qual se debruça, o olhar à totalidade no Pensamento da Deconstrução visa atingir os próprios limites das questões apresentadas; um olhar ao todo que busca pelas fissuras, onde os “restos” de alteridade podem estar escondidos.

3.2 O jogo e suas marcas

É difícil escrever com um olhar de fora. É difícil falar da implantação da Avenida Tronco sendo hospitaleira de fato com todas as visões com as quais tomei contato, colocando-me no lugar de cada um que fala, *saindo fora de mim mesma*. Quando mal percebo, volto-me à uma visão rígida da realidade: uma antiga visão, que me acompanhou quando iniciei o contato com a questão, e sustentava um pré-conceito bem formado em relação a “uma Avenida implantada junto a uma Vila, que desloca sua população”: achava errado, inadmissível.

“Onde está o mal? [...] Qual proibição assim se transgrediu? Onde está o sacrilégio? [...] Por que determinar essa operação como uma violência, e por que a transformação seria somente uma deformação?” (DERRIDA, 1973, p.50-51). Quando se suspeita da vitimização dada à fala em relação à escritura, da nocividade desta em relação àquela, em “Gramatologia”, pairando seu olhar deconstrutor sobre o logocentrismo⁴², Derrida (1973) levanta uma questão sobre o *conceito de crise* ligado à negatividade, o pessimismo em relação à toda transformação ocasionada pelo *fora*. Limites bem definidos entre *fora* e *dentro* constroem pensamentos de oposição, conceitos de fixidez, em que todo toque, toda afetação pelo outro ou exterior é agressão, subtração, como se o outro já não estivesse imerso no ser atingido.

O uso da figura da *circuncisão* por Derrida ([1994]), corte que retira algo íntimo do ser, também é um abalo que ele enxerga sem revolta. Falando de sua própria experiência corpórea, a circuncisão é algo passível de cicatrização, mas indelével; escritura feita no corpo, inextinguível marca gravada; “rastros” do outro em mim. Derrida ([1994]) volta-se mais à marca deixada e à sua própria inevitabilidade, do que à incisão feita. Porque desvelamento seria nudez? Porque penetração seria violação? Porque a comunidade que acolhe a mudança seria subestimada, muda? Adentrar pelos desdobramentos no espaço mexido da Vila é enxergar essa ação conjunta: a marca do outro aceita, acolhida, num silêncio lúcido, vivaz, em que a crise torna possível a flexibilidade.

Tive a sorte de acessar pensamentos como o de Derrida e de vivenciar brilhantes correspondências dele ao longo da pesquisa. Ainda assim, continua sendo difícil escrever, e o que comprova essa minha limitação é todas as vezes que me surpreendo com pensamentos

⁴²O predomínio da racionalidade no pensamento ocidental, em que a voz é entendida como uma expressão direta da linguagem, ao passo que a escritura é uma materialização desta, um derivado, de estrita função, é chamado de *logocentrismo*. Toda a metafísica ocidental, que se fundamenta na verdade, origem, autoridade, dá privilégio à voz, ratificada pela presença do autor, frente à escritura, que opera sem a sua presença. Derrida chama a atenção exatamente para essa condição da escritura, de ausência, de deslocamento, de perda do controle do sentido, o que acaba impossibilitando qualquer tentativa de centralização, de unidade de sentido do pensamento. (CRAGNOLINI, 2012).

que conseguem estar à margem das questões; seres que, em meio às incertezas de seus próprios destinos, afirmavam não ser contra as transformações, mas apenas quererem resoluções justas; seres que, junto aos inúmeros transtornos da obra, têm o olhar risonho ao futuro, e o braço firme trabalhando no seu lugar particular.

3.2.1 Vila x Avenida

A Copa do Mundo de 2014, realizada no país, foi motivo para um complexo confronto, com desfecho anunciado para o próprio evento esportivo: o encontro das vilas da Grande Cruzeiro e outras comunidades próximas com a Avenida Tronco. Um jogo entre distintas forças, em que vozes dissonantes se puseram a dialogar, na busca de correspondências entre a necessidade de circular, transportar, conectar, com a de morar, viver. Planejada para ser uma das grandes cenas do evento em Porto Alegre, essa conversa fez-se um longo diálogo, que, ultrapassou em muito o período compreendido pela própria Copa.

Entre os antagônicos sentidos de disputa e de encontro do jogo, fronteiras se dissolveram durante o processo, pontos de conexão se mostraram possíveis e conflitos se fizeram irresolúveis. Em períodos mais dolorosos, em que a insegurança claramente predominou, e em outros, em que soluções favoráveis aos dois lados foram atingidas, a questão da implantação da Avenida Tronco em meio às vilas fez-se uma partida marcante, ainda em jogo.

Embora formalizada desde o primeiro Plano Diretor da cidade, de 1959, e passando desde lá por uma gradual implantação em trechos separados, a proposta atualizada da avenida veio à tona quando da participação de Porto Alegre no evento esportivo como uma das cidades sede dos jogos. A Avenida Tronco foi uma das grandes obras propostas para adequação do espaço urbano à Copa⁴³. No decurso do longo processo de implementação do projeto, com a aproximação do evento, ele deixou de fazer parte da “Matriz de Responsabilidade da Copa do Mundo de 2014” e teve seus prazos expandidos. Dois anos após a realização dos jogos, a Avenida tem um trecho realizado e outros em andamento, e ainda passa pela fase de negociações, embora final, com as famílias do amplo território de vilas compreendido.

Num longo eixo criado sobre ruas e avenidas existentes, a Avenida Tronco se coloca como um percurso intermediário a caminhos que ligam áreas extremas de Porto Alegre,

⁴³ Com um custo de aproximadamente 210 milhões de reais, a efetivação da Avenida Tronco significaria especificadamente para o funcionamento da Copa na cidade a formação de um *caminho alternativo* que eliminaria conflitos de circulação causados pela área obstruída junto ao Estádio Beira-Rio, na Avenida Beira-Rio, durante os dias dos jogos. (PORTO ALEGRE, 2012c)



Figura 3.1 Trecho já concluído da avenida, junto à Vila Tronco Neves. Fonte: Autora.

fazendo-se como uma rota alternativa de deslocamento que perpassa quatro diferentes bairros⁴⁴. Com os territórios informais presentes em toda a sua extensão, o largo caminho aberto liga-se a uma área em ampla valorização imobiliária, a região junto ao Rio, no Bairro Cristal, que já tem implantado grandes empreendimentos privados, e tende a receber mais investimentos desse tipo em áreas ainda desocupadas.

Da desigual disputa de forças do início do processo, da aparente hegemonia de um dos lados em questão, e de toda a hostilidade proveniente da própria dialética, em que o “lado” da Avenida fazia-se um *lado de fora*, longíquo, veloz, e o lado da vila, um *lado de dentro*, profundo, passível de subtração, foi fazendo-se um jogo mais equilibrado, em que as divergências não deixaram de se manifestar, ao contrário, se afirmaram, e os dois lados em deslocamento tiveram espaço para deixar suas marcas.

⁴⁴ Ver no 1 capítulo os eixos existentes incorporados, as regiões conectadas pela avenida e os bairros abrangidos

3.2.2 Casas pelo caminho: continuidade e desvios do percurso

A proposta da Avenida foi algo repentino para as comunidades abrangidas pela intervenção. Num contexto de vilas já bastante consolidadas, em que parte delas já passava por processos de regularização fundiária, ao mesmo tempo em que ao longo do grande território ainda as condições de moradia mostravam-se precárias, o grande projeto foi apresentado sem soluções para o problema habitacional, nem em termos de projeto, nem de recursos financeiros: misto de ousadia e arbitrariedade. Para resolver a questão das quase 1.500 famílias localizadas dentro do leito viário, pertencentes a sete comunidades distintas – Vila Cristal, Vila Cruzeiro, Vila Tronco Neves, Vila Tronco, Vila Gatão Mazzeron, Vila Maria e Vila Silva Paes – um *plano habitacional* foi vinculado à proposta, num longo processo de um trabalho feito em conjunto com as comunidades, seus representantes, e também movimentos sociais. E, embora desdobrado do projeto da Avenida, o imprescindível plano fez-se um encaminhamento à parte, paralelo e de tanta importância quanto o projeto viário que o originou. Acabou fazendo-se, enfim, a grande questão, e os solucionamentos buscados em relação às famílias deslocadas pela avenida tomaram conta das heterogêneas frentes de trabalho. Ao projeto original da Avenida, não se voltou o olhar nesse processo. Ele seguiu praticamente igual, e todos os seus desdobramentos mais significativos dizem respeito às soluções de ressarcimento às famílias compreendidas pelo novo traçado.

Toda prescrição de mudança de uma casa é algo recebido com resistência, com um profundo sentimento de injustiça; um mexer em algo que se tem de concreto na existência, a morada; desmoronamento do abrigo e do próprio chão que sustenta. Num contexto de irregularidade

fundiária, esse atingimento da concretude lar faz surgir remanescências de uma insegurança

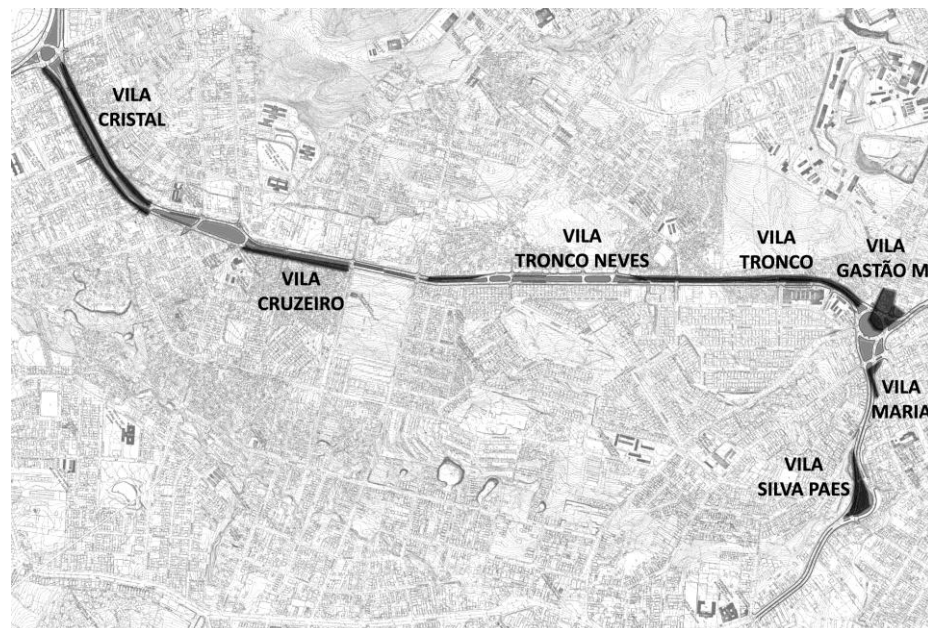


Figura 3.2: Vilas abrangidas pelo traçado viário, e trechos incorporados (em preto).
 Fonte: Adaptado de projeto da Avenida Tronco (PORTO ALEGRE, 2011) e Aerofotogramétrico (PORTO ALEGRE, 1982)



Figura 3.3 Trecho em obras. À direita, fachada remanescente da Vila Tronco. *Fonte: Autora.*

em relação ao morar, num toque num lugar sensível por demais afetado, amplamente gravado pela memória do deslocamento; memórias que quanto mais afastadas no tempo, mais maculadas pela hostilidade.

Toda prescrição de mudança para uma nova casa é um enquadramento, uma domesticação, uma regulação do autoconstruir da vila, e seus espaços de indefinidos limites. A notícia do grande deslocamento das famílias, de modo geral, foi vista como uma invasiva revelação.

E do espanto do primeiro momento, se seguiu uma pluralidade de visões em relação à proposta, amplamente manifestada nas divergências dentro do solucionamento da questão da implantação da Avenida e das novas moradias a serem oferecidas.

As resoluções que formaram o plano habitacional definiram duas opções de negociação, *indenização assistida e reassentamento*. (PORTO ALEGRE, 2012b). A primeira oferece um valor acima para construções assim avaliadas, ressarcimento que é feito em simultaneidade à aquisição de outro imóvel pela família. Essa solução possibilitou a compra de casas em áreas

mais afastadas da Avenida Tronco, na região metropolitana ou em cidades do interior do Estado. Sendo dado o benefício individualmente às famílias, nas inúmeras ocorrências de construções compartilhadas, essa alternativa admitiu a reunião de dois Bônus-Moradia para compras em valores mais altos, reduzindo a desagregação dos grupos familiares.

A outra opção de negociação e reassentamento oferece novas moradias construídas dentro e fora da região abrangida pela Avenida. Com valores de indenização insuficientes para a aquisição de casas escrituradas na área abrangida pela Avenida Tronco, a alternativa de reassentamento trouxe a solução da transferência para prédios e conjuntos de casas construídos próximos às vilas. Num contexto de crescente valorização da região, e de localização das vilas junto a bairros de “classe média”, e, também, tratando-se do próprio âmbito do programa financiador, o programa federal *Minha Casa, Minha Vida*, que vem implantando conjuntos residenciais em locais distantes dos centros das cidades. Uma alternativa de não deslocamento das famílias da região foi uma grande conquista alcançada.

Uma questão que gerou amplas divergências dentro do processo de negociação, e que acabou sendo efetivada, foi a necessidade de inúmeras transferências acontecerem antes da conclusão das novas moradias, para o andamento das obras da avenida, amparadas pelo *aluguel social*, um valor oferecido de 400,00 reais por mês. Ainda dentro do plano habitacional, com relação aos comércios atingidos, tem-se uma proposta, ainda em elaboração, de reinstalação em locais compreendidos pela Avenida Tronco.

Passados mais de seis anos do início das negociações com a comunidade, com as obras da Avenida em andamento em diferentes trechos, a questão habitacional permanece em aberto. Com quase a totalidade das famílias deslocadas através das alternativas de indenização, reassentamento em outras áreas da cidade ou do recebimento provisório do aluguel social, não houve moradias construídas para reassentamento na região – as áreas foram adquiridas, os recursos para as construções já foram definidos, mas não houve desfecho com a definição das empresas contratadas através dos editais, já lançados. Junto ao



Figura 3.4 Casa remanescente em meio à obra.
Vila Tronco. Fonte: Autora.

leito viário, ainda há famílias morando, que ainda não entraram em acordo com a Prefeitura.

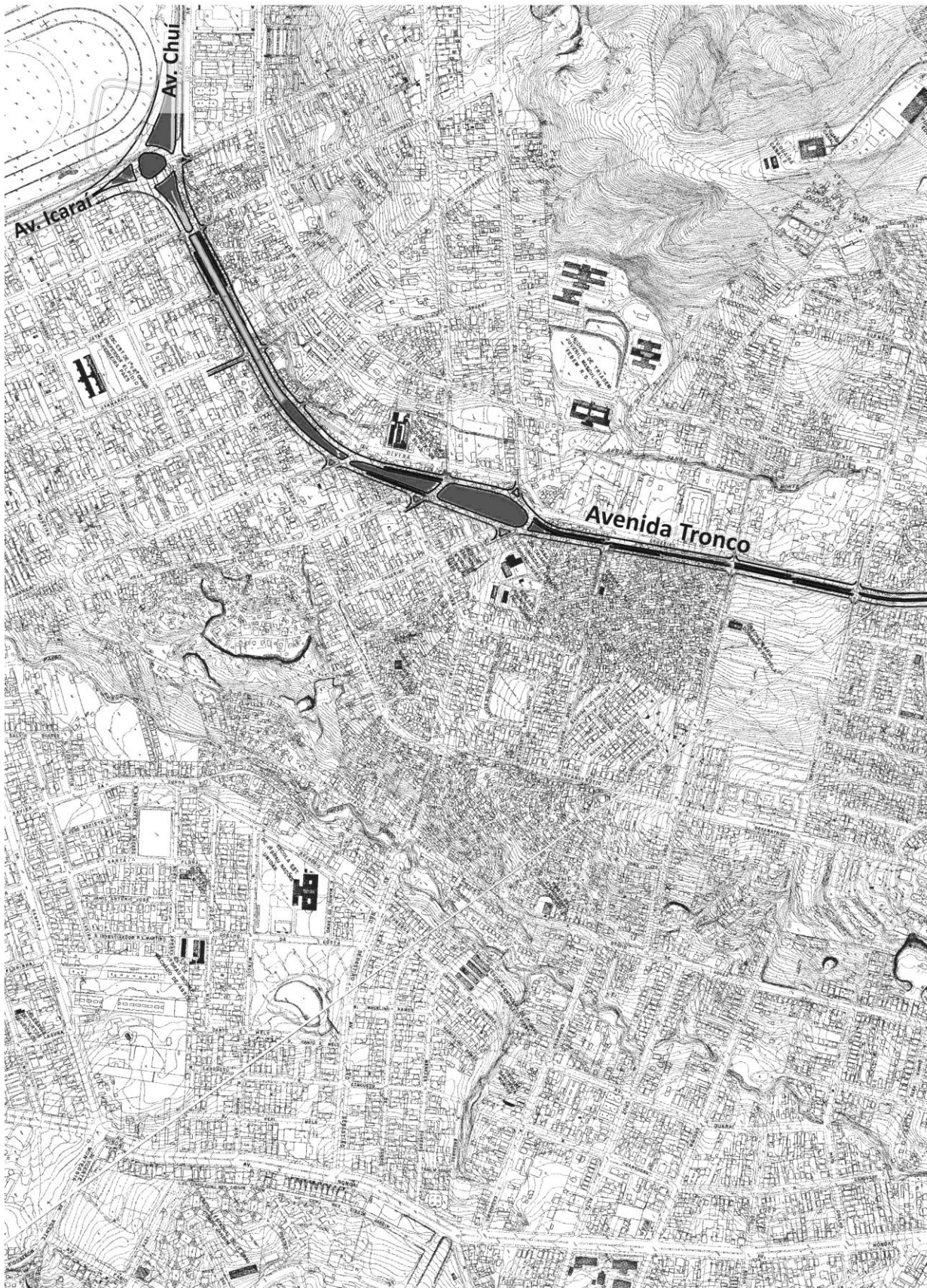
As casas que restam pelo caminho falam de perseverância a uns, da própria capacidade de resistência da comunidade e de uma imensurável pressão vinda de todos os lados. A outros, falam de uma insistência demasiada, uma teimosia, um querer que vai longe demais. Entre essas visões, há a possibilidade da diferença ser manifestada, o “não” ouvido, acolhido; a Avenida que espera, não expulsa, não atropela, embora, paradoxalmente, não devolva, de imediato, todas as novas moradas.

Mesmo que a questão habitacional ainda se encontre sem um desfecho e sem qualquer previsão para o definitivo encaminhamento das famílias à espera, considero que os desdobramentos do projeto da Avenida Tronco nesse âmbito de ressarcimento às comunidades trouxeram à sintetizadora proposta inicial uma condição mais complexa, múltipla; uma urgente proposta, que se fez inacabada, anacrônica, aberta. Em todas as mudanças de rumo que partiram a rigidez inicial, esse desmembramento do projeto único não chegou a atingir seu desenho. A abertura não rompeu com a solidez da arquitetura, com o rígido traçado urbanístico proposto. Expôs, por outro lado, a impossibilidade da solução exclusiva, simplista, a fragilidade do projeto convencional a ser implantado. Tal fragilidade pode ser vista como a indicação dos próprios pontos de ruptura possíveis, frestras, restos, que poderão fazer do projeto da Avenida, de fato, uma entreaberta intervenção.

3.2.3 O projeto da avenida

A Avenida Tronco percorre uma extensão de 5,6 quilômetros (PORTO ALEGRE, 2012b). Instalando duas rotatórias no trajeto – junto à Avenida Icarai e à Avenida Carlos Barbosa –, e se unido à passagem de nível junto a Terceira Perimetral, o longo percurso também é largo, numa dimensão mínima em corte de 30 metros. Ao longo do vasta área abrangida, serão instaladas dez paradas de ônibus.

A evidente melhoria das condições de infraestrutura dos territórios junto ao leito da nova avenida, em especial à qualificação do transporte coletivo, se cruza com a ampliação do fluxo de automóveis que traz uma dinâmica totalmente nova à região, principalmente às vilas localizadas no Morro Santa Tereza, área que até então permanecia como um lugar à parte do resto da cidade. No território mexido, aberto, e colocado no limite do fluxo intenso, a Avenida deixa poucas melhorias para além das bordas tocadas. Não há projetos de espaços públicos benecifiados como formas de contrapartida às comunidades, espécies de irradiações de



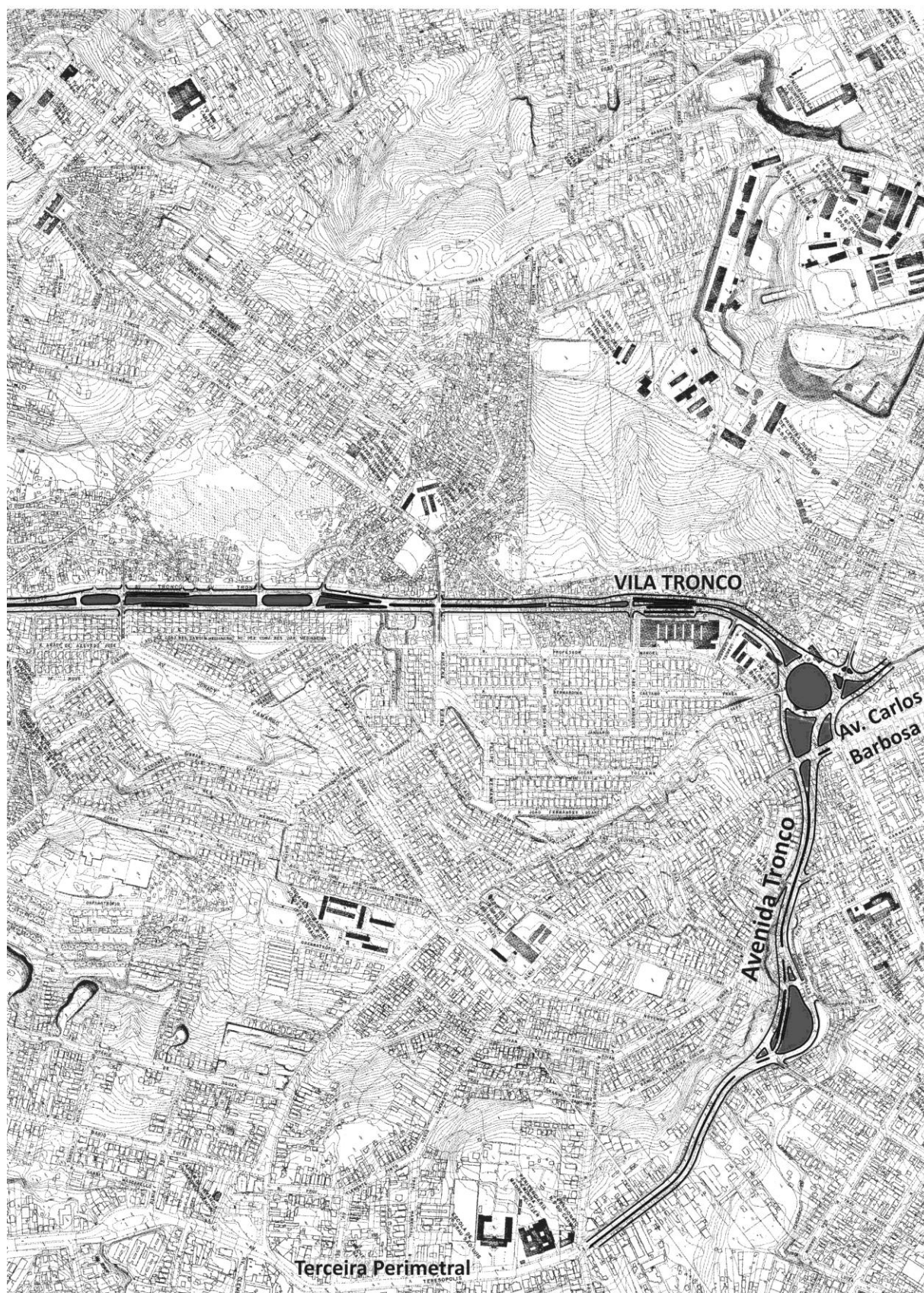


Figura 3.5 Projeto da Avenida Tronco. Fonte: Adaptação de projeto da avenida (PORTO ALEGRE, 2011) e Aerofotogramétrico (PORTO ALEGRE, 1982).

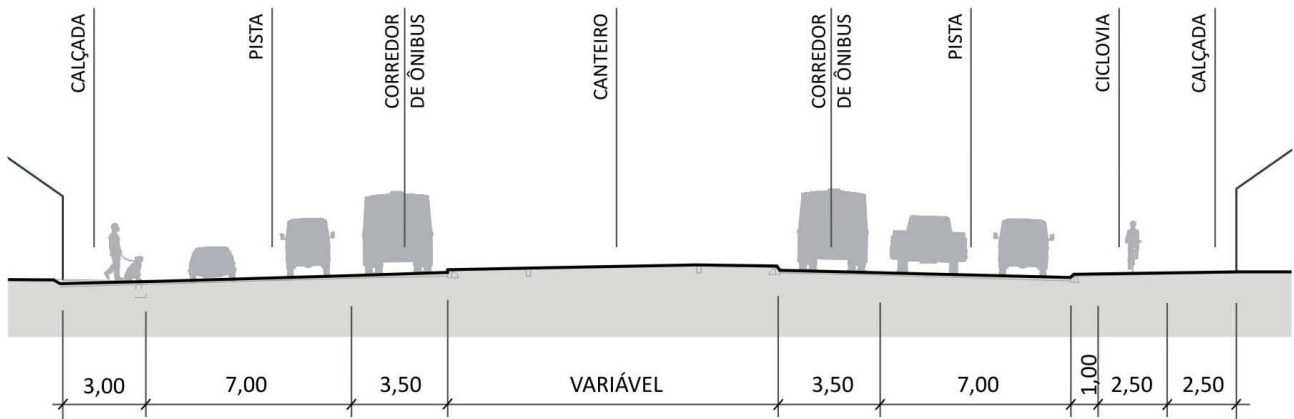


Figura 3.6 Corte padrão. Fonte: Adaptado de PORTO ALEGRE, 2011.

beneficiamento.

Entre calçadas, ciclovia, corredor de ônibus e pistas de carros, a dimensão mínima do leito viário se amplia quando das paradas de ônibus e irregularidades do tecido. A forma da Avenida faz-se heterogênea ao longo do percurso, seguindo os traçados preexistentes, numa adequação às sinuosidades das novas linhas limites. A correspondência com o entorno construído vem acompanhada da repetição de um mesmo padrão de calçadas ao longo do trajeto. E, na ocorrência de lados com curvaturas diferentes, o projeto adequa a disparidade em largas superfícies de canteiro central.

Como o que acontece junto à Vila Tronco, em que a Avenida toma a forma do trecho incorporado, o Beco 23 apresenta uma curvatura em relação à reta linha do eixo originário. A diferença entre os dois lados é transferida para o canteiro central, que chega a atingir 10 metros de profundidade – dimensão que não se faz tão relevante, dada a profundidade de outros canteiros ao longo do percurso, que chegam a ultrapassar 40 metros.

Sem alterar a largura das calçadas, sem favorecer esses espaços entre rua e casa que poderiam receber ampliações em inúmeros trechos ao longo do percurso – lugares muito mais acessíveis e hospitaleiros do que os ilhados canteiros centrais – a Avenida, ao mesmo tempo que se adapta às formas do caminho, reduz, no seu passar linearizador, as especificidades presentes.

Mas, nessa evidente tentativa de homogeneizar as superfícies limites, na passagem pelo irregular território, há *restos* ao longo do percurso. Onde a curvatura não permitiu a chegada da faixa dos carros, onde muros, grades e paredes são descontínuos, fizeram-se *áreas remanescentes* – e é com esse termo que esses lugares são marcados no projeto viário –; espaçamentos, que fazem das calçadas lugares para além dos três metros convencionados;

cantos, que são espaços propícios ao acolhimento ao longo da movimentada futura Avenida; lugares à margem, irredutíveis à linha reta, que não de impedir que a proposta da Avenida Tronco se feche.

No próprio projeto, dentro das questões de ressarcimento, as soluções buscadas para os comércios abrangidos pela intervenção chegam a cogitar o aproveitamento dos espaços que restaram do processo de desocupação dos irregulares lotes. Mas, nesse caso, também, esse recurso não deixa de ser uma absorção dos espaços restantes, num fechar os buracos ao longo do percurso. No trecho junto à Vila Tronco, a irregularidade da nova fachada gera uma sucessão de pequenos espaços restantes. Lugares que formam, em alguns pontos, como na subida do Beco 5, largas calçadas, de até doze metros; ou, simplesmente, pequenos espaçamentos, que talvez tragam, junto ao novo leito da avenida, vasos, bancos, soleiras, alpendres, varandas.

3.2.4 Demolições, ruínas, recuperação

Quando tomei contato com a Vila Tronco, em 2014, já havia sido definidas as alternativas do plano habitacional e se davam as primeiras resoluções individuais. As famílias já encaminhadas desocupavam as construções, e estas, em seguida, eram demolidas. O densificado trecho a ser incorporado vivia o toque da nova realidade: era recortado, extraído em muitos pontos, transpassado por grandes vãos. Cada novo acordo, marcado pelo desmonte, que denotava um certo receio de reocupação, impelia mais um gradiente de abertura ao território, num lento processo de penetração na espessura do corpo da Vila.

Os muros e paredes compartilhados entre diferentes lares impediam o completo aniquilamento das casas vazias. Como se a Vila portasse uma coesa construção, um único bloco levantado, que resistia à segregação. À rua, mostravam-se os compartimentos íntimos, colados às casas vizinhas, indecorosamente descobertos. A Vila como um todo era recortada e revelada. Os fundos das casas, antes imbricados no denso tecido, eram revirados, feitos em novas frentes – efêmeras frentes. Nas incisões sobre o corpo uno, na sua quase totalidade cor de tijolo, as superfícies interiores de íntimas paredes azulejadas e pintadas demonstravam um colorido reverso, um *dentro* alegre e cuidadoso, naquele momento, já, *nem dentro, nem fora*.

Aquele impactante episódio de demolição do espaço desvelava estratos de significados, e possibilitava uma certa visão do modo de construir da Vila, aberto, fragmentário, partido. As profundas incisões, que atingiam as juntas do espaço, revelavam uma formação processual, em que heterogêneas partes apareciam quando da dissolução dos véus. Ao mesmo tempo que



Figura 3.7 Grande vão aberto. Em primeiro plano, Beco 23. Ao fundo, a avenida ainda não duplicada e o Postão. Fonte: Autora.

as construções se mostravam unidas, relutantes, numa mesma casa os espaços revelavam-se separados, descontínuos, divididos. Múltiplas *re-partições*, que somente o corte definidor, consciente dos limites da casa, podia esclarecer de qual lar se tratava.

Era, portanto, um olhar às entranhas de uma Vila que eu ainda não conhecia, que me desconcertou e pouco ajudou na desconstrução de minha pré-concebida ideia sobre aquilo tudo.

Um semestre se passou, e no seguinte, no início de 2015, quando novamente voltei à Vila, o processo de demolição ainda se dava, mas mais arrastado. Um espectro de degeneração se mostrava no espaço e também nas pessoas, que expressavam abertamente seu desânimo. O longo processo que se fez a implantação da Avenida Tronco teve seu aspecto doloroso e degradante. Mas considero que o verdadeiro estado de crise vivido pela comunidade foi durante esse segundo semestre, quando, de fato, a Vila se abalava com aquilo tudo. E, desse ápice, quando o desabamento não parecia mais passar e os espaços desocupados eram cobertos por caliça e lixo, quando passei a ouvir reclamações dos que antes



Figura 3.8 Múltiplos estratos. Fonte: Autora.

elogiavam os novos encaminhamentos, fez-se, logo a seguir, uma surpreendente recuperação. Era véspera da Copa do Mundo, e a comunidade, representada pelo Instituto de Integração Social, sentiu-se merecedora de comemorar aquele momento. Fez-se uma espécie de efêmera reocupação do espaço cedido, num *dizer adeus* alegre, esperançoso, que trazia sentido àquilo que desabava: os jovens do Instituto de Integração Social passaram a pintar paredes, muros, calçadas e ruas com os motivos da Copa. Instalados na exata margem das transformações, em frente à área em desocupação, eles interviram nos escombros das antigas casas e nas futuras estruturas destinadas a sair. Superfícies revestidas de branco, como uma homenagem à conciliação.

Nos ícones da Copa desenhados – mascotes, bolas de futebol, taças, bandeiras –, nas imagens convencionais reproduzidas, havia uma sabedoria revelada: receptividade, acolhimento do *fora*, num se permitir imergir na mágica dimensão desse outro que fora motivo de tanta mudança, o futebol. Aceitação, mas que para muitos significou sujeição.



Figura 3.9 Intervenções em frente ao Instituto de Integração Social. Fonte: LAUD, 2014.

No entusiasmo das imagens refletidas na tela da televisão e nos jornais de maior circulação da cidade, que vincularam as intervenções, as pinturas foram extensas. Ultrapassaram as fronteiras da Vila, até o outro lado da Avenida, atingindo os muros da Escola Alberto Bins, instituição que tem uma vinculação ao Instituto de Integração Social e local em que muitos dos jovens frequentadores estudam.

...

O desabamento de parte da Vila, que era a área mais densificada, populosa, com melhores condições materiais, foi um corte feito na instituição Vila, na própria esperança de regularização, na ilusão de solidez do lar. O que vinha trazer uma estrutura formal, regular junto aos bordos da Vila, o que vinha costurar a comunidade com o resto da cidade, contraditoriamente desfazia essa segurança. Mas, a fissura traz sempre o respiro, a luz, e a vila, a partir desse grande rompimento, reencontrava-se consigo mesma.

Vivenciar, de princípio, o território em plena fase de demolição, e, depois, de esperançosa reação, foi uma experiência libertadora. Um longo desmoronar, que tocou na solidez que eu dava àquela arquitetura, e na identidade fixa que atribuí àquelas pessoas.

E passada essa fase de demolição das casas, iniciada a obra da avenida, percebo olhares mais aliviados. A parte mais difícil passou. O desabamento atingiu uma estrutura aparente da Vila, mas não suas fundações – seus fundamentos, como diria Fernando Fuão. A retirada de toda uma faixa limite destapou olhos e ampliou horizontes. Fica o espectro de quem partiu; a dor da separação. Mas, mesmo assim, a Vila se mostra mais sorridente. Antes de qualquer valorização da área, da inevitável alta do preço das casas e terrenos, a Vila já se faz mais forte, e renovada.

3.3 Nova superfície, novos sentidos

A Vila carrega a marca da interdição. Profunda cicatriz, que a faz capaz de suportar a realidade da própria partição, da precariedade dos sentidos, da espectralidade do real. A Vila tem amplo suporte para estar diante do trauma, a desconstrução do próprio mundo, não como uma capacidade de suportar a dor que a faça apática, legitimando a atitude autoritária alheia, mas que a coloque numa posição de ampla disposição para desestabilizar o mundo construído. Silenciosamente, a Vila age, rompendo todo e qualquer engessamento.

Não há barricadas, qualquer conquista coletiva que se iguale à força silenciosa presente na Vila. Contraditoriamente a toda configuração mais remota de espaço intrincado, impenetrável e ininteligível, a Vila é e sempre foi um sistema aberto, receptivo. Contraditoriamente a todo o esforço compreendido pelas próprias pessoas na formação do espaço, há uma grande capacidade de adaptação e de desapego ao já construído, ao *a priori* real e *seu*. No amplo movimentar-se do espaço continuamente construído, onde uma porta nunca foi apenas uma porta e onde uma telha também adquiriu os mais amplos sentidos, a Vila tem uma visão outra. A Vila, no seu movimento atual de estabilização, de quase-regularização do território, acessando muito mais amplamente bens materiais, mantém a memória da inteligência da adaptação. Ela olha a ampla transformação, e enxerga além, além do sentido limitado convencional para o espaço. A Vila extrapola seus limites. Na perda do território, adquire outra liberdade. A dor imensa da fratura, da separação dos entes, da demolição da solidez da memória já faz manifestar olhares que enxergam muito além: um vital poder de rejuvenescimento, uma comunidade que se adapta a si mesma, por meio de transformações incontáveis, uma forma de paz encontrada para além das circunstâncias. A Vila tem a aptidão para se autoconstruir continuamente, reinventar-se, readequar-se de acordo com as circunstâncias mais diversas. Todo o espaço é fruto de um enorme esforço. E, mesmo em meio aos escombros do que antes eram lugares construídos vivos, é possível vislumbrar a superação.

De fato, não tomei contato com os que já foram reassentados, nem com os que esperam longamente pelas novas casas em moradas provisórias, ou que relutam em sair. Minha ligação ficou bastante restrita à margem beneficiada pela questão da Avenida Tronco, mas, que num olhar de não oposição, posso chamar, seguramente, de “margem que se fez beneficiada”.

A Vila já se reorganiza, se desdobra junto à nova superfície de contato. A grande faixa que agrupava a maioria dos pontos comerciais, retirada, magicamente se refaz, antes mesmo da finalização das obras, ou de qualquer solução de ressarcimento aos comerciantes. Em meio à



Figura 3.10 Novas fachadas junto à Avenida Tronco. Fonte: Autora.

poeira, buracos, barulho, sujeira, as fachadas vivem um ritmo intenso de renovação: padaria, loja de materiais de construções, mercado, salão de beleza, escritório de advocacia, loja de artigos religiosos, bar, sala comercial para alugar. A Vila é muito mais rápida do que a Avenida.

Novos véus: uma nova superfície de revestimento, proteção, cuidado, que atinge, também, construções mais afastadas, do interior dos becos.

A Avenida se fez ponte, um eixo de transporte, de conexão. Com todas as dificuldades advindas do próprio encontro, da própria interpenetração, a Avenida foi feita em cola: “Na ponte tudo se dá no 'entre', no entre espaço que comunica. A ponte por natureza é o espaço da indefinição, não pertence nem a um lado nem a outro, nem acima nem abaixo. Ela é intermediária, intermediação, quase uma terra de ninguém, um entre-espaço.” (FUÃO, 2014, s.p.).



Figura 3.11 Grafite na fachada do Postão voltada para a obra da avenida e Vila Tronco. *Fonte: Autora.*

Associo à errância as arquiteturas, os espaços que tem a capacidade de fazer a passagem, conectar as diferenças, não somente geográficas, mas sobretudo sociais; tais como: pontes, viadutos, elevadores, escadas, portas, ou simplesmente qualquer coisa que se transforme em ponte. Pretendo mostrar ainda a possibilidade de compreender esses espaços como elementos e viscosidades capazes literalmente de colar, unir, ligar. (FUÃO, 2014, s.p.)

Para Fernando Fuão (2014), as arquiteturas da errância são espaços de transposição, que deslocam acolhendo, movendo o sentido. Dentro da minha experiência de acolhimento na Vila, a Avenida Tronco é um desses espaços de ligação, que conduz, re-conduz a comunidade a um lugar outro; estrangeira, que chega gerando um profundo abalo, que se faz hospedeira, dona do lugar. Mas, que no fim, ou mesmo antes do desfecho final, vive, junto da Vila que lhe acolhe, tempos de amistosidade. Para mim, nesse lugar extenso, as curvâncias do acolhimento assim também se fazem, imensas.

...

No futuro leito da Avenida Tronco, em frente ao Instituto – talvez onde antes existisse a grande reentrância da rua que tantas vezes foi ocupada por oficinas, cadeiras, pinturas, festas



Figura 3.12 Ocupação da área em obras pelos jovens do Instituto de Integração Social, 2016. *Fonte: Arquivo Instituto de Integração Social.*

–, bem no meio da obra, eu conversava com Dona Clenir sobre a futura Avenida, enquanto tirava fotos, e ela me indagou se estávamos sobre a futura parada de ônibus ou sobre o canteiro central, e eu lhe confirmei que aquela área, já delimitada, seria o canteiro central. Ela fez o seguinte comentário: “Que bom, então aqui pode ser a nossa.”.praça.”.

Pela pequena dimensão do futuro canteiro, e também por todas as dificuldades de transformar um lugar entre faixas de contínuo trânsito num lugar do acolhimento, o sonho da pequena grande liderança comunitária talvez não aconteça naquele exato espaço. Mas, há de acontecer, em algum outro lugar. Ou, mesmo, já aconteceu, quando os educadores, os jovens, a família de lideranças comunitárias ocuparam, provisoriamente, o espaço em obras, em frente ao Instituto, com oficinas, cadeiras, vasos, soleiras, varandas, bancos...

Considerações finais

Na *re-visão* do lugar já experienciado, a Vila Tronco, a qual esse trabalho se propôs, na *re-visita* à realidade com outros olhos, busquei um foco para além do lugar de antes, tentando acessar algo do movimento, da dimensão fluída, ilimitada, aberta da realidade da Vila, abrindo um lugar no espaço existente, dando lugar ao lugar, sem mexer, sem interferir, sem construir e habitar, apenas acolhendo, abrindo um lugar interno, e permitindo a estada da Vila em mim. Depois de ser recebida, era minha vez de ser hospedeira, colocar-me à espera, e oferecer algo à Vila; espaço. Não um lugar físico, mas um lugar sem limites, infinito. Apenas, acolher o já dito, e, reproduzir isso, numa nova leitura.

A dissimulação da textura pode, em todo caso, levar séculos para desfazer seu pano. [...] Regenerando indefinidamente seu próprio tecido por trás do rastro cortante, a decisão de cada leitura. Reservando sempre uma surpresa à anatomia ou à fisiologia de uma crítica que acreditaria dominar o jogo, vigiar de uma só vez todos os fios, iludindo-se, também, ao querer olhar o texto sem nele tocar, sem pôr as mãos no “objeto”, sem se arriscar a lhe acrescentar algum novo fio, única chance de entrar no jogo tomando-o entre as mãos. Acrescentar não é aqui senão dar a ler. (DERRIDA, 1991, p.7)

Nesse novo olhar, mais receptivo, fui *re-acolhida*, e voltei a habitar a Vila. E o sentido original do espaço se dispersou, fez-se outro, devido ao próprio *re-encontro*. Derrida aponta para a precariedade dos sentidos das coisas, uma espectralidade que atinge toda a realidade, sempre heterogênea, construída, reproduzida. *Re-feita*, a cada nova visita, a cada novo olhar que reconstitui a textura do mundo.

Um espaço apenas rastreável, até hoje percorrível por vestígios, trilhas: a Vila se mostrou, nessa nova leitura, um lugar impreciso, misterioso, simultâneo a outros lugares; um lugar de complexo passado de trocas, inversões, e de fronteiras incertas, até hoje não rígidas, penetráveis, receptivas, em constante reconstituição. O olhar atrás apontou para um amplo sentido de mediação do espaço, um lugar *entre*, de encontro, construído de fora para dentro. Ampla curvância do tecido da cidade.

O espaço espontâneo, feito sem projeto, expressou uma ampla inteligência construtiva, autoconstruir com elevado grau de relação com o outro. Rígidos limites espaciais, de propriedade, são, na Vila, continuamente ultrapassados, mesmo na progressiva melhoria da materialidade das construções, e numa aparente apropriação de uma estética de *fora*, da cidade formal.

Um lugar resistente, feito e refeito sobre feridas e cicatrizes de sucessivas tentativas de totalização; “resto”, que é o próprio impedimento da total redução e apropriação da realidade: a Vila Tronco se mostrou como um irreduzível lugar, em conformidade com o conceito de Derrida, um espaço de inviabilização de toda a tentativa de completa união das coisas na

busca de uma unidade de sentido. Um lugar à margem da cidade, que apontou para os próprios limites de um fazer urbanismo e arquitetura que ainda visa o apagamento do diferente. Nos incontáveis bordos da hospitalidade em constante desdobramento, tanto de *dentro* da Vila, das ruas e becos, quanto das fronteiras com a cidade afora, a comunidade se mostrou como um lugar de lugares de incomuns sentidos, sentidos continuamente *re-feitos*; um lugar resiliente, com ampla habilidade para desdobrar circunstâncias hostis em amplas curvâncias de acolhimento.

Derrida (1973) levanta uma questão sobre o conceito de crise ligado à negatividade, relacionando o pessimismo em relação a toda transformação ocasionada pelo *fora* aos pensamentos de oposição, a partir dos quais se enxerga subtração em toda afetação provinda do outro. No olhar que buscou se voltar mais às marcas deixadas, e à inevitabilidade do contato, do que às incisões feitas pelo outro, o *fora*, na conflituosa circunstância de implantação do alargamento da Avenida Tronco, e na questão do grande deslocamento das famílias do território, a passagem do eixo viário se mostrou atingindo a Vila pelas bordas, num toque numa região já de fronteira, e já reconstituída. O traçado original é assumido com a cortante intervenção, e a Avenida se faz curva no contato com a Vila. Curvatura ainda rígida, fechada, num convencional traçado urbanístico proposto, mas que há de abrigar outras curvâncias, áreas remanescentes, irredutíveis à linha implantada. Numa percepção que já é capaz de enxergar possíveis pontos de ruptura, frestas no traçado linear da nova Avenida, a Vila faz da cortante intervenção uma ponte, um elemento de ligação com o mundo afora, e uma cola para seu próprio espaço feito em fragmentos.

Formas a princípio antagônicas, da espera e da errância, se mostraram, no olhar ao território, como uma única superfície, desde a vista dos primórdios da ocupação, até a aproximação do olhar que tornou possível depreender o acolhimento no aparente lugar hostil da rua, num atingimento da escala das curvâncias, proposta por Fernando Fuão. Na busca pela dimensão emocional do espaço, desdobraram-se outros lugares em pequenos espaços da Vila, lugares de amplas interioridades, de grandes medidas de acolhimento, de múltiplos, imprecisos e imprevistos sentidos.

O olhar às formas do acolhimento demonstrou a potência dos elementos arquitetônicos da hospitalidade – soleiras, escadas, alpendres, beirais, portões, muros, bancos, portas, janelas, varandas, calçadas –, elementos de intermediação entre rua e casa, que atestam a continuidade entre *dentro* e *fora* e o potencial de abertura do espaço; elementos muitas vezes sobrepostos – alpendre sobre portão, sobre soleira, sobre calçada – que fazem surgir na representação a forma refletida do fractal. Todos esses elementos portam - para além de suas

manifestações físicas, medidas geométricas e limites que definem - “sentido”, assim como as portas, que Fernando Fuão (2016) faz serem enxergadas a partir de um “sentido de porta”. Em todos esses elementos limite há a possibilidade de se acessar um sentido próprio: “sentido de soleira”, “sentido de janela”, “sentido de varanda”, “sentido de banco”.

Em toda a Vila, as soleiras aparecem em evidência, em avanços sobre o espaço público que denotam um alto nível de apropriação do lugar. Na primeira clareira representada, no final do Beco 5, um espaço inclinado, as soleiras fazem o remate do nível das casas com a rua em blocos assentados sobre a passagem, que por vezes recebem mais um degrau, formando uma escada. Mesmo onde o terreno é plano, como na clareira ao fim do Beco 10, essas espécies de *soleiras-bloco* rematam construções que se dão num nível acima em relação à rua maior do que o convencional, provavelmente para o resguardo em relação às águas da chuva. No Beco 13, onde se dão as escadas sobre a rua, o sentido de soleira se faz amplamente, para além do elemento arquitetônico em si: cantos formados entre os espaços construídos, sem qualquer desnível em relação à rua, espaços com sentido de soleira que fazem brotar no andar constantes amplas curvâncias, convidando a adentrar e a permanecer no lugar. As soleiras aparecem em apenas uma entrada no Beco 23, a rua central da vila, tomando espaço do eixo demarcado pelos meios-fios, amplamente percorridos pelos carros, embora, em frente ao Instituto de Integração Social, no espaço restante entre construção e meio-fio, o sentido de soleira se faça amplamente, estendido à reentrância do outro lado da rua.

Nessa pequena calçada em frente ao Instituto, isolada entre as duas construções vizinhas, encimada pela cobertura do andar de cima, também se faz um sentido de varanda, num espaçamento entre construção e rua que *con-forma* um potente lugar do acolhimento contínuo à interioridade da casa, manifestado pelas aberturas das duas grandes portas de acesso.

O elemento arquitetônico da escada se faz presente nas duas clareiras retratadas, assim como no Beco 13, remetendo ao mais sublime sentido do acolhimento, o vertical, entre a superfície terrena e o cosmos. Esses elementos, muitas vezes em desproporção em relação às escadas convencionais, em degraus altos, definidos pela espessura da pedra utilizada, convidam ao mais hospitaleiro parar: sentar.

As formas das curvâncias do acolhimento dos quatro espaços retratados da Vila lembram tentáculos, braços do acolher que, num certo frenesi, brotam do corpo da rua; manchas que se expandem, num banhar alimentado pela confluência de elementos arquitetônicos da hospitalidade, pelas reentrâncias no curso contínuo da rua, pelos espaçamentos que acolhem e convidam a adentrar numa outra dimensão do espaço.

As formas que melhor ilustraram a qualidade de fractal dos espaços do acolhimento, em que o ato de acolher se dá numa eterna reflexão, num incessante crescimento pelas bordas, foram as clareiras. Como uma dobra ao final do eixo contínuo da rua, um *cul-de-sac*, que vai abrigando outras dobras nas suas margens, as clareiras expressam o dar lugar infinito das formas do acolhimento. Onde as curvâncias se dão mais próximas do que ao longo das ruas, nesse auge do lugar da hospitalidade onde me sinto, de fato, refugiada, abrigada entre o céu e a terra, na permanência no lugar e no olhar mais e mais aproximado, as curvâncias nas clareiras se fazem em dobras dentro de dobras, dentro de dobras, dentro de dobras....

As duas clareiras representadas, de formas muito semelhantes, que se diferem mais pela escala – uma clareira maior, advinda de uma rua também mais larga, e outra menor, aberta a partir de uma passagem também mais estreita – têm, ambas, as curvâncias do acolhimento feitas num galho contínuo que se abre numa *flor-fractal*. No beco de acesso mais estreito, Beco 10, as curvâncias aparecem mais espaçadas, pontuadas pelas aberturas ao longo da apertada passagem. No outro beco, Beco 5, esse galho se faz repleto de dobras, que quase *con-formam* outros afloramentos, quando os espaçamentos entre rua e casa se dão em pequenas calçadas, soleiras, varandas, bancos.

No interior da clareira menor, os elementos de resguardo dos beirais e alpendres se mostram mais potentes do que na clareira do alto da vila. Mesmo sem formar um contínuo de resguardo, a menor dimensão do espaço aberto parece evidenciar o potencial de proteção desses elementos, que desde o acesso ao espaço oferecem um obrigatório espaço de acolhimento. O poste de luz irrompendo o espaço aberto, também presente nas duas clareiras, é um elemento de intermediação que traz um sentido vertical do espaço mais potente, também, nessa clareira menor. Para além do fato da decoração feita nesse elemento – a delicada pintura mais parece uma confirmação dessa qualidade de representar o sentido de ascensão do espaço, de centralização focal, e de apropriação do espaço público pelas pessoas –, na clareira menor o poste se faz mais potente. A clareira maior, ao final do Beco 5, tem, de maneira diversa, como elemento predominante os varais de roupa, que mesmo amarrados numa posição horizontal, e sustentados pelo próprio poste, trazem, na sua altura elevada que permite a passagem por baixo, o mesmo sentido de ascensão vertical do poste ornamentado da outra clareira. Poste e varais de roupa funcionam como elementos diferentes com sentidos próximos de acolhimento.

A maior discrepância entre as curvâncias dos quatro espaços retratados aparece na representação do Beco 23, rua onde se localiza o Instituto de Integração Social. Enquanto os três outros territórios, do interior da Vila manifestaram curvâncias mais orgânicas, inter-

relacionadas e fluidas, em contextos em que a rua já é um lugar de abrigo por si só, e as reentrâncias se mostraram abertas e acessíveis, em manchas de largos tentáculos e amplos gargalos, no Beco 23, passagem constante de carros, território limite da Vila, em processo de incorporação pela Avenida Tronco, área de poucos elementos arquitetônicos de espaçamento entre casa e rua, as curvâncias se mostraram menos conectadas, mais espaçadas, isoladas, e com entradas mais estreitas. Mesmo manifestando as dobras de maior dimensão, ao longo do Beco 23, adentrei em poucas outras interioridades, e a rua se mostrou a mais hostil entre as retratadas, em curvâncias abruptas, confinadas, com pouca continuidade e inter-relação. O desenho enxergado no contexto maior da rua, e não somente no entorno próximo à grande curvância do Instituto, se mostrou o menos belo das quatro representações. A desproporção entre os tentáculos das interioridades criadas revelou um território em plena crise, já em processo de transformação profunda. Na implantação da nova avenida, e incorporação de todo um lado do Beco 23, as dobras do acolhimento que permanecerão tendem a se tornarem ainda mais desiguais e menos relacionadas entre si devido ao caráter da futura rua. Numa circunstância de maior fechamento em relação ao *fora*, essas dobras tendem a estreitar seus gargalos, mas não necessariamente suas interioridades; guetos, com formas que se aproximam de ilhas do acolhimento, espaços da hospitalidade quase em isolamento, mas que não necessariamente deixarão de manifestar uma ampla abertura interna.

Na manifestação das formas do acolhimento na Vila Tronco, há um padrão, um caminho que conduz à abertura. O espaço de encontro, as grandes aberturas das clareiras, a reentrância ao longo do Beco 23, as escadas que aterrissam na passagem e convidam a subir, todas essas manifestações de abertura, de hospitalidade se fazem a partir da própria *inospitalidade*. O acolhimento brota da condição hostil do espaço, do mundo. Como uma flor, que há de ter um talo reto e sem graça para a sustentação de sua beleza, suas curvas, sua abertura, forma que os becos seguidos das clareiras sugerem. As clareiras só se manifestam a partir do fechamento prévio do espaço, pela experiência de estreitamento das passagens, pelo andar errante, linear, ininterrupto. E a concavidade em frente ao Instituto de Integração Social, embora associada a outro espaço da hospitalidade – o próprio Instituto –, num contexto mais amplo também se abre a partir do próprio hostil, a longa reta do Beco 23. Como a espera, possível somente quando há movimento, dispersão, o outro lá fora, prestes a chegar.

Essa direção, *hostilidade-hospitalidade*, não fornece ao hostil uma condição fixa, definida, real. Ao contrário, a própria ideia de acolhimento já traz a toda forma de hostilidade a possibilidade da abertura, da liberação. Esse sentido, para o qual as formas apontam, não dá precedência ao hostil, fazendo da hospitalidade uma derivada, logo, algo a ser buscado. Ao

contrário, retira dele toda rigidez, força, mostrando que o acolhimento brota da *inospitalidade* não a partir de suas estruturas, sendo sustentado por elas, mas a partir de um lugar anterior, uma existência prévia, num atravessamento de seus limites, rompendo sua aparente solidez, como algo oculto, mas vivo, latente sob a rígida superfície. O acolhimento emerge, e seu afloramento é destacado pelo próprio limite transposto, mostrado em toda sua transparência, permeabilidade. A hospitalidade é algo a ser *des-coberto*.

Toda a hostilidade do mundo é um testemunho da própria hospitalidade. Derrida (2008), numa referência à obra de Levinas, fala sobre a existência de um fundo de paz, um fundo de hospitalidade não pertencente à ordem do político. “(...) não há intencionalidade antes de e sem este acolhimento do rosto que se chama hospitalidade.” (DERRIDA, 2008, p.68). Para além de qualquer circunstância econômica, jurídica, política, existe esse fundamento, essa base incólume que sustenta os seres em qualquer tragédia, qualquer crise. A Vila ensina sobre isso brilhantemente. A realidade desaba para ela, não nas páginas dos jornais, nem na tela da televisão, ou redes sociais. Ela desaba visivelmente, pelas ruas, nas casas. E mesmo assim, a Vila ensina que tudo é uma questão de olhar. A hostilidade é uma questão de olhar, de posicionamento no mundo. E, dependendo desse modo de estar no mundo, há essa base de paz acessível, na qual podemos nos assentar. A partir da volta a esse lugar primordial, que não quer dizer mais do que o próprio silenciar, atinge-se um recurso de recriação da própria existência. E toda a realidade visível, que não é rígida, nem sólida, nem definitiva, nem intransponível, há de se transformar, magicamente.

Lista de figuras

- 1.1** – Localização do complexo de vilas dentro do município e nos bairros. Fonte: adaptado de Google Earth (Acesso em: 20 jan.2016)
- 1.2** – Aproximação da imagem de satélite, num enquadramento das vilas do entorno da Vila Tronco. Fonte: adaptado de Google Earth (Acesso em: 20 jan.2016)
- 1.3** – Aproximação da imagem de satélite, num enquadramento da Vila Tronco. Fonte: adaptado de Google Earth (Acesso em: 20 jan.2016)
- 1.4** – Mapa com esquema de fluxos da região do complexo de vilas. Fonte: autora
- 1.5** – Imagem de satélite da Vila Tronco, marcação de usos, e área incorporada pela Avenida Tronco. Fonte: adaptado de Google Earth (Acesso em: 20 jan.2016)
- 1.6** – Foto da Vila Tronco. Fonte: autora
- 1.7** – Configurações do tecido urbano que antecederam a ocupação da região do complexo de vilas. Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir dos levantamentos correspondentes: *Planta de Porto Alegre* (JACQUES, 1888); *Planta da Cidade de Porto-Alegre* (FRANCO, 1998); e *Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre* (PORTO ALEGRE, 1939-41).
- 1.8** - Aproximação do levantamento de 1939-41. Fonte: adaptado de PORTO ALEGRE, 1939-41
- 1.9** – Fotografia dos primórdios da Vila dos Comerciários, de 1975. Fonte: POSSAMAI, [201-]
- 1.10** - Panorama de 1956 do entorno da futura Vila Tronco. Fonte: imagem elaborada pela autora, a partir de levantamento de *Mosaico Aerofotográfico* (PORTO ALEGRE, 1956)
- 1.11** - Aproximação do panorama de 1956, com enquadramento da Vila Tronco. Fonte: imagem elaborada pela autora, a partir de levantamento de *Mosaico Aerofotográfico* (PORTO ALEGRE, 1956)
- 1.12** - Panorama de 1973 do entorno da futura Vila Tronco. Fonte: imagem elaborada pela autora, a partir de levantamento de *Levantamento ortofotográfico* (PORTO ALEGRE, 1973).
- 1.13** – Aproximação do anorama de 1973, com enquadramento da futura Vila Tronco. Fonte: imagem elaborada pela autora, a partir de levantamento de *Levantamento ortofotográfico* (PORTO ALEGRE, 1973)
- 1.14** - Panorama de 1981-82, com enquadramento da Vila Tronco. Fonte: imagem elaborada pela autora, a partir de *Levantamento aerofotogramétrico* (PORTO ALEGRE, 1982)
- 1.15** – Panorama de 2016, com enquadramento da Vila Tronco. Fonte: imagem elaborada pela autora, a partir de foto de satélite (Google Earth; Acesso: jan.2016)
- 1.16** – Diferentes configurações da Vila Tronco. imagem elaborada pela autora, a partir de levantamentos correspondentes: *Levantamento ortofotográfico* (PORTO ALEGRE, 1973); *Levantamento aerofotogramétrico* (PORTO ALEGRE, 1982); levantamento topográfico (PORTO ALEGRE, 1998); foto de satélite (Google Earth. Acesso: jan.2016); projeto da Avenida Tronco (PORTO ALEGRE, 2011).
- 2.1** – Desenho da linha limite desdobrada, e interioridades criadas. Fonte: autora
- 2.2** – Desenho das formas do acolhimento. Fonte: autora
- 2.3** – Foto de uma clareira na Vila Tronco. Fonte: autora
- 2.4** – Foto de fissuras na Vila Tronco. Fonte: autora
- 2.5** – Diagrama da clareira. Fonte: autora
- 2.6** – Diagrama da fissura. Fonte: autora

- 2.7** – Mapa com tecido das ruas da vila. Fonte: imagem elaborada pela autora, a partir de Levantamento Topográfico (PORTO ALEGRE, 1998).
- 2.8** – Foto da subida do Beco 5. Fonte: autora
- 2.9** – Foto da subida do Beco 5, com aproximação da clareira. Fonte: autora
- 2.10** – Foto do interior da clareira do Beco 5. Fonte: autora
- 2.11** – Foto do interior da clareira, em direção ao do Beco 5. Fonte: autora
- 2.12** – Foto do Beco 5, em direção à clareira. Fonte: Stephanie Ribeiro
- 2.13** – Foto de pequena calçada. Fonte: autora
- 2.14** – Desenho de localização da clareira do Beco 5. Fonte: autora
- 2.15** – Desenho em planta da clareira do Beco 5. Fonte: autora
- 2.16** – Desenho das curvâncias da clareira do Beco 5. Fonte: autora
- 2.17** – Raízes da paineira. Fonte: autora
- 2.18** – Soleiras na Vila Tronco. Fonte: autora
- 2.19** – Alpendre e beirais na Vila Tronco. Fonte: autora
- 2.20** – Foto de anúncio de venda de casas compartilhadas. Fonte: autora
- 2.21** – Vista da clareira do Beco 10. Fonte: autora
- 2.22** – Foto de portão e muros baixos na Vila Tronco. Fonte: autora
- 2.23** – Vista interior da clareira do Beco 10. Fonte: autora
- 2.24** – Alpendre. Fonte: autora
- 2.25** – Escada e poste na clareira do Beco 10.
- 2.26** – Fonte: autora Vista da fissura da clareira do Beco 10. Fonte: autora
- 2.27** – Janela com toalha pendurada para a rua. Fonte: autora
- 2.28** – Localização da clareira do Beco 10. Fonte: autora
- 2.29** – Desenho em planta da clareira do Beco 10. Fonte: autora
- 2.30** – Desenho das curvâncias da clareira do Beco 10. Fonte: autora
- 2.31** – Foto de escada no Beco 13. Fonte: autora
- 2.32** – Foto de escada no Beco 13. Fonte: autora
- 2.33** – Desenho de localização do Beco 13. Fonte: autora
- 2.34** – Desenho em planta do Beco 13, nível da rua e 2 pavimento. Fonte: autora
- 2.35** – Desenho das curvâncias do Beco 13. Fonte: autora
- 2.36** – Foto de roda de oficina Instituto de Integração Social. Fonte: arquivo do Instituto
- 2.37** – Foto Beco 23, em frente ao Instituto. Fonte: autora
- 2.38** – Foto Beco 23, e varanda em frente ao Instituto. Fonte: autora
- 2.39** – Vista reentrância em frente ao Instituto. Fonte: autora
- 2.40** – Confecção de cenários no Instituto. Fonte: autora
- 2.41** – Encontro da turma da graduação com juvenis do Instituto. Fonte: autora
- 2.42** – Desenho de localização da clareira e Instituto, Beco 23. Fonte: autora
- 2.43** – Desenho em planta do Beco 23. Fonte: autora
- 2.44** – Desenho das curvâncias do Beco 23. Fonte: autora
- 3.1** – Trecho da Avenida Tronco já executado, Vila Tronco Neves. Fonte: autora
- 3.2** – Mapa com Vilas abrangidas pelo traçado da Avenida Tronco. Fonte: elaboração da autora, a partir de projeto da Avenida Tronco (PORTO ALEGRE, 2011) e *Levantamento aerofotogramétrico* (PORTO ALEGRE, 1982).
- 3.4** – Casa remanescente no percurso da Avenida Tronco, Vila Tronco. Fonte: autora
- 3.5** – Projeto da Avenida Tronco. Fonte: adaptado de projeto da Avenida Tronco (PORTO ALEGRE, 2011) e *Levantamento aerofotogramétrico* (PORTO ALEGRE, 1982)
- 3.6** – Corte padrão do projeto da Avenida Tronco. Fonte: adaptado de projeto da Avenida Tronco (PORTO ALEGRE, 2011).
- 3.7** – Demolições, Vila Tronco. Fonte: autora
- 3.8** – Demolições, Vila Tronco. Fonte: autora

- 3.9** – Intervenções na área em demolição, Vila Tronco. Fonte: LAUD, 2014.
- 3.10** – Novas fachadas junto à Avenida Tronco, Vila Tronco. Fonte: autora
- 3.11** – Pintura na fachada do Postão junto à Avenida Tronco, Vila Tronco. Fonte: autora
- 3.12** – Ocupação da área em obras, Vila Tronco, 2016. Fonte: arquivo Instituto de Integração Social

Referências Bibliográficas

- ADMINISTRAÇÃO JARDIM MEDIANEIRA. **Sobre o condomínio**. Condomínio do Conjunto Residencial Jardim Medianeira. Porto Alegre, [2014]. Disponível em: <<http://jardimmedianeira.com.br/sobre-o-codominio>>. Acesso em: 01 maio 2016.
- AHRONS, Alexandre. **Planta da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre, 1896.
- ÁVILA, Fátima; ARAÚJO, Jeferson Rasquim. **Vilas da Grande Cruzeiro**. Porto Alegre: Unidade Editorial/SMC, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- CRAGNOLINI, Mónica B. **Derrida, un pensador del resto**. Lanús: Ediciones La Cebra, 2012.
- CRAGNOLINI, Mónica B. **Un mundo de fantasmas y huellas sin origen**. La Nación, Buenos Aires, 17 oct. 2004. Suplemento cultura. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/645361-un-mundo-de-fantasmas-y-huellas-sin-origen>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- DELEUZE, Gilles. **A Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Eluminuras, 1991.
- DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DERRIDA, Jacques. **El principio de hospitalidad**. Derrida em castellano. [1997]. Disponível em: <http://redaprenderycambiar.com.ar/derrida/textos/hospitalidad_principio.htm>. Acesso em: 20 out. 2016.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, Ed, da Universidade de São Paulo, 1973.
- DERRIDA, Jacques. **MAL DE ARCHIVO: Una impresión freudiana**. Derrida em castellano. [1994]. Disponível em: <<http://redaprenderycambiar.com.ar/derrida/textos/mal+de+archivo.htm>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- FATHY, Safaa. **D'Alleurs, Derrida**. Paris: Editions du Seuil, 1999. 68min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JMQDUrQ6ctM>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. 3.ed. Porto Alegre : Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- FUÃO, Fernando. **A interioridade na arquitetura**. Cadernos ProArq, Rio de Janeiro, v.14,

p.98-107, 2010. Disponível em:
<<http://fernandofuao.blogspot.com.br/#!/2012/06/interioridade-da-arquitetura.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FUÃO, Fernando. **Construir, morar, pensar**: uma releitura de Construir, habitar, pensar (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger. [s.l.], 2015. Disponível em:
<<http://fernandofuao.blogspot.com.br/#!/2015/01/construirmorar-pensar-umareleitura-de.html>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

FUÃO, Fernando. **O sentido do espaço. Em que sentido? Em que sentido?** Arqtexto, Porto Alegre, v. 3-4, p.10-40, 2003. Disponível em:
<https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_3-4/03_Fernando%20Freitas%20Fu%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

FUÃO, Fernando. **A collage como trajetória amorosa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

FUÃO, Fernando. **A porta**. Ensaios e livros. [Porto Alegre], 2016. Disponível em:
<<http://fernandofuao.blogspot.com.br/#!/2016/09/a-porta-fernando-fuao-figura.html>> Acesso em: 20 nov. 2016.

FUÃO, Fernando. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce; FUÃO, Fernando (Orgs.). **Derrida e Arquitetura**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. Disponível em:
<<http://fernandofuao.blogspot.com.br/search?q=formas#!/2015/07/httpwww.html>>. Acesso em: 20 out. 2016.

GIBRAN, Gibran Khalil. **O profeta**. Rio de Janeiro: ACIGI, 1978.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo de 2010**. Rio de Janeiro, [201-]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 out. 2016

JACQUES, João Candido. **Planta de Porto Alegre**: Capital da Província do Rio Grande do Sul compreendendo os seus arraiaes. Porto Alegre, 1888.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga**: arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

LAUD, João. Fotos: jovens colorem Vila Tronco para a Copa do Mundo. **G1**, Porto Alegre, 27 maio 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/fotos/2014/05/fotos-jovens-colorem-vila-tronco-para-copa-do-mundo.html>>. Acesso em 20 jun. 2016.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidad e Infinito**: Ensayo sobre la exterioridad. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002.

MENEGAT, Rualdo (Org.). **Atlas ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre. Ed. da UFRGS, 1998.

MORAES, A. O. ; ANTON, F. J. **Mapa da Irregularidade fundiária de Porto Alegre**. Porto Alegre: DEMHAB, 2000.

MORAES, A. O. **Poder Público Municipal e Habitação de Interesse Social em Porto Alegre**. 7. ed. [Porto Alegre], 2011. 2 v.

MORAES, Aldovan de Oliveira. Duas ou três coisas a respeito de regularização fundiária. 2. ed. Porto Alegre: DEMHAB, 2007.

PORTO ALEGRE. Departamento Municipal de Habitação - DEMHAB. **Cadastro Oficial - famílias compreendidas pela intervenção das obras da Av. Tronco.** Porto Alegre: DEMHAB, 2012a. Documento Interno

PORTO ALEGRE. Departamento Municipal de Habitação - DEMHAB. **Levantamento Topográfico, Vila Tronco/Nossa Senhora do Brasil/Neves.** Coordenação de Urbanismo – CUR. Porto Alegre: DEMHAB, 1998.

PORTO ALEGRE. Departamento Municipal de Habitação - DEMHAB. **Vila Tronco / Neves / Nossa Sra. do Brasil:** histórico da vila. Coordenação de Urbanismo – CUR. Porto Alegre: DEMHAB, [2002]. Documento Interno

PORTO ALEGRE. **Levantamento Ortofotográfico, 1973.** Esc. 1:2.000. Porto Alegre, 1973.

PORTO ALEGRE. **Mapa Topográfico do Município de Porto Alegre, 1939-41.** Esc. 1:2.000 e 1:10.000. Porto Alegre, [1941].

PORTO ALEGRE. **Mosaico Aerofotográfico, 1956.** Esc. 1:10.000. Porto Alegre, 1956.

PORTO ALEGRE. Secretaria do Planejamento Municipal – SPM. **Levantamento aerofotogramétrico, 1982.** Porto Alegre: SPM, 1982.

PORTO ALEGRE. Secretaria Extraordinária Copa 2014 - SECOPA. **Apresentação Vila Tronco.** Porto Alegre: SECOPA, 2012b. Documento Interno

PORTO ALEGRE. Secretaria Extraordinária Copa 2014 – SECOPA. **Projeto da Avenida Tronco.** Porto Alegre: SECOPA, 2011.

PORTO ALEGRE. Secretaria Extraordinária Copa 2014 – SECOPA. **Tronco Atualizações.ods.** Porto Alegre: SECOPA, 2012c. Documento Interno

POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). O que ver. **Leituras da Cidade.** Porto Alegre: UFRGS, [201-]. Disponível em: <www.ufrgs.br/leiturasdacidade>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. **Conjunto arquitetônico da FASE.** Bem tombado. Porto Alegre, [2013].

Disponível em:

<<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=48300>>. Acesso em: 24 maio 2016.

SOUZA, Célia F. de; MÜLLER, Dóris M. **Porto Alegre e sua evolução urbana.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

WEIMER, Günter. **A Arquitetura Modernista em Porto Alegre, entre 1930 e 194.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.